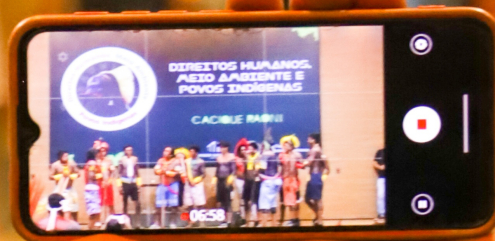


Audiovisualidades do Norte

Organização:

Ingrid Pereira de Assis

Anna Karolyne Souza Miranda



2025

#

Audiovisualidades do Norte

Organização:
Ingrid Pereira de Assis
Anna Karolyne Souza Miranda

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - UFT
EDITORIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS -
EDUFT

Reitor

Luis Eduardo Bovolato

Vice-reitora

Marcelo Leineker Costa

Pró-Reitor de Administração e Finanças (PROAD)

Carlos Alberto Moreira de Araújo

Pró-Reitor de Avaliação e Planejamento (PROAP)

Eduardo Andrea Lemus Erasmo

Pró-Reitor de Assuntos Estudantis (PROEST)

Kherlley Caxias Batista Barbosa

Pró-Reitora de Extensão, Cultura e Assuntos Comunitários (PROEX)

Maria Santana Ferreira dos Santos

Pró-Reitora de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas (PROGEDEP)

Michelle Matilde Semiguem Lima Trombini Duarte

Pró-Reitor de Graduação (PROGRAD)

Eduardo José Cezari

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESQ)

Karylleila dos Santos Andrade

Pró-Reitor de Tecnologia e Comunicação (PROTIC)

Werley Teixeira Reinaldo

Conselho Editorial

Presidente

Ruhena Kelber Abrão Ferreira

Membros do Conselho por Área

Ciências Biológicas e da Saúde - Ruhena Kelber Abrão Ferreira

Ciências Humanas, Letras e Artes - Fernando José Ludwig

Ciências Sociais Aplicadas - Ingrid Pereira de Assis

FICHA TÉCNICA:

Revisão:

Ingrid Pereira de Assis
Anna Karolyne Souza Miranda

Diagramação:

Ingrid Pereira de Assis

Projeto gráfico:

Anna Karolyne Souza Miranda
Ingrid Pereira de Assis

Foto de capa:

Angélica Lima

Copyright © 2025 – Universidade Federal do Tocantins – Todos direitos reservados

www.uft.edu.br

Universidade Federal do Tocantins (UFT) | Câmpus de Palmas
Avenida NS 15, Quadra 109 Norte | Plano Diretor Norte
Bloco IV, Reitoria
Palmas/TO | 77001-090



Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Biblioteca da Universidade Federal do Tocantins

A911

Audiovisualidades do Norte [livro eletrônico]. Organização: Ingrid Pereira de Assis; Anna Karolyne Sousa Miranda. Palmas, TO: EdUFT, 2025.
86p. (v.1); il. color.

ISBN: 978-65-5390-195-7

1. Audiovisual 2. Jornalismo 3. Telejornalismo 4. TV 5. PPGCom I. Assis, Ingrid Pereira de.
II. Miranda, Anna Karolyne Sousa. III. Título.

CDD 370.33

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

PREFÁCIO

Como dizia o professor, jornalista e pesquisador Flávio Porcello, o telejornalismo é uma praça pública, expressão que demarca sua referencialidade na vida em sociedade, envolvendo debates, diálogos, confrontos, afetos e, por que não, desafetos? É um espaço onde pessoas de diferentes origens, etnias, raças, gênero, sexualidades e classes sociais se encontram para mediar informações sobre o nosso cotidiano. Se Porcello, na instância da Rede de Pesquisadores em Telejornalismo (Rede Telejor), cunhava tal perspectiva na primeira década dos anos 2000, numa época em que a tevê era restrita ao aparelho televisor, atualmente nota-se uma ampliação da concepção: a multiplicação das telas, assim como dos seus acessos e das interações possíveis torna esta praça ainda mais plural e participativa.

As praças públicas, no plural, que emergem pelas produções jornalísticas audiovisuais também adquirem contornos próprios quando analisadas sob o viés do regionalismo. No caso da região Norte, a maior em extensão entre as cinco regiões brasileiras, não há como deixar de considerar a diversidade de povos, culturas, identidades e saberes. É um espaço geográfico que apesar de delimitado politicamente, é fluído para as populações tradicionais. Que mesmo constituído por fronteiras com sete países, é um entrelugar para muitas pessoas, como as imigrantes, que encontram resistências em seus percursos. Que mesmo com o maior percentual de população indígena entre todas as regiões brasileiras, também registra altos índices de agressão ao meio ambiente e de posicionamentos contrários às políticas que deveriam resguardar os direitos desses povos. Que mesmo diante da presença da maior floresta tropical do mundo, também convive com grandes centros urbanos.

Diante de espaços tão complexos, de disputas permanentes e históricas, o telejornalismo nortista também se mostra como um lugar de desafios, oportunidades e de problematização. Os desafios se referem a necessidade da sensibilidade e de uma formação crítica na construção das narrativas, de modo que respeite os Direitos Humanos, as cosmovisões dos povos tradicionais e que consiga refletir a diversidade regional. As oportunidades são relativas ao potencial que a região oferece para produções inclusivas, voltadas para o combate aos estigmas sociais e étnicos, ao preconceito e ao xenofobismo. Já a problematização trata-se de um convite à pesquisa científica sobre o telejornalismo na região, que ainda se mostra tímida quando comparada ao nível de produção de demais regiões.

No ano de 2024, apenas cinco Programas de Pós-Graduação estavam em funcionamento na região Norte na área de avaliação Comunicação e Informação, de acordo com dados disponíveis na Plataforma Sucupira. A quantidade é menor do que a registrada no Centro Oeste (6), Nordeste (23), Sudeste (46) e Sul (15). Ademais, tais Programas, mesmo que regulares e autorizados pela Capes, enfrentam desafios constantes oriundos da falta de investimento e de estrutura das Instituições de Ensino Superior da região, já que quatro deles foram criados nos últimos 10 anos e estão em processo de consolidação e estruturação. Por isso, iniciativas como a deste livro, organizado a partir do processo formativo no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins, se mostram relevantes para demonstrar a importância da pesquisa em Comunicação em lugares que até pouco tempo eram “desertos” de produção de conhecimento científico na área – e que, mesmo diante das dificuldades, apresentam resultados importantes.

Nesta obra, as praças públicas configuradas pelo telejornalismo se mostram multifacetadas ao perpassar por temáticas, conceitos e acontecimentos sociais e jornalísticos variados. As abordagens do midiativismo indígena e das identidades quilombolas demonstram como o telejornalismo pode ser resistência, concedendo visibilidade aos povos regionais e mobilizando pautas necessárias, como realizado pelos pesquisadores Angélica Lima Mendonça, Marco Túlio Pena Câmara e Anne Karianny de Sousa Moreira. Já a prática do jornalismo ambiental mostra-se limitada quando analisada a partir de cinco telejornais, como demonstrado por Ana Luiza da Silva Dias e Alan Milhomem da Silva – o que evidência, em uma abordagem crítica, como a região, mesmo majoritariamente inserida na Amazonia, ainda carece de um jornalismo capaz de lidar com o meio ambiente.

Já as autoras Geovanna Gomes de Moraes, Liliam Deisy Ghizoni e Anna Karolyne Souza Miranda se dedicam à cobertura da saúde mental pelo telejornalismo local do Tocantins. A temática mostra-se necessária tanto por lidar com um assunto que por muito tempo foi, e ainda é, considerado um “tabu” nas redações jornalísticas, como também por alertar que falar sobre o suicídio deve ser algo permanente nos noticiários – e não apenas restrito ao mês de conscientização. O livro ainda relata duas pesquisas envolvendo tópicos contemporâneos: a ausência de um (tele)jornalismo nortista de dados e a circulação da desinformação já no período inicial da pandemia da Covid-19, conforme desenvolvem Francielly Oliveira Rodrigues da Silva, Ingrid Pereira de Assis, José Uendel Souza da Costa e Liana Vidigal Rocha.

Navegar por cada uma dessas temáticas é conhecer um pouco do telejornalismo no (e a partir do) Norte, em uma abordagem que convoca não apenas o visível e o audível, mas aquilo que muitas vezes não está explícito no audiovisual e sim no campo da produção dos sentidos que perpassam nossas praças públicas, fora e dentro das telas.

Dr. Tarcísio Oliveira
Docente do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Roraima (UFRR)

APRESENTAÇÃO

“A ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra vivendo uma abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade de formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todos”
Ailton Krenak, em *“Ideias para adiar o fim do mundo”* (2019)

No momento que escrevo esta apresentação, uma nova imagem, transmitida pela TV, viralizou em recortes nas redes sociais e foi transformada em figurinhas nas minhas conversas de WhatsApp. Pelo menos por algum tempo, as pessoas não vão esquecer a cadeirada que o candidato a prefeito de São Paulo, Pablo Marçal, levou de seu oponente, o apresentador televisivo Datena, durante um debate na TV Cultura.

Hoje, fala-se mais disso do que da névoa de fumaça que toma a cidade em que moro, por conta das queimadas. Até a primeira quinzena de setembro de 2024, o Brasil registrou mais de 180 mil focos de incêndio, concentrando 50,6% dos incêndios da América do Sul. Isto é 108% maior em relação ao mesmo período de 2023. Nos dois casos, são as imagens impactantes (sensacionalistas?!) que viralizam pelas redes sociais, mas é notória a diferença de distribuição das informações nos dois casos.

Disso tudo, pode-se extrair que, mais do que nunca, os vídeos se consolidaram como uma forma de comunicação. Os gêneros e formatos estão cada vez mais diversos e cada vez menos distinguíveis. Independentemente de conseguirmos classificá-los, todos têm em comum o fato de construírem uma narrativa a partir de imagens dinâmicas, seja de um momento político de fúria e revolta ou a imagem de um macaco recém-nascido encontrado em meio às cinzas de uma floresta. De “A Chegada de um trem na estação”, dos irmãos Lumière até os vídeos virais, que ajudam a decidir quem ocupará um cargo público ou qual será a pauta mais discutida da semana, a audiovisualidade ganhou cores, resoluções de altíssima qualidade e uma dinamicidade que parece acompanhar a velocidade da sociedade pós-moderna.

Em contrapartida, mesmo com o barateamento e popularização dos equipamentos, afinal, hoje, é possível produzir um filme com a câmera embarcada em qualquer smartphone, as discrepâncias do acesso social a isto não se alteraram tão significativamente. O olhar de quem registra ainda é fundamental, mas equipamentos mais atuais capturam imagens com mais qualidade. Fato! Sendo assim, como é de se esperar, produzir audiovisual, seja telejornalismo ou cinema, no Norte do país, é um desafio maior. Aqui, mesmo os grandes conglomerados jornalísticos, ainda operam em dependência tecnológica das “cabeças de rede” e com atraso tecnológico. Uma câmera que não é mais usada lá, é assimilada como novidade aqui. Frisa-se que estamos falando da realidade de uma grande empresa. Nos arranjos menores, o investimento em equipamentos que permitem filmagens de qualidade saem, na maioria das vezes, dos bolsos dos próprios jornalistas.

Em meio a tantos desafios, refletir sobre as particularidades das produções audiovisuais feitas no Norte ou sobre o Norte se faz fundamental. É desta necessidade que surgiu a ideia deste livro. A audiovisualidade, aqui, é trabalhada com recorte regional, mas, ainda assim, de modo amplo, holístico e atual. Ela se entrecruza com os elementos sociais da região Norte, como na criação de narrativas acerca de uma comunidade quilombola, e atravessa a discussão sobre jornalismo de dados, por exemplo.

Este livro é o resultado da disciplina de Audiovisualidades nas mídias, ministrada por mim, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCom), da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Para além da atualidade, o maior mérito desta publicação é ser o resultado de um espaço em que pesquisadores do Norte dialogam, refletem, analisam e transformam os dados coletados e debatidos em ciência sobre o próprio Norte. É sobre nós, nossos modos de viver e as audiovisualidades que nos atravessam e transcendem. É parte da nossa luta para não ser uma abstração civilizatória...

Dr^a. Ingrid Pereira de Assis

Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da UFT

SUMÁRIO

“Ninguém vai me silenciar”: midiativismo indígena na série Vozes que resistem.....	10
O telejornalismo como agente na preservação da identidade da Comunidade Quilombola do Morro de São João, em Santa Rosa do Tocantins - TO.....	22
O meio ambiente em pauta: uma análise dos telejornais da região Norte.....	31
A Saúde Mental noticiada pelo Bom Dia Tocantins: análise da cobertura no mês do Setembro Amarelo - 2023.....	40
Reflexões semióticas sobre a desinformação: a cobertura telejornalística das primeiras mortes por Covid-19 na região norte do Brasil.....	56
(Tele)jornalismo de dados: uma análise de elementos de visualização de dados utilizados em telejornais nortistas.....	67
Notas de fim.....	80
Sobre os autores.....	83

“Ninguém vai me silenciar”: midiativismo indígena na série Vozes que resistem

Angélica Lima Mendonça

Marco Túlio Pena Câmara

Universidade Federal do Tocantins (UFT), Palmas-TO

Introdução

*“(...) Se os humanos estão em risco,
qualquer atividade humana deixa de ter importância.
Dizer que a economia é mais importante
é como dizer que o navio importa mais que a tripulação.
Coisa de quem acha que a vida é baseada em meritocracia
e luta por poder. Não podemos pagar o preço
que estamos pagando e seguir insistindo nos erros”.*
(Krenak, 2020)

Dados divulgados pela Organização das Nações Unidas (ONU)¹, em setembro de 2023, apontam que a Floresta Amazônica possui um território de 502 milhões de hectares (maior do que a União Europeia) sendo que a região da Amazônia Legal abriga em torno de 60% da floresta, além de partes de outros biomas importantes como o Cerrado e o Pantanal. Essas paisagens naturais compreendem grandes áreas contíguas, principalmente florestais, muitas das quais permaneceram relativamente intocadas no decorrer dos últimos 12 mil anos de expansão humana em terras naturais (ONU, 2023). Isto posto, fica clara a imensa relevância desse patrimônio ecológico para a humanidade.

Mesmo com toda essa notabilidade, a Floresta Amazônica e os seus habitantes ainda sofrem com a constante ameaça que paira sobre esse território, o que exige uma resposta coletiva e urgente. Nesse contexto, emerge a série audiovisual “Vozes que resistem”², produzida pela agência de jornalismo independente e investigativo Amazônia Real, que se destaca como uma plataforma que amplifica as causas e os discursos de ativistas que lutam em prol da preservação da região amazônica no Brasil.

Visando garantir um recorte mais afinado e específico para a realização deste trabalho, escolhemos, dentre os seis episódios que compõem a série, as duas produções que apresentam como personagens centrais, pessoas indígenas. Desta maneira, foram elencados o episódio quatro, Belo Sun - O Fim do Xingu, e o episódio seis, Vanda Ortega Witoto: ‘Ninguém Vai Me Silenciar’.

Mergulhamos nas narrativas de denúncias contra a degradação da Amazônia e, consequentemente, contra a degradação da vida humana daqueles que se dispõem a defender causas ambientais naquela região. Este trabalho pesquisa, partindo da análise de conteúdo e utilização de métodos quantitativos e qualitativos, as falas das personagens indígenas que protagonizam os vídeos selecionados como objetos desta pesquisa; para identificar, classificar e quantificar categorias discursivas definidas com base nos temas recorrentes nas falas das personagens, de modo a construir um mapeamento discursivo do midiativismo presente no material.

A análise foca no âmbito do midiativismo relacionado às causas ambientais e sociais, que afetam diretamente os povos amazônidas, neste caso, os povos indígenas. O tipo de análise e métodos utilizados nesta pesquisa se justificam pela consonância destes com o objetivo aqui proposto. Como afirma Bardin (1977, p. 38): “A análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”.

Para prosseguir com as análises, definimos as categorias discursivas mais recorrentes presentes nos discursos dos indígenas. Aqui, elucidamos o termo categoria discursiva como sendo a definição atribuída aos trechos das falas (discursos) dos homens e mulheres indígenas, em que é possível observar o destaque de temas como resistência, identidade, descaso, medo, dentre outros.

Concluída a etapa de identificação e definição das categorias discursivas, partimos para a

comparação destas em cada vídeo e verificação de possíveis conexões e/ou contradições entre elas. Após o entrelaçamento de dados, avaliamos os resultados baseados no conceito de midiativismo, apresentado por Braighi e Câmara (2018). Os autores sinalizam as diversas possibilidades que um registro midiático pode reter e oportunizar, destacando que este apenas se torna um dispositivo midiativista a partir do momento em que: “visa necessariamente amplificar conhecimento, espalhar informação, marcar presença, empreender resistência e estabelecer estruturas de defesa.” (Braighi; Câmara, 2018, p. 36).

Dessa forma, acreditamos que a divulgação de produções audiovisuais que contemplam denúncias de ameaças sofridas por ativistas e indígenas, na região da Amazônia Legal brasileira, apresentam características midiativistas, a partir do uso desses dispositivos midiáticos, que vão além da configuração de registro. Entendemos que esses produtos se firmam como possibilidades de amplificação das vozes desses agentes sociais (ativistas e indígenas), aqui representados pela série Vozes que resistem. Assim, buscamos classificá-la como produto midiativista amazônido, considerando as especificidades de produções locais e do recorte da Amazônia Legal e suas potencialidades discursivo-midiáticas.

Aspectos metodológicos para análise dos vídeos

A metodologia empregada para a realização deste trabalho é composta por quatro etapas principais: a primeira é a seleção de dados documentais (escolha dos episódios), a segunda é o tratamento de dados, a terceira é a análise de conteúdo e, por fim, a categorização oriunda desta análise de conteúdo, que denominamos como discussão da análise.

Na condução da pesquisa foi adotada a análise de conteúdo com uma abordagem quantitativa-qualitativa que permitiu obter uma compreensão apurada sobre os conteúdos expressos nas produções audiovisuais, unindo a descrição, categorização/classificação e interpretação de informações de caráter qualitativo à análise de estatísticas e dados numéricos. Bardin (1977, p. 38) corrobora com nossa escolha, quando considera que “a intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção ou, eventualmente, de recepção são inferências estas que recorrem a indicadores (quantitativos ou não)”.

Ainda na primeira etapa, a coleta de dados documentais, elencou-se os episódios a serem analisados. Após selecionados, partimos para a segunda etapa da metodologia. Para tanto, realizamos a decupagem dos vídeos, a identificação e a definição de categorias discursivas relacionadas ao midiativismo, especificamente, ativismo ambiental e causas indígenas. Partiu-se da hipótese de que as produções audiovisuais selecionadas como objetos desta pesquisa amplificam as vozes dos ativistas indígenas, que atuam na região amazônica e, assim, enquadram a série como sendo um produto midiativista.

A análise de conteúdo é a terceira etapa. A partir da decupagem de cada um dos vídeos, identificamos as categorias discursivas presentes nas explanações dos indígenas. Portanto, nesta fase da pesquisa, observamos e definimos, de acordo com os temas evidenciados em cada trecho das falas, cinco categorias discursivas: Discurso Identitário (DI), Discurso de Resistência (DR), Discurso de Degradação Ambiental (DDA), Discurso de Medo (DM) e Discurso de Descaso Institucional (DDI). Ao utilizar esses critérios, o estudo se ancora nas estruturas de modelo de análise de conteúdo, firmado por Bardin (1977).

Por fim, enquanto discussão da análise, procuramos por padrões e temas recorrentes entre os dois episódios. As análises seguiram com a realização da categorização e codificação para identificar padrões e temas emergentes relacionados à preservação ambiental e às denúncias. Assim, pretende-se apontar para resultados que mostrem como esses temas são abordados nesses produtos audiovisuais, a fim de indicar índices e métricas de repetição que cheguem a uma padronização discursiva, firmando-se como característica midiativista.

Amplificando vozes: os vídeos como produções midiativistas

Para realizar as análises dos conteúdos identificados e aferidos neste trabalho, usamos o conceito

de midiativismo. Ainda que seja um fenômeno empírico dinâmico, alguns trabalhos ponderam sobre sua conceituação, permitindo, assim, a amplitude de trabalhos acadêmicos e práticos a partir da observação e consumo de produtos midiáticos, que carregam tais classificações e se firmam como meio de transformação social. Tal mudança não é nova nem se limita a produções digitais, o que permite a amplitude prática e conceitual do termo, em relação a outros historicamente observados como fenômenos midiáticos e trabalhados no campo da Comunicação e do Jornalismo.

Em uma comparação com nomenclaturas de fenômenos similares, Braighi e Câmara (2018) defendem que o midiativismo vai além da ampliação do uso de outros termos, como ciberativismo e mídia de guerrilha, por exemplo, por entender que o uso da mídia é mais complexo e amplo do que essas áreas presumem. É nesse campo de classificação e denominação que se insere este trabalho, uma vez que o objeto de análise é uma série de vídeos que estão disponibilizados também na internet, mas não se limitam a ela, em seus aspectos de produção e de linguagem.

Nesse contexto, Carroll e Hackett (2016) entendem que, devido à pluralidade de causas e identidades reivindicadas em ações ativistas que se valem de mídias, observa-se uma incerteza sobre a definição mais clara do que é o midiativismo, ainda que o considerem como um sistema de ação, distinguindo seu papel na formação social emergente.

Na abordagem conceitual do midiativismo, Braighi e Câmara (2018, p. 27) indicam que há uma busca em aprimorar sua definição, refletindo o interesse dos pesquisadores em delimitar com maior precisão o escopo do conceito. Segundo Eusebio (2018), o midiativismo pode ser compreendido como uma teoria que se vale do uso estratégico da mídia e das tecnologias de comunicação para impulsionar movimentos sociais e políticos.

Por outro lado, Sartoretto (2016) sugere que o midiativismo surge da necessidade de representar a diversidade de grupos e classes presentes na sociedade contemporânea, configurando-se, assim, como um espaço propício para a troca de informações e o debate de ideias. Mais do que representações midiáticas, o midiativismo se pauta na construção de conhecimento e ampliação de debates acerca dos sujeitos inscritos naquelas produções. Para este trabalho, consideramos dois aspectos fundamentais na caracterização do fenômeno para a classificação do produto em questão como midiativista: a instância produtora e as frentes evocadas pelo midiativismo.

Braighi e Câmara (2018) salientam que é fundamental considerar o papel de sujeitos produtores na classificação e definição de midiativismo, a partir de sua intencionalidade. Mais do que portadores do aparato midiático, por meio do qual se dá o ativismo, é com a participação de midiativistas que o midiativismo ocorre, sem excluir os atos não midiáticos nem midiaticizados. Dessa forma, o sujeito é capaz de “inscrever nos acontecimentos em curso, (inter)mediando e registrando sua narrativa” (Braighi e Câmara, 2018, p. 40).

É a partir dessa intermediação entre a realidade e o que se anseia enquanto mudança social que ancoramos nosso trabalho, pois acreditamos que só com essas ações transgressoras é que a sociedade em que tais produções estão inseridas pode cambiar (Jordan, 2002). Dessa forma, é imprescindível considerar a mudança social, e não apenas pessoal ou representacional, como o centro de ações midiativistas.

Midiativismo só se faz com midiativistas, sujeitos portadores de uma vontade solidária, que empreendem ações diretas transgressivas e intencionais, e veem as próprias capacidades de intervenção social, antes localizadas, sendo potencializadas. Isso, por meio de um registro midiático que visa necessariamente amplificar conhecimento, espalhar informação, marcar presença, empreender resistência e estabelecer estruturas de defesa (Braighi e Câmara, 2018, p. 36).

A potencialização dessas intervenções culminam em cinco frentes de atuação e reverberação do midiativismo: conhecimento, informação, presença, resistência e defesa. Por conhecimento, entende-se enquanto processo de construção. O produto midiático em questão atua, portanto, como meio para se construir o caminho para o conhecimento almejado, para além de espaços formais educativos, ainda que

possam atuar de forma complementar. Essa característica é importante para nosso objeto de pesquisa, uma vez que a série analisada figura como meio de apresentação e construção de conhecimento acerca das comunidades ali representadas.

A informação, como base do conhecimento, também figura como produto jornalístico, em uma análise comparativa com a atuação profissional que circunda este trabalho. Além disso, a informação de um produto midiativista também insere algo novo sobre um tema ainda em debate, seja pela perspectiva, definição ou outros aspectos que o constituem. Os vídeos aqui analisados promovem essa descoberta a quem os assiste como contato primário com a realidade ali retratada.

Registrar o movimento ou uma realidade, até então não muito difundida, é se mostrar presente naquele local ainda pouco explorado. Nesse sentido, os vídeos aqui representados lançam luz sobre populações e realidades pouco retratadas no grande ambiente midiático, o que configura como estratégia de presença, mesmo que digital, naquele movimento retratado ou realidade representada.

Aproximando-se do ativismo fora das mídias, a resistência e a defesa se complementam no sentido do “front” ativista, enquanto luta. Registrar a população que resiste, frente à degradação humana e socioambiental, além de ser uma importante estratégia de registro, é, também, um forte indício de defesa física e midiática, uma vez que os produtos midiáticos ali produzidos visam eternizar, de certa forma, os movimentos e populações representados.

Dessa maneira, com base em todos os aspectos e reflexões teóricas aqui apresentados, a série de vídeos a qual lançamos nossos olhares neste trabalho pode se firmar enquanto produto midiativista. Mais do que mera classificação, resgatar tal discussão e buscar sua definição são pontos importantes nesta pesquisa para considerar a prática para além do produto em sua materialidade, mas, principalmente, em sua produção de sentidos mais ampla e diversa, a partir de suas representações e mudanças almejadas. É por meio dessas produções, portanto, que ativistas das causas, que formam os vídeos, buscam mudar coletivamente o ambiente em que vivem.

“Ouvindo” as vozes que resistem – partindo para as análises

“Vozes que Resistem” é uma série de mini documentários com duração entre dois e seis minutos, aproximadamente, cuja finalidade³ é de visibilizar a luta de defensores dos direitos humanos, que atuam na amazônia brasileira. A série possui, até a data de produção deste artigo (março de 2024), seis episódios disponibilizados gratuitamente no canal de YouTube da agência jornalística Amazônia Real. A seguir, detalhamos algumas informações sobre os episódios selecionados para análise, descrevendo brevemente o conteúdo de cada um a partir de informações retiradas das sinopses das produções.

O episódio de número quatro, Belo Sun, O Fim do Xingu, mostra a luta dos Yudjá, os donos do rio, conhecidos como indígenas Juruna. As captações para o documentário ocorreram em fevereiro de 2020, antes da pandemia do novo coronavírus chegar ao Brasil. A jornalista Maria Fernanda Ribeiro e o fotógrafo Cícero Pedrosa Neto visitaram a Aldeia São Francisco, que está comprimida entre dois megaempreendimentos: a usina hidrelétrica de Belo Monte e a mineradora canadense Belo Sun, que promete ser a maior mina de exploração de ouro a céu aberto do País. A Aldeia São Francisco está localizada na Volta Grande do Xingu, em Senador José Porfírio (Souzel), região de expansão do agronegócio no Estado do Pará. Sem uma terra indígena demarcada, os Juruna lutam pelo direito de serem reconhecidos e terem suas vozes ouvidas e direitos respeitados.

Figura 1: Frames 1-4 do episódio 4, da série “Vozes que Resistem”; no canto sup. dir., Francisco Juruna, fundador da Aldeia S. Francisco.



Fonte: Canal do Youtube Amazônia Real, on-line, 2024.

A produção possui pouco mais de cinco minutos de duração. Nela, quatro representantes da Aldeia São Francisco narram as dificuldades sofridas pela comunidade em virtude da implantação da mineradora Belo Sun e da usina hidrelétrica de Belo Monte.

Para realizar a análise de conteúdo dos discursos foi realizada a decupagem do episódio e, em seguida, a partir de uma leitura cuidadosa, elencadas as categorias discursivas presentes nas falas de cada uma das personagens presentes nas produções audiovisuais, seguindo as premissas da análise de conteúdo enquanto aparato metodológico. “A análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação” (Berelson; Larzesfeld, 1948, apud Bardin, 1977, p. 19).

As categorias discursivas definidas e encontradas foram cinco, sendo elas: Discurso Identitário (DI); Discurso de Resistência (DR); Discurso de Degradação Ambiental (DDA); Discurso de Medo (DM) e Discurso de Descaso Institucional (DDI).

A seguir, com o intuito de possibilitar uma melhor visualização e compreensão das análises, apresentamos uma tabela destacando as supracitadas categorias discursivas, bem como a quantidade de vezes que ocorrem nos discursos e os trechos detectados, respectivamente relacionados.

Quadro 1: Descrição das categorias discursivas e seus respectivos trechos do episódio 4, Belo Sun, O Fim do Xingu.

Categoria Discursiva	Nº de ocorrências	Trechos do discurso
Discurso Identitário (DI)	3	<p>“Juruna tem o significado de boca preta, né? É o nome Yudjá. Significa que são os donos do Rio. Nós somos um povo que não consegue viver longe do rio”.</p> <p>“A gente entrava de canoa lá para dentro, colocava a malhadeira para pegar o peixe aqui mesmo, bem dizer, na porta de casa(...)”.</p> <p>“Nós somos ligados um com o outro. A natureza é o que nos traz força, que nos traz energia, que nos traz a calma para nós lutar”.</p>
Discurso de Resistência (DR)	2	<p>“Belo Monte aconteceu sem a gente pelo menos saber o que era Belo Monte. Como a gente não tem a nossa terra ainda demarcada, tem um pedido da Funai desde maio de 2012”.</p> <p>“Eu digo para o meu povo que serviu de aprendizado para Belo, que a gente não vai deixar isso acontecer mais com Belo Sun; o que aconteceu com Belo Monte”.</p>
Discurso de Degradação Ambiental (DDA)	2	<p>“(...)Agora não dá mais que o rio não enche. A água depois dessa barragem ali do paredão que tem bem aqui próximo, ficou assim suja, suja mesmo”.</p> <p>“Só tem aquele restinho ali de terra. O resto foi desmanchar, destruir tudo cavando”.</p>
Discurso de Medo (DM)	2	<p>“A gente tem medo que aconteça com nós do mesmo jeito ou pior, porque já temos Belo Monte bem aqui dá nove quilômetros, Belo Monte daqui vai vir Belo Sun do outro lado”.</p> <p>“(...)isso aqui chega a acabar a mata. Nós vamos tudo morrer. Não é só o índio que vai morrer, não. O branco também vai morrer”.</p>
Discurso de Descaso Institucional (DDI)	2	<p>“Eles não estavam nem aí para nós. Não trouxeram aquele conhecimento que a gente, que a gente devia ter do que ia acontecer, como o Rio ia ficar, de como o peixe ia ficar. Isso foi ruim para a gente, Belo Monte”.</p> <p>“A Norte Energia veio, acabou e agora vem a Belo Sun para acabar o resto. E não é só nós aqui, é todos os parentes que estão na Volta Grande do Xingu. Todo mundo é prejudicado por essas duas empresas”.</p>

Fonte: episódio 4, Belo Sun, O Fim do Xingu, da série “Vozes que Resistem”.

Ao analisar as falas e definir as categorias discursivas é possível compreender, dentre outros aspectos, como os discursos contribuem para a construção e propagação da identidade do grupo, sua relação com o ambiente natural e as nuances culturais que permeiam as falas dos indígenas. Ficam evidentes os posicionamentos, as inquietações e as reivindicações dessas populações.

Nos trechos identificados como Discursos Identitários (DI), por exemplo, é possível observar menções que revelam as marcas das identidades individuais e coletivas do povo em questão, os Juruna, neste caso. No episódio Belo Sun, temos três ocorrências de DI, em que se nota a apresentação do povo Juruna, a origem de seu nome, suas raízes culturais e costumes. O discurso identitário é, muitas vezes, utilizado para articular pertencimento a grupos específicos, como étnicos, culturais, de gênero, sexuais, religiosos, entre outros aspectos.

Ainda no episódio quatro, verificamos a categoria Discurso de Resistência (DR) por duas vezes. Nele, percebemos a consciência dos Juruna quanto à situação sociopolítica de sua comunidade, bem como a decisão desse povo em permanecer e lutar por seu território, mesmo com investidas para que desocupem o local. Observa-se, ainda, que as falas se complementam (DI e DR) já que, ao firmarem sua identidade, consolidam a base para reivindicação e permanência em seu território, como posto na fala de Jardel Juruna, cacique da Aldeia São Francisco: “Eu digo para o meu povo que serviu de aprendizado para Belo, que a gente não vai deixar isso acontecer mais com Belo Sun o que aconteceu com Belo

Monte”.

Prosseguindo com as análises das categorias, verificamos o discurso identificado como Discurso de Degradação Ambiental (DDA), por meio do qual os indígenas demonstram suas inquietações quanto à destruição dos recursos naturais por eles utilizados para sua existência. Nessas falas ficam evidenciadas as modificações dos cenários naturais e, conseqüentemente, dos hábitos das comunidades, tais como a mudança de cursos de rios, que geram novas rotas fluviais navegáveis e, até mesmo, a presença ou escassez de peixes para a alimentação dos indígenas.

O medo é citado literalmente nos discursos, o que nos fez estabelecer a categoria Discurso de Medo (DM). Durante o vídeo, os indígenas relatam o temor por suas vidas. No episódio quatro, observamos duas falas que revelam esse receio e, também, o temor pelas vidas dos “homens brancos”⁴, devido à degradação ambiental e acidentes como já ocorridos em outros empreendimentos semelhantes a Belo Sun. “(...)isso aqui chega a acabar a mata, nós vamos tudo morrer. Não é só o índio que vai morrer, não. O branco também vai morrer” (Jardel Juruna, cacique da Aldeia São Francisco).

Findando as descrições das categorias discursivas encontradas nos conteúdos analisados, observamos, por duas vezes, a presença do Discurso de Descaso Institucional (DDI), por meio do qual os indígenas expõem seu descontentamento e denunciam a indiferença das autoridades públicas diante das situações de degradação e abuso envolvendo a comunidade. “Eles não estavam nem aí para nós. Não trouxeram aquele conhecimento que a gente, que a gente devia ter do que ia acontecer; como o rio ia ficar, de como o peixe ia ficar; Isso foi ruim para a gente” (Jardel Juruna, cacique da Aldeia São Francisco).

A categorização discursiva permite explorar significados mais profundos e contextos culturais presentes nos testemunhos, bem como quantificar a ocorrência dos temas de cada categoria. Sobre os métodos quanti-quali, Bardin (1977, p. 21) destaca que:

Na análise quantitativa, o que serve de informação é a frequência com que surgem certas características do conteúdo. Na análise qualitativa é a presença ou ausência de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características de um determinado fragmento de mensagem que é tomado em consideração.

Dessa forma, considerar a frequência dessas características e categorias aqui elencadas é importante para encontrarmos um padrão de ocorrência do conteúdo analisado. Isso nos dá base para apontarmos quais tipos de discursos são mais evocados nos vídeos, seja como tema ou na relação com o midiativismo, na realidade em que busca atuar e modificar.

Gráfico 1: Presença das categorias discursivas no episódio 4, Belo Sun, O Fim do Xingu.



Vanda Ortega Witoto: “Ninguém Vai Me Silenciar”

No episódio seis, Vanda Ortega Witoto: “Ninguém Vai Me Silenciar”, conhecemos a história de Vanda, que, no dia 18 de janeiro de 2021, foi a primeira profissional de saúde e mulher indígena do Estado do Amazonas a ser imunizada com a vacina brasileira, Coronavac, produzida pelo Instituto Butantan.

As imagens da auxiliar de enfermagem usando as vestimentas tradicionais (o vestido com desenhos gráficos de sua etnia, o cocar e o maracá nas mãos) circularam por todo o Brasil. No entanto, as imagens de triunfo de Vanda Witoto, como é mais conhecida, desagradaram um grupo de homens nas redes sociais. Em 20 de janeiro daquele ano, a líder indígena sofreu agressões verbais e ataques de misoginia e racismo nas redes sociais, um ataque de violência pelas condições étnicas e de gênero. Um dos agressores, que não se refugiou no anonimato, foi o jornalista Ronaldo Tiradentes, proprietário de uma rede de comunicação de rádio, televisão e site de notícias do Amazonas. Ele afirmou que Vanda Witoto não era indígena e pegou fotos dela com roupas comuns e ao lado do marido para bradar: “O índio fake não deve tomar a vacina, o índio aldeado é que deve tomar”. Só depois de proferir as agressões verbais e as postagens viralizarem, é que Tiradentes se deu conta de sua ignorância e retratou-se publicamente.

Figura 2: Frames do episódio 6: Vanda Ortega Witoto: “Ninguém Vai Me Silenciar”.



Continuando com a análise das categorias discursivas e dos trechos, observou-se, ainda, aspectos relevantes como o protagonismo de lideranças e representantes indígenas amazônidas presentes nos episódios quatro e seis. Nas produções, lideranças indígenas, comunitárias e ambientais, que têm uma compreensão profunda da Amazônia, são as vozes que recebem destaque e têm o protagonismo da fala, trazendo suas denúncias, perspectivas e experiências relacionadas ao contexto de degradação do meio ambiente e violência intrínseca.

No episódio seis, a enfermeira indígena Vanda Ortega apresenta três falas que caracterizam um discurso identitário, em que destaca suas origens como parte integrante dos povos originários brasileiros e, também, ressalta a necessidade de ampliar a visibilidade dos povos indígenas, diante da sociedade brasileira. Ela destaca em falas, que categorizamos como Discurso de Resistência (DR), a necessidade do caráter coletivo de todas as manifestações de resistência relacionadas aos povos indígenas. “Se afeta um, está afetando todo um milhão de indígenas que existem hoje nesse país” (Vanda Ortega, 2021).

Tabela 2: Descrição das categorias discursivas e seus respectivos trechos, episódio 6: Vanda Ortega Witoto:

Categoria discursiva	Nº de ocorrências	Trechos dos discursos
Discurso Identitário (DI)	3	<p>“E não digam que eu não sou indígena. Eu sou originário. Eu tenho um território. Eu tenho um rio sagrado. Eu tenho uma terra. E eu não sou aldeada. Eu não sou aldeada. Há mais de dez mil anos; nós sempre fomos livres nesse país. Os brancos, os militares que nos enclausuram. Não existia demarcação. O índio vivia livre, os indígenas, os povos originários, viviam livres nesse território. A colonização que deu nome a essas coisas horríveis. Que nos mata, que nos exclui, que nos pune, que nos criminaliza. Aqui, nesse coração que vem da terra, eu sou uma formiga. Meu clã é de saúva. Eu sou uma formiga brava. Meu nome é Derek. Eu venho do centro dessa terra. Eu carrego nesse coração a Mãe Terra que me faz ecoar essa luta. E eu não me calarei pra ninguém”.</p> <p>“Para mim, a decisão de aceitar é uma responsabilidade muito grande, porque eu sei da luta dos povos indígenas. E estar naquele lugar naquela noite foi um ato de resistência, um ato de luta para levantar uma grande questão que é o atendimento, o olhar para as populações indígenas em contexto urbano”.</p> <p>“O Estado que tem a maior população indígena, ter uma mulher indígena e profissional de saúde vacinada. Para gente como indígena é um fato marcante, histórico”.</p>
Discurso de Resistência (DR)	1	<p>“(…)Porém, depois que as notícias saíram nas mídias, eu fui extremamente atacada por pessoas extremamente preconceituosas com discurso de ódio, inclusive de um jornalista aqui do Estado do Amazonas, que é o Tiradentes, me chamando de picareta, de oportunista. Isso é extremamente cruel. Se afeta um, está afetando todo um milhão de indígenas que existe hoje nesse país”.</p>

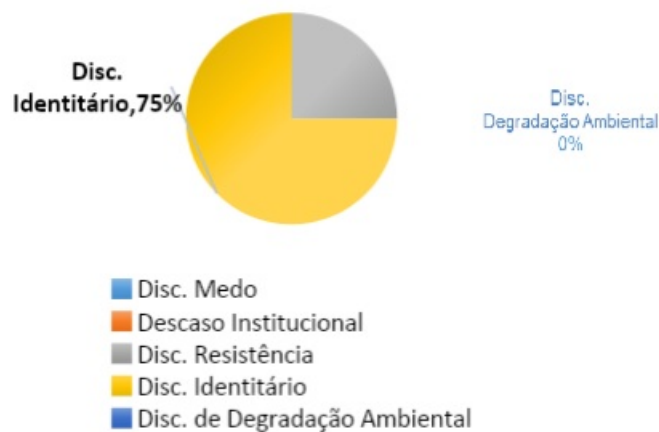
Fonte: elaborado pelos autores (2024)

Assim, percebemos que o Discurso Identitário (DI) é bem marcante no episódio seis, o que pode

causar maior identificação entre o público e as pessoas representadas, a fim de promover a mudança social almejada, a partir dessa relação aproximada, causada pela representação midiática em questão. Essa estratégia é muito utilizada em produtos audiovisuais para conquistar audiência e, mais que isso, empatia e engajamento à causa ali defendida e representada.

Gráfico 2: Presença das categorias discursivas no episódio 6, Vanda Ortega Witoto: “Ninguém Vai Me Silenciar”.

Presença das Categorias Discursivas



Vitoriano e Fernandes (2018, p. 478) contextualizam os produtos midiáticos produzidos para serem veiculados em meios de comunicação como instrumentos de ativismo, quando afirmam que:

(...) ao mediar e silenciar (ou dar voz) a memória, fazer confluir e/ou apartar posições-sujeito e criar condições de possibilidades para o enfrentamento político. Nessa instância, modela-se o ativismo: capaz, em situação ideal, de deslocar a inércia do povo para a movimentação no centro das reivindicações sociais.

Dessa forma, o Discurso Identitário (DI) neste vídeo figura como ponto central enquanto manifestação ativista, a partir da movimentação provocada pelo grupo retratado, por meio desse produto midiático. Embora o vídeo ainda empreenda resistência, enquanto característica midiativista e categoria discursiva, é a partir da identidade que a narrativa do vídeo é construída e seu potencial de mudança é compreendido.

Considerações finais

Diante das observações apresentadas, é evidente que as produções audiovisuais examinadas neste estudo demonstram características alinhadas com o conceito de midiativismo, delineado por Braighi e Câmara (2018). Ao avaliarmos os conteúdos e os resultados à luz desse arcabouço conceitual, torna-se claro que tais produções se configuram como produtos midiativistas, pois buscam, conforme os parâmetros delineados pelos referidos autores, amplificar conhecimento, disseminar informações, marcar presença, empreender resistência e estabelecer estruturas de defesa.

Os depoimentos compartilhados nas narrativas exploram experiências e perspectivas pessoais, consolidando uma base emocional que reforça a importância intrínseca de preservar a floresta amazônica. A convergência desses testemunhos, dentro das produções, complementa o sentido geral da

produção que, após as análises, consideramos configurar como midiativista.

A hipótese inicial que norteou este trabalho, indicando que o registro e a divulgação de produções audiovisuais, contendo denúncias de ameaças enfrentadas por ativistas na Amazônia Legal brasileira e pelos povos indígenas, poderiam se constituir como poderosos dispositivos para amplificar suas vozes, foi corroborada pelas análises aqui empreendidas. Portanto, acreditamos que a série “Vozes que resistem”, ao destacar as adversidades enfrentadas por esses agentes e pelas populações amazônicas, emerge como um exemplo concreto de produto midiativista. A visibilidade conferida por essas produções se mostra essencial para sensibilizar o público e chamar a atenção para as questões socioambientais na região.

Assim, ressalta-se a importância do midiativismo como instrumento de mobilização e conscientização, sobretudo, em contextos em que os desafios socioambientais são prementes. A série “Vozes que resistem” não apenas cumpre a função de documentar e denunciar as ameaças na Amazônia, mas, também, desempenha um papel fundamental ao fortalecer as vozes dos ativistas e dos povos indígenas, contribuindo para a construção de uma consciência coletiva sobre a relevância da preservação ambiental e dos direitos humanos na região.

Por fim, consideramos que as produções audiovisuais analisadas, bem como este estudo, fornecem uma perspectiva considerável sobre como a mídia pode ser uma aliada na resistência e na defesa dos direitos humanos e ambientais, incentivando futuras pesquisas e ações voltadas para fortalecer o impacto positivo do midiativismo em diferentes contextos.

Referências bibliográficas

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Traduzido por Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRAGA, José Luiz. Sobre “mediatização” como processo interacional de referência. Anais... 15 Encontro Anual da Compós, Bauru: junho de 2006. Cd-rom.

BRAIGHI, Antônio Augusto; CÂMARA, Marco Túlio. O que é Midiativismo? Uma proposta conceitual. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (orgs.). Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. P. 25-42.

CARROLL, William K.; HACKETT, Robert. A. Democratic media activism through the lens of social movement theory. Media, Culture and Society, Reino Unido, v. 28, n. 1, 2016, p. 83-104.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.) Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005.

JORDAN, Tim. Activism! Direct action, hacktivism and the future of society. London: Reaktion Books, 2002

KRENAK, Ailton. O amanhã não está à venda. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MEDIA, Activism. In: Andrew Eusebio, 2016. Disponível em: <<http://www.andreweusebio.com/writingresearch/mediaactivism>> . Acesso em: 22 jan.2018

ONU, Nações Unidas Brasil. Equilíbrio Delicado para a Amazônia Legal Brasileira: Um Memorando Econômico. 2023. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/243804-equil%C3%ADbrio-delicado-para-amaz%C3%B4nia-legal-brasileira-um-memorando-econ%C3%B4mico>., Acesso em: 05 de mar. de 2024

SAMPAIO, Rafael Cardoso, LYCARIÃO, Diógenes. Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação. Enap, Brasília, 2021.

SARTORETTO, Paola. Ativismo midiático circunstancial: uma análise da relação entre representações midiáticas e políticas. *Animus: Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, Santa Maria (RS), v. 15, n. 30, p. 118-129, 2016.

VITORIANO-GONÇALVES, Luana; FERNANDES, Rafael. Identidades em movimento: midiativismo dos povos indígenas na materialidade videográfica Demarcação já! In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (orgs.). *Interfaces do Midiativismo: do conceito à prática*. CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. P. 475-490.

O telejornalismo como agente na preservação da identidade da Comunidade Quilombola do Morro de São João, em Santa Rosa do Tocantins - TO

Anne Karianny de Sousa Moreira

Introdução

Este artigo sintetiza os resultados obtidos em uma pesquisa realizada no âmbito acadêmico que teve como objetivo geral investigar o impacto da exposição da Comunidade Quilombola Morro de São João no Jornal Nacional, durante o Festejo das Almas Santas Benditas. A Comunidade está localizada ao Sul do Estado do Tocantins, próxima à cidade de Santa Rosa, cerca de 120 km da capital Palmas.

A investigação se desdobrou em três objetivos específicos. Em primeiro lugar, analisou-se como a cobertura televisiva da comunidade quilombola pelo Jornal Nacional contribuiu para sua visibilidade perante a sociedade brasileira. Em seguida, avaliou-se as representações e narrativas veiculadas pelo referido telejornal sobre o Festejo das Almas Santas Benditas e a Comunidade Quilombola do Morro de São João. Por fim, investigou-se as reações e respostas da própria comunidade em relação à sua exposição na mídia, levando em consideração sua identidade cultural e social.

A edição do Jornal Nacional foi veiculada no dia 02 de novembro de 2017, data em que o programa fez um compilado dos rituais no Dia de Finados em várias localidades do país, inclusive o Tocantins. O Estado foi representado pela Comunidade Quilombola do Morro de São João, que celebrou o Festejo das Almas Santas Benditas. O estado do Tocantins, é rico em manifestações culturais e possui diversas comunidades que preservam as tradições de seus antepassados, entre as principais expressões destacam-se: os festejos de Santos Reis no município de Fátima, a Festa do Divino nas cidades de Natividade e Monte do Carmo, a Romaria do Senhor do Bonfim no município de Natividade, a Festa do Congo em Santa Rosa do Tocantins, entre outros (Barbosa, 2017).

O Festejo das Almas Santas Benditas foi noticiado em diversas mídias locais, em canais de televisão e plataformas online, sendo mostrado inclusive em jornal de abrangência nacional. Essa visibilidade e a forma como foi demonstrado o processo da festividade, elevou a autoestima dos moradores ao perceberem que a tradição local teve repercussão nacional. Os espaços de comunicação, principalmente a televisão, contribuem para a moldura de percepções, valores e comportamentos.

A Comunidade Quilombola Morro de São João

A seguir, apresentamos brevemente a Comunidade Quilombola Morro de São João e o ritual do Festejo das Almas Santas Benditas. Em 20 de abril de 2007, foi criada a Associação da Comunidade Quilombola Morro de São João. Uma entidade fins lucrativos, conforme Moreira (2009), que tem por finalidade desenvolver ações sociais, educativas, culturais e projetos socioeconômicos que se fazem necessários para a preservação e desenvolvimento da comunidade.

Para conservar essas tradições, a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 torna legítimas as terras dos quilombos e garante o direito à terra a seus moradores. O artigo 68, da constituição diz: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o estado emitir-lhes aos títulos respectivos” (Brasil, 1988). No entanto, muitas comunidades remanescentes de quilombos, até hoje, ainda lutam contra o governo para ter direito a seus títulos de terra, pois há muita disputa entre madeireiros, mineradores e grandes latifundiários.

A tradição da comunidade é manter os terrenos dentro da própria família, pois os residentes

possuem um vínculo muito forte com a terra, haja vista que, o território faz parte da trajetória e identidade. Reiterando a importância da terra para os quilombolas, a Secretaria de Estado e Cultura do Estado do Tocantins (2022) corrobora com a ideia de que as comunidades presentes no estado têm características culturais especiais que as tornam diferentes umas das outras e da sociedade.

Essas respectivas comunidades compartilham semelhanças no modo como usam e se conectam com a terra onde vivem. Essa terra é fundamental para a produção do alimento e da sustentabilidade ambiental. Além disso, é o lugar onde os ancestrais são enterrados, o que cria um forte senso de pertencimento. É como se as tradições culturais dessas comunidades estivessem profundamente enraizadas na terra, resistindo às mudanças causadas pelo homem e pelo tempo.

A diversidade cultural é um dos pilares que sustenta a riqueza e a singularidade do Brasil, uma nação construída por uma multiplicidade de povos e culturas ao longo de sua história. Entre os diversos grupos étnicos e culturais que compõem o país, as comunidades quilombolas desempenham um papel fundamental na preservação da identidade cultural (Santos, 2020).

Conforme mencionado anteriormente, a Comunidade Quilombola Morro de São João realiza o Festejo das Almas Santas Benditas para homenagear os entes falecidos. O festejo ocorre no Dia de Finados, 02 de novembro, e o seu objetivo é reverenciar os escravos mortos, é uma forma de lembrar-se dos entes que já partiram, além de resgatar o sentido sociocultural da comunidade por meio dessas expressões tradicionais que sobrevivem ao tempo.

O festejo inicia-se às 5h da manhã, familiares do rei e da rainha são responsáveis pela preparação da alimentação, os congos usam suas vestes e tais roupas seguem o modelo original, são elas que caracterizam os homens que dançam durante o festejo. As vestes são brancas e feitas de saco de estopa. As peças utilizadas na cintura são saíotes com comprimento abaixo do joelho, as camisas são de manga curta e, na cabeça, um adorno feito com penas de ema (essas peças são guardadas há décadas e reaproveitadas ano após ano), em forma de arco, de cor prata, simbolizando uma coroa (Santos, 2020).

O local de partida dos fiéis é a igreja. A partir da reunião do povo, os fiéis marcham para a casa do imperador para a realização do desjejum. Durante o percurso, os congos expressam a tradição por meio da dança, conhecida como congada. Segundo Turner (2008, p. 209), “a canção popular nasce, em numerosos casos, dos cantos religiosos, se não da liturgia, pelos menos da paraliturgia”. A seguir, apresentam-se duas cantigas tradicionalmente cantadas durante o festejo:

“Ô passarinho Alegre
Alegre vou cantando
Para as Almas Santas Benditas
Que nós tamo
Festejando” (bis)

“Jariê, Jariê, oia Congos como está?
Os Congos minha gente, oiacongos
Como está?
“È... Pretinha, do Rosário.
“É... Lundu cai fora!”

Para presidir as missas no campo santo (cemitério), faz-se necessário um padre. Por esse motivo, raramente acontecem missas, pois o padre responsável da região está sempre presidindo a missa na igreja matriz, localizada na cidade de Santa Rosa. De acordo com a tradição, os moradores podem enfeitar os túmulos com flores e acender velas, em homenagem aos mortos. Posteriormente, a população retorna à sede do evento na comunidade para o momento da confraternização. Em continuidade ao dia festivo, surgem danças como a sússia e a famosa Jiquitaia ao som dos batuques e tambores.

Procedimentos metodológicos

Em termos metodológicos, a pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa foi o arcabouço adotado no presente estudo, ensejando um levantamento de dissertações, artigos, e livros, pressuposto essencial para embasamento de referências conceituais e teóricas. Para a condução da pesquisa, utilizamos como método a análise de conteúdo. Na concepção de Bardin (2011), ao utilizarmos a análise de conteúdo, três fases são essenciais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. O termo análise de conteúdo implica no conjunto de técnicas de análise de comunicação na qual pode ser empregada em discursos diversos na comunicação.

Conforme Marconi e Lakatos (2003) a pesquisa qualitativa visa realizar a análise e interpretação dos dados de forma detalhada, a fim de elucidar fatos e alcançar um determinado objetivo. No caso da pesquisa bibliográfica, essa é definida com base em materiais publicados, com fontes variadas.

A coleta de dados compreendeu a obtenção da edição do Jornal Nacional veiculada em 02 de novembro de 2017. Nesta etapa, realizou-se uma análise do conteúdo da edição, com identificação de representações, narrativas e enquadramentos relacionados à comunidade quilombola e ao evento em questão.

Foram conduzidas entrevistas semiestruturadas com membros da Comunidade Quilombola Morro de São João, incluindo aqueles que foram apresentados no Jornal Nacional e outros que não estavam presentes na exposição. O link das perguntas elaboradas no Google Forms foi enviado via WhatsApp para 11 participantes da entrevista.

Análise da reportagem no Jornal Nacional e as reações da comunidade frente à exposição

A dimensão social do conhecimento ocorre por meio da interação entre sujeitos e objetos, através da troca de concepções, ideias, pensamentos, vivências e sentimentos. Essa formação interativa social é possível por causa da linguagem que é representada pelo mundo biofísico social. Nesse sentido, a linguagem assume o papel sistemático de manter a comunicação mediante uso de signos. A cultura, enquanto complexo de atividades com inclusão de comportamentos, tradições e conhecimentos de um determinado grupo social é organizada e estruturada por intervenção da linguagem, e é por meio dessa ação que o invisível pode ser tornar visível, graças à linguagem, que (re)constrói significados e permite a revelação do homem ao mundo e para o mundo.

Trazendo essa reflexão de linguagem para a nossa investigação, ousamos mencionar a hipótese de que a comunicação torna possível a interação e a convivência entre os seres humanos pela linguagem e que essa necessidade de se comunicar levou o homem a desenvolver meios viáveis e eficientes para a troca de informações.

Desde as conquistas mais antigas até as mais modernas, o que se depreende é que, em toda e qualquer época, o ser humano tem a necessidade de se informar e ao mesmo tempo transmitir conhecimento como uma característica essencial para a sobrevivência. Através do tempo, o homem sistematizou sua capacidade de comunicação e, graças a ela, sobrevive (Paternostro, 2006, p. 32).

Na presente conjuntura, enfatiza-se que o telejornalismo por representar os fatos sociais, contribui para a construção da realidade social e intervém na expressão das identidades nacionais. Em suma, é inegável que a função básica desse gênero é informar, contudo, essa comunicação pode apresentar distorções, abordagens tendenciosas e quase sempre padronizam a opinião pública. No entanto, se comparado a outras áreas da televisão, o telejornalismo tem padrões mais rígidos de comportamento:

O telejornalismo possui padrões mais rígidos de comportamento se comparado com outras áreas de produção televisiva, isto porque, em princípio, ele se propõe a tratar a realidade e, dessa forma, influenciar diretamente na vida das pessoas. Por isso, no

telejornalismo, a roupa, a gestualidade, o tom de voz e as expressões faciais são parte da reportagem, contam narrativas tanto quanto as notícias. E tudo isso reflete no produto final do texto da notícia, ou seja, na reportagem (Emerim, 2010, p. 2).

Ainda segundo a autora, a função do telejornalista é contar um acontecimento que tem um longo período de duração e vários desdobramentos. Em relação a estrutura da narrativa na reportagem, normalmente é composta por off⁵, boletim e sonora⁶ e cabeça⁷. Os telejornais possuem um papel importante na organização e apresentação das notícias. Essa estrutura dinâmica auxilia as pessoas a terem uma percepção mais clara dos acontecimentos. Além disso, o destaque de notícias as torna mais visíveis para o público.

O resultado dessa função de dar visibilidade aos fatos, complementa a ideia de Renault (2014) de que o telejornalismo objetiva informar ao público questões do presente e passado, além de auxiliar no entendimento do futuro.

O Jornal Nacional é o principal telejornal do Brasil, é veiculado de segunda a sábado no canal aberto da Rede Globo, com início às 20h30 com duração de cerca de 50 minutos. Houve um noticiário diferente sobre o Dia de Finados veiculado também no dia 02 de novembro de 2017 e os apresentadores do jornal neste dia foram Alexandre Garcia e Ana Luiza Guimarães.

Figura 1: Take da vinheta e logomarca do Jornal Nacional



Fonte: Globoplay.globo.com

A reportagem não foi exclusivamente sobre o Festejo das Almas Santas Benditas da comunidade quilombola Morro de São João, como aconteceu no Jornal Anhanguera 1ª Edição. O Jornal Nacional é dividido em cinco blocos, a reportagem na qual aparece o Festejo das Almas Santas Benditas foi transmitida no quarto bloco.

A reportagem teve início com o apresentador Alexandre fazendo a “cabeça”⁸ da reportagem. O Jornal Nacional fez uma espécie de compilação dos rituais em várias localidades do país: Goiás, Rio de Janeiro, Ceará, São Paulo, Minas Gerais e Tocantins. Ao todo, essa reportagem teve duração de dois minutos e 19 segundos. A fração da reportagem que abordou o Festejo das Almas Santas Benditas teve duração de 23 segundos⁹.

Figura 2: Entrevista que foi veiculada no JN.



Fonte: globoplay.globo.com

O off foi feito com a narração do repórter Ricardo Soares, de Belo Horizonte, mostrando imagens dos congos e fiéis durante o trajeto até o campo santo, do rei, da rainha e da suça. Apesar das imagens e do entrevistado serem os mesmos mostrados anteriormente no Jornal Anhanguera 1ª Edição, o off foi diferente e os trechos escolhidos para passar na matéria foram os que ressaltaram os congos dançando.

Figura 3: Trecho da reportagem no JN.



Fonte: globoplay.globo.com

Diante do exposto, a valorização e a visibilidade dessas chamadas comunidades tradicionais são pontos essenciais para a manutenção das pessoas que delas fazem parte e, conseqüentemente, para a continuidade das tradições, festejos, folclore e cultura como um todo dessa parcela do Brasil que preserva tantas histórias.

A repercussão do festejo, veiculado no Jornal Nacional, foi de grande importância não só para a comunidade, mas para o estado, pois evidenciou a cultura local repercutindo no maior telejornal do país. Essa repercussão propicia uma valorização da cultura de grupos como essa comunidade que não possuem voz na mídia de massa.

Fruto da investigação de reações e respostas da própria comunidade em relação à sua exposição na mídia, a análise leva em conta a perspectiva pessoal dos moradores da comunidade. A primeira pergunta consistiu em: “Como você ficou sabendo sobre a reportagem no Jornal Nacional sobre a comunidade?”

As respostas foram: 54,5% (seis respondentes) afirmaram que foi por meio de redes sociais, sites e whatsapp e 45,5% (cinco respondentes) souberam via televisão ou rádio. Consoante a esse cenário, os relatos são assertivos quando a questão a ser enfatizada se trata das mídias de comunicação. Esses dados são importantes para entender como os residentes da comunidade tiveram acesso às informações sobre a reportagem no Jornal Nacional.

Os resultados mostram uma preferência significativa por plataformas online, com 54,5% dos respondentes obtendo informações por esses meios. Isso indica uma mudança no padrão de consumo de notícias, com mais pessoas recorrendo a fontes online para se informar. Embora representem uma parcela menor (45,5%), a televisão e o rádio ainda são canais relevantes para a divulgação de notícias. Isso sugere que esses meios tradicionais de comunicação ainda têm um público significativo e não devem ser negligenciados. A importância dos resultados está na compreensão de como os diferentes meios de comunicação são utilizados, permitindo estratégias mais eficazes de divulgação e alcance do público-alvo.

Na sequência, a pergunta direcionada foi: “Como você se sentiu ao ver a comunidade sendo retratada em um jornal de grande audiência?”.

Entrevistado 1: Sentimos valorizados por esta mostrando nossa cultura pro mundo.

Entrevistado 2: Feliz de mais.

Entrevistado 3: Muito grata por vê minha comunidade a ser divulgada em nível nacional.

Entrevistado 4: Como quilombola desta comunidade senti e vi a trajetória da história dos afro-brasileiros sendo resgatada e difundida.

Entrevistado 5: Sentir emoção grande, por ver minha Comunidade no Jornal.

Entrevistado 6: Senti importante e valorizada.

Entrevistado 7: Prestigiada, pois sou da Comunidade Quilombola Morro de São João.

Entrevistado 8: Senti visto, enxergado, simplesmente pelo fato do Brasil ainda ser um país racista, onde o preto é visto como sendo inferior ao branco.

Antes de analisarmos as respostas no geral, é relevante mencionar que das 11 pessoas entrevistadas, apenas oito responderam essa questão.

Os resultados fornecem uma visão valiosa sobre como os entrevistados se sentiram ao verem a comunidade retratada em um jornal de grande audiência. A maioria das respostas indicam um sentimento positivo de valorização cultural e identidade da comunidade. Expressões como "sentimos valorizados", "grata por ver minha comunidade divulgada" revelam orgulho pela representação positiva da comunidade perante um público amplo. Alguns entrevistados destacam o aspecto histórico e identitário, mencionando a importância de resgatar a história dos afro-brasileiros e das comunidades quilombolas. Isso revela uma valorização não apenas da representação atual, mas também do reconhecimento da herança cultural e histórica.

A importância desses resultados reside na compreensão do impacto emocional e identitário que a representação na mídia tem sobre os membros da comunidade. Isso evidencia a relevância de lugar de fala e visibilidade, com a promoção da identidade e pertencimento.

Em continuidade, a próxima pergunta consistiu em: “Você acha que a reportagem conseguiu retratar os traços da cultura da Comunidade Morro de São João?” como resposta, 100% das pessoas disseram “sim”.

Mediante essas respostas, entendemos que na concepção dos entrevistados houve uma representação significativa das nossas tradições culturais. Essa forma de demonstrar a preservação da nossa herança e diversidade cultural emanou uma espécie de voz e visibilidade às identidades únicas e às contribuições desses elementos para a sociedade.

Na sequência, a próxima pergunta foi: “Você acha que a escolha das pessoas entrevistadas foi acertada, no sentido de conseguir representar o Festejo das Almas Santas Benditas?”, como resposta, 100% das pessoas disseram “sim”.

Como justificativa, obteve-se as seguintes respostas:

Entrevistado 1: Sim, pois foi um representante da nossa comunidade q conhece a nossa tradição, desde quando começou.

Entrevistado 2: Sim devido a grande alegria de poder ir visitar os túmulos dos entes queridos e levar a alegria ao invés do choro.

Entrevistado 3: Porque eles transmitem com segurança relatos da nossa comunidade.

Entrevistado 4: Pois são pessoas que vivenciam e fazem parte dessa manifestação cultural religiosa a muitos anos.

Entrevistado 5: Pois retratou sobre nossa cultura.

Entrevistado 6: São pessoas da Comunidade envolvidas nas tradições.

Entrevistado 7: Pois entrevistaram pessoas da nossa comunidade, da nossa origem, pessoas essas que sentem na pele o que é ser um descendente de quilombo.

Entrevistado 8: Sim, porque todas essas pessoas entrevistadas não só conhecem da história, mas como viveram por toda sua vida até hoje sua tradição.

Entrevistado 9: Sim, pelo fato de ser uma pessoa da comunidade que faz parte da cultura e das manifestações do quilombo. Eles realmente tinha poder de falar me senti representado.

Podemos perceber que nessa última questão aberta, das 11 pessoas entrevistadas, apenas nove responderam à pergunta.

Compreendemos que as respostas destacam a confiança e o sentimento de representação que os entrevistados sentiram em relação aos representantes da sua própria comunidade. Tais argumentos expressam que essas pessoas conhecem profundamente a tradição e a cultura do grupo, vivenciaram-na ao longo de suas vidas e, portanto, têm autoridade e autenticidade para falar sobre essas questões. Isso gera uma sensação de conexão e identificação, tornando as entrevistas mais autênticas e fiéis à realidade da comunidade quilombola.

A última pergunta do questionário consistiu em: “Qual o seu grau de satisfação com a reportagem, levando em conta a divulgação do Quilombo a nível nacional?” Como resposta, 90,9% (dez respondentes) disseram estar muito satisfeitos e 9,1% (um respondente) disse estar satisfeito.

Com essa representação total de satisfação, entendemos que os entrevistados expressaram positividade em relação a reportagem. Essa é uma pauta interessante para abordagem da emoção, o sentir-se satisfeito(a) expressa alegria e sentimento de visibilidade. Esperamos que essa matéria exposta possa aumentar a conscientização e a valorização da nossa comunidade.

Considerações finais

Este estudo empreendeu uma análise sobre o Festejo das Almas Santas Benditas na Comunidade Quilombola Morro de São João, comunidade a qual eu pertenço. É um culto devocional às almas dos mortos, uma forma de lembrar-se deles com alegria. A fim de entender a apropriação que a mídia faz desses rituais tradicionais e como eles são mostrados ao público, esse trabalho analisou uma reportagem televisiva relacionada ao Festejo das Almas Santas Benditas.

O Festejo das Almas Santas Benditas, sendo uma tradição de extrema importância e que ocorre todo ano, no Dia de Finados, é um momento em que são apresentadas as danças, as vestimentas, as cantigas e a simbologia herdada dos antepassados escravizados e que são passadas de geração a geração.

No cerne desta investigação, delineou-se a constatação de que o Jornal Nacional, com sua abrangência nacional, contribui para que a riqueza cultural desse povo seja conhecida em diversas partes do país, além deles poderem ver-se retratados na televisão, esse meio tão popular no Brasil. Com a veiculação da reportagem no âmbito nacional, a comunidade se sentiu reconhecida e com sua cultura valorizada. Nesse sentido, as pesquisas contribuem para que mais comunidades tradicionais sejam conhecidas e valorizadas. Isso traz um forte sentimento de pertencimento e faz crescer a admiração pela localidade em que vivemos.

A sensação de invisibilidade é algo presente na realidade de muitas comunidades, resultado do racismo estrutural. A inexistência de reconhecimento e respeito pelas comunidades tradicionais é um fato, que enseja a luta diária pelos nossos direitos. Quando expressamos a felicidade pela visibilidade, significa que estamos no caminho certo e as barreiras rompidas nos dão esperança de que nossa voz será ouvida e as necessidades atendidas.

Referências bibliográficas

BARBOSA, K. S. Análise folkmediática das reportagens sobre a Festa de São Lázaro no Luzimangues, Porto Nacional – TO. Palmas, TO, 2017.

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011, 229p.

BRASIL. Constituição da República Federativa de 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 01 dez. 2023.

EMERIM, C. O texto na reportagem de televisão. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/9708590/O_texto_na_reportagem_de_televis%C3%A3. Acesso em: 01 dez. 2023.

MARCONI, M. de A; LAKATOS, E.M. Fundamentos de Metodologia Científica. - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

MOREIRA, E. de S. Modo de vida e produção da comunidade afrodescendente do Morro de São João no município de Santa Rosa – TO. 2009. 50 f. Monografia (Graduação em geografia) – Universidade Federal do Tocantins. Porto Nacional, TO, 2009.

PATERNOSTRO, V. Í. O texto na TV: manual de telejornalismo/Vera Íris Paternostro; Colaboração de Eduardo Marotta. – 2.ed., ver. e atualizada. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

RENAULT, L. Webtelejornalismo. Editora: E-Papers; 1ª edição, 2014, 250p.

SANTOS, Nayara Kallinne Cândido. Comunidade Quilombola Morro São João no Município de Santa Rosa do Tocantins: memórias e território. 2020. 120 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Geografia)

- Universidade Federal do Tocantins - Campus Universitário de Porto Nacional.

TOCANTINS. Secretaria da Cultura. Comunidades Quilombolas. 2022. Disponível em: <https://www.to.gov.br/secult/comunidades-quilombolas/6njfrsueiva>. Acesso em: 03 nov. 2023.

O meio ambiente em pauta: uma análise dos telejornais da região Norte

*Ana Luiza da Silva Dias
Alan Milhomem da Silva*

Introdução

No cenário atual, marcado por uma crescente conscientização sobre a urgência das mudanças climáticas, o termo “Ebulição Global” surge como forma de descrever as rápidas e alarmantes alterações climáticas em todo o mundo. No dia 27 de julho de 2023, António Guterres, Secretário-Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), utilizou essa expressão em um pronunciamento sobre a crise climática global. Seus comentários, em tom de preocupação, foram fundamentados pelos dados divulgados pela Organização Meteorológica Mundial (OMM) e pelo Serviço Copernicus da Comissão Europeia, indicando julho de 2023 como o mês mais quente já registrado na história¹⁰.

Na região Norte do Brasil, está a maior floresta tropical do mundo. A Amazônia e uma parte do Cerrado são dois dos biomas mais afetados pelas atividades humanas, como a agropecuária intensiva, queimadas e exploração desenfreada dos recursos naturais. Em 2020, o Programa de Monitoramento do Desmatamento da Amazônia Brasileira (Prodes) estimou um desmatamento na Amazônia de 11.088 km², o que representou a maior taxa da década (Silva Junior et al., 2021). Os autores também destacam a urgência de ações bem-sucedidas para reduzir o desmatamento na Amazônia brasileira. Nesse contexto, entende-se que a preservação ambiental da região deveria, constantemente, estar presente entre os assuntos da mídia, especialmente, na mídia local.

O jornalista e pesquisador Mário Erbolato, em entrevista a Borelli (2001, p. 186), não define o jornalismo, mas para ele é possível sentir os efeitos da profissão quando ela combate injustiças, luta por melhores condições de vida e quando pede punição daqueles que se apoderam ilicitamente da coisa pública. Considerando este papel do jornalismo e a importância do meio ambiente para a perpetuação da vida, Bueno (2007) destaca que o jornalismo ambiental deve ter compromisso com o interesse público, com a democratização do conhecimento e a ampliação do debate. Dessa forma, este estudo se propõe a investigar se os telejornais das afiliadas da Rede Globo, da região Norte, produzem jornalismo ambiental, conforme os critérios definidos por Bueno (2007).

Acionando, metodologicamente, a análise de conteúdo, foram levantadas 19 reportagens sobre meio ambiente produzidas por telejornais das TVs afiliadas da Rede Globo na região Norte e disponibilizadas na plataforma de streaming Globoplay, sendo eles: Jornal Anhangüera 1ª edição (Tocantins), Jornal do Amazonas 1ª Edição (Amazonas), Jornal do Acre 1ª Edição (Acre), Jornal de Rondônia 1ª Edição (Rondônia) e Jornal Liberal 1ª Edição (Pará). Os telejornais dos estados de Roraima e Amapá não foram analisados, pois não foi possível ter acesso às edições do jornal pela mesma plataforma.

Após a identificação dos telejornais e seleção de dias, as reportagens foram selecionadas considerando se os títulos dos trechos das edições traziam palavras e expressões relacionadas à temática ambiental. Para tanto, neste estudo foram contabilizadas, analisadas e categorizadas as telerreportagens que foram ao ar nos telejornais supracitados, durante o período de sete dias consecutivos, entre os dias 28 de julho e 4 de agosto de 2023. A escolha do período de análise utilizou a declaração do secretário-geral da ONU sobre ebulição global como ponto de partida para estabelecer um recorte para o corpus. Isso por ser esperado que tal declaração gerasse alguma repercussão local, dada a sua importância.

Após a identificação, foi feita a categorização das notícias conforme as funções do jornalismo ambiental (Bueno, 2007), que são explicadas no próximo tópico. Escolheu-se uma abordagem quantitativa para a análise, levando em consideração, também, as características do jornalismo ambiental. Diante disso, este artigo se estrutura em quatro partes. Na primeira, são apresentados os conceitos e funções do jornalismo ambiental; posteriormente, são descritos os procedimentos metodológicos; em

seguida, destaca-se a análise dos dados, aplicação da metodologia e resultados; e, por fim, são feitas algumas considerações finais, a partir dos achados apresentados nesta pesquisa.

Jornalismo ambiental

O jornalismo ambiental é um campo de atuação do jornalismo, que se dedica a informar sobre questões ambientais, como mudanças climáticas, poluição, desmatamento e preservação do meio ambiente. Conforme Belmonte (2017), o jornalismo ambiental é uma área do jornalismo especializado, que surgiu no Brasil, atrelado ao jornalismo científico, no final do século XX. Antes do conceito de jornalismo ambiental ser aprofundado, é importante fixar o que é meio ambiente. Por isso, neste trabalho, meio ambiente será tratado a partir da definição de Bueno (2007, p 37):

Meio ambiente é o complexo de relações, condições e influências que permitem a criação e a sustentação da vida em todas as suas formas. Ele não se limita apenas ao chamado meio físico ou biológico (solo, clima, ar, flora, fauna, recursos hídricos, energia, nutrientes, etc.), mas inclui as interações sociais, a cultura e expressões/manifestações que garantem a sobrevivência da natureza humana (política, economia, etc.).

Agora, no que tange ao jornalismo ambiental, o autor esclarece que existe a comunicação ambiental e o jornalismo ambiental, que não devem ser confundidos. Enquanto o primeiro se enquadra em todo tipo de comunicação, como um panfleto sobre algum evento ambiental, o segundo é caracterizado por produtos gerados a partir do trabalho de um jornalista, que podem ser publicados tanto em veículos de massa quanto em veículos especializados. De forma simplificada:

[...] podemos conceituar o Jornalismo Ambiental como o processo de captação, produção, edição e circulação de informações (conhecimentos, saberes, resultados de pesquisas, etc.) comprometidas com a temática ambiental e que se destinam a um público leigo, não especializado (Bueno, 2007, p. 35).

Ainda como parte fundante do jornalismo ambiental, Bueno (2007) destaca as funções básicas deste tipo de jornalismo, que são: a informativa, a pedagógica e a política. Conforme o autor, a função informativa preenche a necessidade que os cidadãos têm de estar em dia com os principais temas que abrangem a questão ambiental, considerando o impacto que determinadas posturas (hábitos de consumo, por exemplo), processos (efeito estufa, poluição do ar e água, contaminação por agrotóxicos, destruição da biodiversidade etc.) e modelos (como o que privilegia o desenvolvimento a qualquer custo) tem sobre o meio ambiente e, por extensão, sobre a sua qualidade de vida.

Com relação à função pedagógica, Bueno (2007) afirma que trata da explicitação das causas e soluções para os problemas ambientais e da indicação de caminhos (que incluem, necessariamente, a participação dos cidadãos) para a superação dos problemas ambientais. Já a função política tem a ver com a mobilização dos cidadãos para fazer frente aos interesses que condicionam o agravamento da questão ambiental. Inclui-se, entre esses interesses, a ação de determinadas empresas e setores que, recorrentemente, têm penalizado o meio ambiente para favorecer os seus negócios.

Dornelles e Grimberg (2012) ressalta que a questão ambiental, frequentemente, figura em discussões, mas, em sua maioria, é abordada de maneira periférica, focalizando critérios como raridade, espetacularidade, beleza física, o incomum, o inesperado e, principalmente, ações criminosas, que são o cerne da cobertura policial. No entanto, outros eventos são noticiados sem que haja uma clara vinculação com o meio ambiente, algo observado com frequência nas seções de economia ou política. Para as autoras, a abordagem ambiental, especialmente no telejornalismo, “ocorre por um viés alarmista,

dramático, sendo priorizados os fatos como catástrofes e riscos ambientais” (Dornelles; Grimberg, 2012, p. 70). Além disso, se baseiam em critérios de noticiabilidade como a proximidade, atualidade e interesse, além das principais fontes serem oficiais e especialistas.

Bueno (2007) ainda destaca outras características do jornalismo ambiental, como pluralismo, diversidade, multidisciplinaridade e engajamento político. Para ele, o jornalismo não deve dar espaço para a utopia da isenção, já que nesse meio, deve ter lado. O autor alerta para algumas síndromes que o jornalismo ambiental enfrenta e que impedem que as características anteriores sejam cumpridas. Essas síndromes, conforme Bueno (2007), são a síndrome do zoom, que tem a ver com a fragmentação da notícia; a síndrome do muro alto, que despolitiza o debate ambiental e favorece o discurso das elites; a lattelização das fontes, que diz respeito à predominância de especialistas como fontes, distanciando-se da pessoa comum; a síndrome das indulgências verdes, que tem a ver com o marketing feito para maquiar as ações de grandes empresas, que muito contribuem para a degradação ambiental; e a síndrome da baleia enalhada, que foca na espetacularização do desastre ambiental, sem se preocupar com as causas.

Considerando que são muitas as características do jornalismo ambiental, este trabalho não irá compreender todas elas, por isso, atém-se apenas às funções do jornalismo ambiental, anteriormente explicadas, como forma de identificar se os telejornais das afiliadas Globo, na região Norte, realizam jornalismo ambiental.

Metodologia

Esta pesquisa se caracteriza como descritiva e utiliza os conceitos de meio ambiente, jornalismo ambiental e suas respectivas funções, a partir de Bueno (2007), com o objetivo de verificar se os telejornais das afiliadas da Rede Globo da região Norte produzem jornalismo ambiental. Conforme Gil (2002), as pesquisas desse tipo visam descobrir a existência de associações entre variáveis, além de ser um tipo de investigação que “habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática” (Gil, 2002, p. 42).

A pesquisa é descritiva, considerando a observação, o registro e análise dos dados, destacando suas características, causas e relações (Prodanov; Freitas, 2013; Gil, 2021). Ainda nesse sentido, Marconi e Lakatos (2003) destacam que independentemente do tipo e objetivo da pesquisa, deve-se descrever como se pensa em codificar e tabular os dados obtidos.

Para que as notícias relacionadas ao meio ambiente fossem encontradas, primeiro foi feita uma busca nos portais G1 de cada estado da região Norte, para que, então, os telejornais locais fossem localizados, já que tanto o portal quanto os telejornais pertencem ao Grupo Globo e suas respectivas afiliadas. O próximo passo foi utilizar a plataforma Globoplay para que, por meio da seleção de datas das edições correspondentes ao corpus deste trabalho, fosse possível observar todos os trechos dos telejornais disponibilizados pelas emissoras locais.

A plataforma de streaming Globoplay foi utilizada como recurso para se ter acesso às edições dos telejornais, pois esta é a plataforma digital de vídeos da Rede Globo. Nela, é possível encontrar os telejornais produzidos pela emissora e suas afiliadas, de conteúdos originais, filmes, novelas, programas, entre outros. O acesso aos telejornais locais é gratuito e pode ser feito pela internet ou aplicativo para smartphone. Dos sete estados da região Norte, apenas Roraima e Amapá, ambas da Rede Amazônica, não foram objetos de análise neste trabalho, porque o primeiro não disponibilizou a edição do telejornal na íntegra e, no segundo, não foram encontradas notícias relacionadas à temática no período analisado.

Aplicando o método Análise de Conteúdo, as reportagens foram classificadas de acordo com características das funções do Jornalismo Ambiental, anteriormente citadas. Bardin (2011) define que a Análise de Conteúdo ocorre em três fases: a etapa inicial consiste na pré-análise, na qual se realiza a seleção dos documentos, a formulação de hipóteses e a preparação do material para análise; a segunda fase envolve a exploração do material, incluindo a escolha das unidades, a enumeração e a classificação; por fim, a terceira etapa abrange o tratamento, a inferência e a interpretação dos dados.

O meio ambiente nos telejornais da região Norte

Ao acompanhar as publicações dos telejornais (1ª edição) das afiliadas da Rede Globo na região Norte, entre 28 de julho e 4 de agosto de 2023, foi possível contabilizar 19 notícias (Quadro 01), que têm a ver com a temática ambiental, nos cinco telejornais analisados, o que significa uma média de 3,8 notícias por telejornal.

Quadro 1: Número de notícias por telejornal.

Telejornal	Número de notícias
Jornal Anhanguera (TO)	3
Jornal do Amazonas (AM)	3
Jornal do Acre (AC)	3
Jornal de Rondônia (RO)	2
Jornal Liberal (PA)	8
Total:	19

Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

Partindo para outra etapa, que consiste na identificação das funções do jornalismo ambiental proposto por Bueno (2007) em cada notícia encontrada, os dados foram sistematizados em quadros, separados por veículo, nos quais é possível visualizar em qual função cada notícia se encaixa. Frisa-se que, nos títulos dos próximos quadros, “JA” será utilizada como sigla de “jornalismo ambiental”, apenas por questões de melhor aproveitamento do espaço.

No telejornal Jornal Anhanguera (Quadro 2), do Tocantins, foi identificada apenas a função informativa de forma parcial, nas três reportagens exibidas. Parcial porque supre a necessidade que os cidadãos têm de estar em dia com os principais temas que abrangem a questão ambiental, porém não considera o impacto que os problemas causam na vida da população. Já as funções políticas e pedagógicas não foram identificadas.

Quadro 2: Notícias e a relação com as funções do JA, no Tocantins.

Telejornal	Notícia	Funções do Jornalismo Ambiental		
		Informativo	Pedagógico	Político
Jornal Anhanguera (TO)	Corpo de Bombeiros leva três horas para controlar fogo em vegetação em quadra de Palmas	X	—	—
	Telespectador denuncia situação de desmatamento no Parque Cesamar	X	—	—
	Telespectador denuncia acúmulo de lixo nas imediações da Avenida JK em Palmas	X	—	—

No Jornal do Amazonas (Quadro 3), do estado do Amazonas, três reportagens com temática ambiental foram ao ar no período analisado. Dessa vez, a função informativa foi encontrada em apenas uma notícia, pois em “Moradores de Humaitá sofrem com fumaça de incêndio em lixão da cidade”, o fato é informado e algumas consequências também são mostradas, entretanto a causa do incêndio é desconhecida. Nas outras duas reportagens, embora seja mostrado que o desmatamento advém por ocorrência das ocupações, o foco é direcionado apenas para as ocupações e os transtornos que elas causam aos moradores dos bairros regulares e próximos ao estádio de futebol Arena da Amazônia, retratando com certo elitismo à situação.

Quadro 3: Notícias e a relação com as funções do JA, no Amazonas.

Telejornal	Notícia	Funções do Jornalismo Ambiental		
		Informativo	Pedagógico	Político
Jornal do Amazonas	Área de mata é ocupada na Zona Centro-Oeste de Manaus	—	—	—
	Área na Zona Centro-Sul de Manaus é ocupada irregularmente	—	—	—
	Moradores de Humaitá sofrem com fumaça de incêndio em lixão da cidade	X	—	—

Três notícias foram encontradas no telejornal Jornal do Acre (Quadro 4), do estado do Acre, sendo uma com função pedagógica, uma com função informativa e outra com nenhuma função identificada. A notícia com função pedagógica se trata de uma entrevista com representante da Defesa Civil do estado e, embora seja uma fonte oficial, fala das causas e consequências das queimadas na região, além de propor ações a serem tomadas pela população para evitar esse problema.

A notícia com nenhuma função identificada mostra o caso de um problema de falta de saneamento, porém esse termo não é utilizado em nenhum momento e não se propõe a, de fato, expor a situação enfrentada pela moradora e telespectadora do jornal. Já a notícia com função informativa também é uma entrevista feita com o mesmo representante da Defesa Civil do estado, porém, dessa vez, trata a falta de chuva como motivação para a estiagem, sem mencionar qualquer outra causa para a falta de chuva. Então, somente informa sobre o problema sem demonstrar as causas e soluções para tal.

Quadro 4: Notícias e a relação com as funções do JA no Acre.

Telejornal	Notícia	Funções do Jornalismo Ambiental		
		Informativo	Pedagógico	Político
Jornal do Acre	#MEAJUDAJAC1: Esgoto estourado contamina água na casa de moradores no bairro da Paz	—	—	—
	Entre junho e julho, Rio Branco registrou 480 focos de queimadas; Defesa Civil explica	—	X	—
	Estiagem no Acre: Falta de chuva e seca do Rio Acre preocupam Defesa Civil de Rio Branco	X	—	—

Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

Somente duas notícias relacionadas ao meio ambiente foram identificadas no Jornal de Rondônia (Quadro 5), no estado de Rondônia, e ambas se encaixam na função informativa de forma parcial. Embora mostrem as causas dos fenômenos da natureza, como chuva e ventania, não se aprofundam no problema. Na reportagem “Uma ventania provocou prejuízos na região do Vale do Jamari”, inclusive, o ponto principal da reportagem é o “prejuízo econômico”.

Quadro 5: Notícias e a relação com as funções do JA, em Rondônia.

Telejornal	Notícia	Funções do Jornalismo Ambiental		
		Informativa	Pedagógica	Política
Jornal de Rondônia	Chuva fora de época em Porto Velho	X	–	–
	Uma ventania provocou prejuízos na região do Vale do Jamari	X	–	–

Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

O Jornal Liberal (Quadro 6), do estado do Pará, teve uma quantidade de notícias quase três vezes superior aos demais telejornais analisados, somando oito reportagens que tinham o meio ambiente como pauta, sendo que cinco delas se encaixam na função informativa, uma na função pedagógica e duas não se encaixam em nenhuma função.

A primeira matéria, “Moradores denunciam descarte irregular de lixo e entulho no Canal do Galo, Telégrafo”, de função informativa, mostra as causas e as adversidades que o acúmulo de lixo próximo ao rio causa. A apresentadora, inclusive, cita alguns problemas, até mesmo de saúde, e ainda lembra que a cidade de Belém, capital paraense, está próxima de receber um importante evento, evidenciando que as autoridades devem tomar providências para deixar a cidade organizada.

Na matéria seguinte, “Falta de saneamento e destinação do lixo são problemas crônicos em Belém”, classificada na função pedagógica, o evento ambiental citado na notícia anterior é evidenciado, trata-se da COP-30, que será realizada em Belém, no ano de 2025.

Em uma grande reportagem, o telejornal apresenta as principais causas e consequências da insuficiência de saneamento básico na capital paraense. Isso mostra que a reportagem pode ser fruto da agenda de eventos ambientais que a cidade estava sediando e não necessariamente uma iniciativa própria para colocar os temas ambientais em pauta.

As demais reportagens do telejornal, classificadas na função informativa, também destacam os imbróglios que Belém vive com a falta de saneamento básico e excesso de lixo descartados de forma irregular. As duas matérias que não possuem nenhuma função, apenas noticiam o evento ambiental, que ocorria no estado na ocasião.

Quadro 6: Notícias e a relação com as funções do JA, no Par

Telejornal	Notícia	Funções do Jornalismo Ambiental		
		Informativa	Pedagógica	Política
Jornal Liberal	Moradores denunciam descarte irregular de lixo e entulho no Canal do Galo, Telégrafo	X	–	–
	Falta de saneamento e destinação do lixo são problemas crônicos em Belém	–	X	–
	Moradores da Passagem São Lucas no Tenoné cobram por saneamento no local	X	–	–
	Descarte irregular de lixo na Av João Paulo II causa problemas para quem passa pela Via	X	–	–
	A um mês do prazo final, situação do aterro de Marituba continua sem decisão definitiva	X	–	–
	JL1 Comunidade: moradores da Al Sta Brígida fazem mutirão para aliviar falta de saneamento	X	–	–
	Programação do evento Diálogos Amazônicos debate desenvolvimento sustentável na região	–	–	–
	Santarém recebe evento da ONU sobre desenvolvimento sustentável em preparo para a COP-30	–	–	–

Fonte: Elaborado pelos autores, 2024.

Após a análise dos dados e classificação das notícias com relação às funções do jornalismo ambiental, foi possível contabilizar e perceber que das 19 matérias analisadas, 12 foram identificadas na função informativa, duas na função pedagógica, nenhuma na função política e cinco, que, potencialmente, poderiam ser de Jornalismo Ambiental, não se encaixam em nenhuma função.

Considerações finais

O problema inicialmente proposto por esta pesquisa se baseou em identificar se os telejornais das afiliadas Globo, da região norte, realizam jornalismo ambiental. Os resultados mostraram que os telejornais realizam jornalismo ambiental de forma muito superficial. Das três funções básicas do jornalismo ambiental, propostas por Bueno (2007), nenhuma reportagem, que potencialmente poderia ser enquadrada na especialidade de Jornalismo Ambiental, alcançou os três critérios.

O objetivo geral de identificar se os telejornais realizam jornalismo ambiental em matérias com a temática ambiental foi alcançado, bem como compreender os conceitos de meio ambiente e jornalismo ambiental; categorizar as matérias que abordam questões ambientais durante o período pesquisado e classificar as matérias nas funções básicas do jornalismo ambiental: função informativa, pedagógica e política.

Quanto aos resultados, 12 reportagens, que representam 63.16% do total, foram identificadas na

função informativa; apenas duas, ou seja, 10.53% do todo, enquadraram-se na função pedagógica; nenhuma na função política; e cinco, 26.32%, não se encaixam em função alguma. Ficou claro que a pauta ambiental teve mais espaço no telejornal Jornal Liberal, do Pará, também muito pautado pela agenda de eventos ambientais do estado, enquanto o Jornal de Rondônia, do estado de Rondônia, dedicou menos tempo ao tema.

A pouca dedicação à função pedagógica nas reportagens produzidas pelos telejornais da região norte demonstram também pouca ou nenhuma preocupação com a pauta ambiental local. Isso porque, o jornalismo, ao não deixar claras as causas, consequências e não apontar possíveis soluções para problemas ambientais, deixa de cumprir sua função de comprometimento com a comunidade.

Já a inexistência de reportagens que se encaixam na função política explicita os entraves políticos que as emissoras locais podem enfrentar com relação ao poder público e/ou grandes empresas que, constantemente, penalizam o meio ambiente para favorecer os seus negócios. Dessa forma, em nenhum momento, os telejornais demonstraram qualquer tipo de pressão às empresas de saneamento, por exemplo. Com exceção do Jornal Liberal, que, em poucas matérias, mostrou-se um pouco mais incisivo nas cobranças ao governo, nenhum outro telejornal teve a mesma postura. Frisa-se que, ainda assim, nem o Jornal Liberal acionou suficientemente a função política do jornalismo ambiental.

Com relação aos telejornais da região Norte se atentarem pouco ao jornalismo ambiental e questões ambientais de forma geral, isso não quer dizer que a qualidade do trabalho seja necessariamente ruim e pode, até mesmo, apontar para problemas enfrentados pelo próprio jornalismo, como as redações cada vez mais enxutas, em que o acúmulo de funções virou rotina. Entretanto, os telejornais locais da emissora de maior audiência do Brasil, ao alcançarem mais pessoas, poderiam desempenhar melhor a divulgação de informações sobre o meio ambiente, provocar a ação da comunidade local, dar nome aos responsáveis por grandes problemas ambientais, geralmente, empresas multinacionais e omissão dos governos.

Referências bibliográficas

Bardin, L. Análise de conteúdo. São Paulo: 2011, Edições 70.

BELMONTE, R. V. Uma breve história do jornalismo ambiental brasileiro. Revista Brasileira de História da Mídia, Teresina, v. 6, n. 2, p. 110-125, 2017. Disponível em: <https://comunicata.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/6656> Acesso em: 20 nov. 2023.

BORELLI, D. L.; MARCOLINO, E. M. “Mario Erbolato: uma vida dedicada ao jornalismo”. Comunicação e Sociedade, São Paulo. v. 23, n. 36, p.183- 202, 2001. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CSO/article/download/4260/3962> Acesso em: 20 nov. 2023.

BUENO, W. da C. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente, v. 15, n. 15, p. 33-44, 2007. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/11897> Acesso em: 10 nov. 2023.

DORNELLES, B. C. P.; GRIMBERG, D. de S. Jornalismo Ambiental: análise dos critérios de noticiabilidade na web. Revista Vozes e Diálogo, Itajaí, v. 11, n. 1, p. 68-81, p. 2012. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/vd/article/view/3180> Acesso em: 25 nov. 2023.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 202.

MARCONI, M. de A. LAKATOS, E.M. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Atlas, 2017.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. De. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Porto Alegre: Editora Feevale, 2013.

SILVA JUNIOR, C. H. L et al. The Brazilian Amazon Deforestation Rate in 2020 Is the Greatest of the Decade. *Nature Ecology and Evolution*, v. 5, n. 2, p. 144–45, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41559-020-01368-x> Acesso em: 20 fev. 2024.

TOURINHO G. I. M. et al. (2015). Panorama da pesquisa em Jornalismo Ambiental no Brasil: o estado da arte nas dissertações e teses entre 1987 e 2010. *Intexto*, Porto Alegre, v. 34, p. 362–384, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.19132/1807-8583201534.362-384> Acesso em: 25 nov. 2023.

A Saúde Mental noticiada pelo Bom Dia Tocantins: análise da cobertura no mês do Setembro Amarelo - 2023

*Geovanna Gomes de Moraes
Liliam Deisy Ghizoni
Anna Karolyne Souza Miranda*

Introdução

Devido à falta de clareza do conceito de saúde mental, o qual é um termo com múltiplos significados (Amarante, 2007; Deon et al., 2020) abrangendo o bem-estar mental, tanto de indivíduos como de comunidades, tentativas de classificação correm o risco de simplificar demais a complexidade da existência humana e social. Presume-se que a saúde mental envolve um estado de bem-estar, no qual um indivíduo reconhece suas capacidades, lida eficazmente com os desafios do dia a dia, mantém uma produtividade no trabalho e contribui para sua comunidade (OMS, 2022).

Em 2019, quase um bilhão de pessoas foram afetadas por transtornos mentais (OMS, 2022). Um transtorno mental é uma condição que se manifesta por meio de uma alteração clinicamente relevante na cognição, na regulação emocional ou no comportamento de um indivíduo. Tais alterações refletem uma disfunção nos processos psicológicos, biológicos ou de desenvolvimento subjacentes ao funcionamento mental. Essas condições estão geralmente relacionadas a um sofrimento significativo ou a uma incapacidade que impacta atividades sociais, profissionais ou outras atividades do dia a dia (DSM-5-TR, 2023).

Importante ressaltar que os limites entre normalidade e patologia variam em diferentes culturas e os limiares de tolerância para sintomas ou comportamentos específicos diferem conforme o contexto social e a família (DSM-5-TR, 2023). Por isso, uma reação considerada esperada ou aceitável culturalmente, pode não se configurar como um transtorno mental. E por outro lado, desvios sociais de comportamento que não tenham uma relação justificável entre o indivíduo e a sociedade podem ser caracterizados como transtornos mentais (DSM-5-TR, 2023).

Os transtornos mentais foram a principal causa de incapacidade, afetando uma em cada seis pessoas e reduzindo a expectativa de vida dos que sofrem com problemas graves de saúde mental em média de 10 a 20 anos mais cedo que a população geral. Além disso, desigualdades sociais, crises de saúde pública, conflitos armados e mudanças climáticas são ameaças globais à saúde mental (OMS, 2022). Nos países de baixa renda, há maior risco de problemas de saúde mental e menor acesso a cuidados adequados (OMS, 2022).

No contexto global, o suicídio representa a quarta principal causa de morte entre jovens com idades entre 15 e 29 anos (World Health Organization, 2020). Ele representa uma em cada 100 mortes, sendo que 58% ocorreram antes dos 50 anos (OMS, 2022). No Brasil, a taxa de suicídio é de 6,4 por 100 mil habitantes para indivíduos de 15 a 19 anos e de 8,19 por 100 mil na faixa etária de 20 a 39 anos (Brasil, 2017). E para Região Norte do país, a incidência de suicídio entre jovens de 15 a 19 anos é superior à média nacional (Brasil, 2017).

Diante desses dados, em 2013, Antônio Geraldo da Silva, presidente da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) ganhou destaque ao introduzir a campanha internacional Setembro Amarelo no calendário nacional. Desde 2014, a ABP, em parceria com o Conselho Regional de Medicina (CRM), tem promovido divulgações e angariado parceiros para essa campanha¹¹.

O dia 10 de setembro é considerado oficialmente o Dia Mundial de Prevenção ao Suicídio, mas a iniciativa acontece durante todo o ano, com mensagens de incentivo a vida e cuidados com a saúde mental (Associação Brasileira de Psiquiatria, 2023).

Essa é a maior campanha anti estigma do mundo. Em 2023, teve como lema “Se precisar, peça ajuda!”. Todos podem e devem atuar ativamente na conscientização sobre a importância que a vida tem e ajudar na prevenção do suicídio, tema que ainda é visto como tabu. O aumento do diálogo sobre essa

questão pode ampliar as oportunidades para que pessoas que estão passando por momentos difíceis e de crise busquem a ajuda adequada¹².

Como forma de proporcionar conhecimento e acesso às pessoas que são acometidas pelos inúmeros tipos de adoecimento mental, o jornalista tem um papel importante nos meios de comunicação, é ele quem cria, investiga, media e divulga as notícias. Ele consegue fazer o elo entre quem pesquisa, fala e estuda sobre o tema e levar essas informações de forma acessível ao público (Tabakman, 2013).

A escolha do jornalismo do Tocantins foi feita com o propósito de aprofundar as pesquisas no Estado, onde pesquisadores têm estudado a temática (Vieira et al, 2019; Moraes et al, 2021; Barros, Peixoto, 2023; Alves, Ghizoni, Silva, 2023; Mota, Pimentel & Mota, 2023).

Dentro das possibilidades de pesquisar sobre Saúde Mental, realizou-se um recorte sobre o Setembro Amarelo, período dedicado à disseminação de informações e conscientização da população a respeito do suicídio (Setembro Amarelo)¹³. Diante deste contexto, tem-se a seguinte pergunta de pesquisa: Como o Bom Dia Tocantins (BDT) noticiou a temática sobre saúde mental no mês do Setembro Amarelo em 2023?

Sendo assim, o objetivo geral deste estudo é verificar como o Bom dia Tocantins tem noticiado a saúde mental no mês do Setembro Amarelo. Para alcançar o objetivo geral, pensou-se nos seguintes objetivos específicos: identificar os principais temas abordados nas notícias sobre Saúde Mental no Setembro Amarelo e verificar como o Bom dia Tocantins apresenta esta pauta.

Este artigo será estruturado da seguinte maneira: inicialmente, será apresentado um breve conceito sobre saúde e saúde mental, conectando-o ao tema do suicídio, que está diretamente relacionado ao Setembro Amarelo. Em seguida, serão discutidos alguns dados epidemiológicos e demográficos, tanto a nível global quanto regional. Posteriormente, será destacada a importância dos meios de comunicação na disseminação de informações e na redução de estigmas, com foco especial no telejornalismo. Nos próximos tópicos abordar-se-á a respeito do método utilizado, posteriormente os resultados e as análises encontradas, e finalizando com as considerações finais das autoras.

Saúde mental e o telejornalismo

A conceituação de saúde e doença tem evoluído ao longo da história, refletindo as mudanças culturais, sociais e científicas (Pais Ribeiro, 1994). Inicialmente, a saúde estava associada à ausência de doença tanto física quanto mental (Lamers et al., 2011). No entanto, a Constituição da Organização Mundial da Saúde em 1948 apontou para uma definição mais abrangente, considerando a saúde como um estado de completo bem-estar físico, mental e social, indo além da mera ausência de doença (World Health Organization, 2005). Nessa perspectiva, a saúde mental se torna parte intrínseca da saúde como um todo, e a existência de saúde implica necessariamente a presença de bem-estar mental (Prince et al., 2007; Akerman e Germani, 2020; Alcântara, Vieira e Alves, 2022).

Dessa forma, o conceito de saúde está ligado a como cada pessoa percebe o seu próprio potencial, e como lida com situações adversas do dia a dia, ser produtivo no trabalho e ser capaz de contribuir com a sociedade (World Health Organization, 2000, 2002). A saúde mental é consequência do aumento da resiliência individual, da presença de condições de vida e ambientais favoráveis, do bem-estar psicológico e serve como fator de proteção eficaz contra a doença mental (WHO, 2004).

Os fatores de proteção desempenham um papel fundamental na preservação da saúde mental, pois fortalecem as pessoas para lidar eficazmente com situações desafiadoras (Pereira et al., 2018). Eles promovem um desenvolvimento saudável, ajudam na resolução de conflitos e reduzem os riscos de vulnerabilidade. No entanto, em certos casos, os fatores de risco podem predominar sobre os fatores de proteção, entre esses fatores, encontram-se condições de vida precárias, experiências de vida estressantes, conflitos interpessoais no ambiente de trabalho, problemas familiares, histórico de abuso físico e sexual na infância, escassez de apoio social e solidão na velhice (Gangwisch, 2010; Santos, 2019).

Dessa forma, a presença de fatores de risco combinada com a falta ou mínimos fatores de proteção aumenta a probabilidade de desfechos negativos e pode criar vulnerabilidades para o desenvolvimento de problemas sociais e emocionais, de sintomas ou transtornos mentais, podendo levar os jovens a considerar soluções trágicas para acabar com o sofrimento, como o suicídio (Pesce et al., 2004; Tavares, 2005; Tavares et al., 2004; Santos, 2019).

Durkheim (2019) conceitua o suicídio como “toda morte que resulta mediata ou imediatamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima, e que ela saiba que produziria esse resultado” (p.14). Segundo o autor, a propensão ao suicídio em cada sociedade é influenciada por mudanças sociais e econômicas que impactam tanto os indivíduos quanto a cultura. Consequentemente, as taxas de suicídio refletem essas transformações. O suicídio é considerado um fenômeno fundamentalmente social, associado a forças que vão além das experiências individuais. Assim, quando os indivíduos têm baixa integração na sociedade, observam-se índices mais elevados de suicídio (Durkheim, 2019; Gomes et. al, 2020).

Neste contexto, verifica-se que fatores sociais desempenham um papel significativo com riscos potenciais. Eventos adversos na vida, como mudanças abruptas, podem desencadear tentativas de suicídio em indivíduos com ideação suicida, especialmente entre os jovens (Pereira et al., 2018; Vêncio et al., 2019). Essas mudanças incluem situações como desemprego na família, divórcio dos pais, acidentes graves, assaltos, perda de entes queridos e/ou amigos, entre outros. Tais eventos, também conhecidos como estressores do desenvolvimento ou psicossociais, têm o potencial de agravar os transtornos mentais preexistentes.

Como já exposto, o suicídio está entre a quarta principal causa de morte entre jovens de 15 e 29 anos no âmbito mundial (World Health Organization, 2020). No Brasil, os registros indicam cerca de 14 mil casos de suicídio por ano, o que equivale a aproximadamente 38 casos por dia. De acordo com informações da Secretaria de Vigilância em Saúde, divulgadas pelo Ministério da Saúde em setembro de 2022, entre 2016 e 2021, houve um aumento significativo nas taxas de mortalidade entre adolescentes de 15 a 19 anos, com um aumento de 49,3% , totalizando 6,6 casos por 100 mil habitantes, e de 45% entre adolescentes de 10 a 14 anos, atingindo 1,33 casos por 100 mil habitantes (Brasil, 2022). Afunilando para o objetivo deste capítulo, para Região Norte do país, a incidência de suicídio entre jovens de 15 a 19 anos é superior à média nacional (Brasil, 2017).

Caracterizando o estado do Tocantins, ele é considerado o estado mais novo do Brasil, contando com 139 municípios. Em 2022 a população era de 1.511.460 habitantes e a densidade demográfica era de 5,45 habitantes por km² (IBGE, 2022). No ano de 2019, o estado do Tocantins, registrou taxa de mortalidade por suicídio de 9.2 por 100 mil habitantes, ficando em 6^a posição dentre os estados brasileiros (Brasil, 2021). Os dados apresentados são os mais recentes até o momento, sem considerar os casos de subnotificação. Nesta especificidade regional, coloca-se uma lupa para uma população vulnerável: os estudantes universitários (Ariño et al, 2023 Barros, Peixoto, 2023). Registrou-se, somente na Universidade Federal do Tocantins, em um período inferior a dez meses, um total de três suicídios de alunos de graduação (Mota, Pimentel, Mota, 2023).

O suicídio é considerado pela Organização Mundial da Saúde uma questão de saúde pública, com impactos que atravessam toda a sociedade. Os casos notificados geralmente estão relacionados a transtornos mentais que não são diagnosticados ou não são tratados corretamente (WHO, 2020). O número poderia ser reduzido se houvesse mais acessos a tratamentos psiquiátricos, psicológicos e informações de qualidade (Gomes et. al, 2020; Cecchin, 2022).

As dificuldades encontradas para falar sobre saúde mental estão relacionadas a longos anos de preconceitos, estigmas sociais e falta de conhecimento sobre o assunto. Os meios de comunicação são importantes para redução do estigma às pessoas com transtorno mental, através das reportagens e publicações que possuem um impacto social interessante para a conscientização pública (OMS, 2019). Apesar de muitos avanços ao longo do tempo, ainda existe uma dificuldade, quando alguém está emocionalmente mal, em saber que pode ser um adoecimento mental, além de uma dificuldade de quem está a sua volta reconhecer ou levar a sério a situação e o seu pedido de socorro (Batista, 2021).

Especificamente sobre o tema saúde mental de estudantes, observou-se um aumento do interesse da imprensa brasileira ao publicarem matérias que abordam a relação da saúde mental com a vida na universidade (Mazetti, 2020), sobretudo artigos que tratam do elevado índice de estudantes com transtornos mentais e suicídios entre esta população (Barros, Peixoto, 2023). O formato jornalístico é a maneira pela qual a mídia constrói e transmite informações, cumprindo funções sociais específicas de acordo com o contexto histórico de cada sociedade. Essa construção segue diretrizes que estabelecem padrões estruturais para cada tipo de formato, abrangendo aspectos textuais, bem como procedimentos e características relacionadas à operação de cada unidade (Marques de Melo, Assis, 2016).

O jornalismo vai além de fornecer informações, ele desempenha também um papel social ao interpretar e comunicar os fatos para os leitores. Em uma sociedade saturada de informações, os jornalistas têm a responsabilidade de dar sentido e precisão aos acontecimentos, permitindo que os receptores reflitam e compreendam. Embora a objetividade seja importante, não se deve negligenciar as emoções do leitor nem desumanizar as narrativas. Um jornalismo bem executado, com habilidade narrativa, é fundamental em uma sociedade caracterizada pelo consumo desenfreado e imediato, pois pode moldar a maneira como as pessoas percebem e interagem com o mundo ao seu redor.

Cada formato possui suas características específicas tornando-os únicos, mesmo quando comparados a outros formatos do mesmo gênero. Neste estudo, a análise será voltada apenas para as notícias audiovisuais do jornalismo local que tratam da saúde mental no mês do Setembro Amarelo, mês dedicado à conscientização sobre o suicídio, e da promoção da saúde mental.

Metodologia

Diante do exposto anteriormente, para responder à pergunta desta pesquisa e alcançar seus objetivos, os procedimentos metodológicos deste estudo estão fundamentados na abordagem qualitativa, descritiva e básica. Utilizou-se a Análise de Conteúdo (Bardin, 2011) para a análise das notícias.

Foi realizada uma pesquisa qualitativa de cunho descritivo. A pesquisa qualitativa se preocupa em alcançar como objetivo as interpretações e significados do fenômeno que está sendo pesquisado, buscando observar o fenômeno dentro do seu contexto (Triviños, 1987). O uso da pesquisa qualitativa permite que o pesquisador descreva não só as essências do objeto de estudo, mas explique sua origem, relações e mudanças. Aliado à pesquisa qualitativa, o método descritivo consiste em “descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (Gil, 2008, p. 28).

Sobre a sua natureza, trata-se de uma pesquisa básica, uma vez que se concentra em “produzir conhecimentos por meio de conceitos, tipologias, verificação de hipóteses e elaboração de teorias que possuam relevância na disciplina acadêmica ancoradas de determinadas escolas de pensamentos” (Fleury et al., 2017, p. 11).

O objetivo inicial seria de selecionar notícias audiovisuais que tivessem relação com o tema a Saúde Mental de Estudantes Universitários em cada um dos estados da região Norte do Brasil, do período de janeiro de 2020 a dezembro de 2023. Entretanto, não foram encontradas notícias que retratam este assunto. Por causa dessa lacuna, ampliou-se o tema para saúde mental, com buscas de notícias no mês de setembro de 2023, somente no Estado do Tocantins. O mês de setembro é o chamado “setembro amarelo” campanha destinada a conscientização sobre a prevenção do suicídio. Tem como objetivo conscientizar as pessoas sobre os fatores de risco para o comportamento suicida e orientar para o tratamento adequado dos transtornos mentais (Associação Brasileira de Psiquiatria, 2023).

Para a seleção do veículo levou-se em consideração a audiência, por se tratar de emissora afiliada à Rede Globo, e o perfil do BDT, um jornal diário matutino com 1h30min de duração e uma cobertura menos factual com quadro fixo de entrevista e reportagens temáticas recorrentes. A delimitação temporal da investigação foi pensada em consonância com o interesse temático pela saúde mental e encontrou no Setembro Amarelo de 2023 uma amostra relevante no contexto regional de discussão.

O levantamento dos dados foi realizado na plataforma Globoplay ao longo do mês de fevereiro de 2024, por meio da ferramenta de visualização por data. Inicialmente foram lidos os títulos de todas as reportagens exibidas ao longo do mês de setembro de 2023 e selecionadas as que faziam menção à saúde mental, por meio dos termos: depressão, ansiedade, inteligência emocional, autocuidado e alteração de humor.

Após assistir às matérias, foi identificado que os temas se repetiam ao longo do mês, abordando transtornos mentais, sinais e sintomas, meios de prevenção e conscientização, fatores desencadeantes de sofrimento mental e orientações sobre quais serviços buscar, bem como estratégias para lidar com as questões emocionais. Com base nisso, foram criadas quatro categorias de análise que se relacionavam diretamente com as notícias assistidas e os respectivos temas abordados em cada uma delas. Abaixo será ilustrado os critérios adotados para a análise das respectivas matérias.

Figura 1: Critérios para análise das notícias e criação das categorias

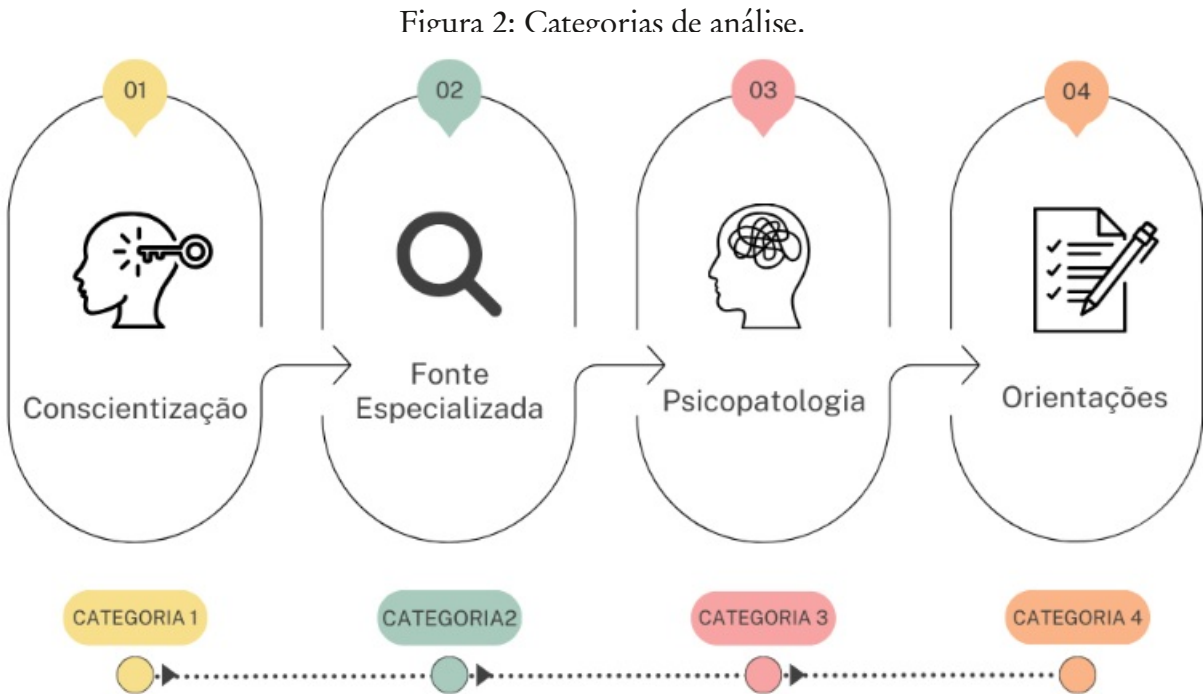


Fonte: Elaborado pelas autoras.

Conforme mostrado na Figura 1, a análise de conteúdo seguiu os seguintes critérios: após assistir às matérias, foi criado um documento para registrar as anotações e as falas dos participantes, jornalistas, fontes especializadas e telespectadores. Posteriormente, realizou-se a leitura das anotações para identificar os assuntos que se repetiam nas matérias. Para essa identificação, utilizou-se cores para auxiliar na organização do conteúdo. Inicialmente, foram empregadas seis cores: verde para assuntos relacionados à conscientização sobre saúde mental e à importância de buscar ajuda e orientação de profissionais; rosa para representar a participação de fontes especializadas; amarelo para destacar sinais e

sintomas discutidos nas matérias do mês de setembro; marrom identificar as dicas relacionadas ao adoecimento mental, como depressão, ansiedade, estresse e isolamento social; azul para identificar os principais transtornos e psicopatologias mencionados; e, por fim, roxo para indicar locais para buscar ajuda e ações sociais relacionadas a essa temática.

Após uma nova leitura dos assuntos e falar, reassistir às matérias, os assuntos identificados nas cores poderiam ser resumidos em 4 categorias gerais, segundo Figura 2:



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Resultados e análises

Uma busca foi conduzida na plataforma Globoplay, especificamente na página do Jornal do Tocantins, onde foram examinados os títulos de todas as reportagens exibidas durante o mês de setembro do ano de 2023. Foram encontradas 11 reportagens que atenderam aos critérios de inclusão. A seguir (Quadro 1) serão apresentadas todas as reportagens, seus respectivos títulos, link e duração aproximada de cada uma.

Quadro 1: Apresentação das 11 reportagens identificadas no mês de setembro de 2023 que abordam temas relacionados à saúde mental.

Data	Título	Duração	Link
01.09.2023	Psiquiatra tira dúvidas sobre a campanha de conscientização pela vida e saúde mental	10 min	https://globoplay.globo.com/v/11912943/
	Saiba quais sinais crianças ou adolescentes podem ter em caso de depressão ou ansiedade	6 min	https://globoplay.globo.com/v/11912947/?s=0s
	Telespectadores tiram dúvidas sobre saúde mental com especialista no Bom Dia dia responde	5 min	https://globoplay.globo.com/v/11912950/?s=0s
	Entenda a importância de acompanhamento profissional para manter a saúde mental	11 min	https://globoplay.globo.com/v/11913116/?s=0s

05.09.2023	Psicólogo fala sobre como lidar com ciúmes e briga entre irmãos	7 min	https://globoplay.globo.com/v/11921064/
11.09.2023	Setembro Amarelo: Entenda a origem da campanha e como ficar atento aos sinais	5 min	https://globoplay.globo.com/v/11936301/
12.09.2023	Você está irritado? Pesquisa aponta que calorão afeta hormônios e mexe com humor	3 min	https://globoplay.globo.com/v/11939703/
13.09.2023	Simpósio sobre saúde mental e prevenção é realizado na UFT nesta quarta (13)	3 min	https://globoplay.globo.com/v/11942706/
14.09.2023	Palestra sobre inteligência emocional é realizada para professores das escolas de Gurupi	3 min	https://globoplay.globo.com/v/11947231/
15.09.2023	Dia do autocuidado é realizado no Parque Cimba em Araguaína	2 min	https://globoplay.globo.com/v/11950683/
18.09.2023	Psicóloga fala sobre os efeitos de perdoar para a saúde mental	6 min	https://globoplay.globo.com/v/11955062/
20.09.2023	Casa A+ oferece atendimento psicológico gratuito todas as terça-feiras em Palmas.	3 min	https://globoplay.globo.com/v/11961168/
21.09.2023	Alunos PCDs reclamam de falta de acessibilidade na UFT no campus de Palmas	6 min	https://globoplay.globo.com/v/11965865/
25.09.2023	Psicólogo dá dicas de como lidar com alteração de humor na TPM	5 min	https://globoplay.globo.com/v/11973619/
	Psicólogo fala sobre caminhos para atingir objetivos de vida	3 min	https://globoplay.globo.com/v/11973793/

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Posteriormente, os vídeos foram assistidos separadamente para verificar o assunto que estava sendo abordado, seu conteúdo, e as fontes envolvidas. Dentre eles, apenas 1 foi retirado da população desse trabalho, por não ter relação com o objeto de estudo, sendo o do dia 14 de setembro, com o título “Palestra sobre inteligência emocional é realizada para professores das escolas de Gurupi”. Ao longo dos seus 3 minutos, o assunto principal era voltado para o empreendedorismo das escolas. O mês de setembro de 2023 contou com 30 dias, e nele foram exibidas 21 edições do Jornal Bom Dia Tocantins, de segunda-feira a sexta-feira. Ao todo, 10 dias foram dedicados ao Setembro Amarelo, abordando a conscientização sobre questões de saúde mental e promoção da valorização da vida.

No primeiro dia do mês, o jornal contou com a participação de uma fonte especializada (psiquiatra) ao longo de toda a sua exibição, 4 momentos foram destinados à participação de telespectadores para tirarem dúvidas sobre a saúde ou adoecimento mental, disseminação de conhecimento e dicas importantes para auxiliar as pessoas que sofrem de algum transtorno mental. Nos outros dias, apenas um momento foi destinado ao assunto. Ao final do mês, na exibição do dia 25 de setembro, o jornal mostrou dois assuntos relacionados à saúde mental.

A seguir, serão apresentadas as principais categorias relacionadas a este tema, com o intuito de analisá-las em relação aos objetivos gerais e específicos deste trabalho.

Descrição das categorias

Após assistir os vídeos e definir o corpus de análise, o material foi classificado em categorias para auxiliar na compreensão do conteúdo. As categorias escolhidas foram pensadas a partir do referencial teórico explanado previamente, bem como na exploração do material, onde foram identificados os principais temas nas notícias. O Quadro 2 apresenta as categorias, conceito norteador que dá suporte a ela e em quantas reportagens o tema foi abordado:

Quadro 2: Categorias, conceito norteador e quantificação das matérias.

Categoria	Conceito norteador	Número de reportagens
1. Conscientização	Obter informação, de ter conhecimento sobre algo ou de transmiti-lo para outra pessoa.	5
2. Fonte Especializada	Pessoas ou organizações reconhecidas por seu conhecimento específico em uma área.	7
3. Psicopatologia	Ramo da ciência que trata da natureza do transtorno mental (Campbell, 1986). Entende-se por transtorno mental qualquer modificação ou perturbação nos processos cognitivos ou comportamentais que resultem em prejuízos funcionais na rotina do indivíduo.	3
4. Orientações	Compreende dicas e sugestões, e indicação de lugares para que as pessoas possam buscar ajuda e ações voltadas para o atendimento ao público.	7

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Conscientização

Nesta categoria, ao longo do mês de setembro de 2023 foram apresentadas 5 matérias voltadas para Conscientização a respeito da Saúde Mental. O relatório da OMS destaca a necessidade de mudança na abordagem da saúde mental, com base em evidências e experiências vividas. Recomenda a implementação do Plano de Ação Integral de Saúde Mental 2013-2030 e propõe três caminhos para a transformação: valorizar a saúde mental, remodelar os ambientes que a influenciam e fortalecer os sistemas de atenção. Essas recomendações visam mudar atitudes, abordar os riscos e melhorar os serviços de saúde mental (OPAS, 2023).

No dia 1º de Setembro, a edição contou com a participação de uma fonte especializada que enveredou, diante de várias pautas abordadas, sobre a importância da desmistificação a respeito dos transtornos mentais, visto que este assunto é permeado de estigmas, principalmente por pessoas leigas, pontuou o psiquiatra. Nessa mesma matéria, o profissional ainda pontuou sobre como identificar uma pessoa com transtorno mental. Ele ainda abordou sobre o suicídio, afirmando que algumas pessoas acreditam que falar sobre o tema pode levar ao surgimento de gatilhos, mas que para o paciente, ele gostaria que alguém o ajudasse, agisse de alguma forma. “Não é necessário ser especialista (...) o que precisamos é acolher e ouvir (...) O cidadão comum não precisa dar uma receita de bolo, mas ouvir quem precisa, e orientar para buscar ajuda”.

É importante ressaltar que ao dedicar um mês inteiro a essa temática, o próprio jornal está contribuindo para conscientizar o público sobre o assunto.

Em outra edição, o programa contou com a participação da Gerente de Atenção Psicossocial da Rede Estadual de Saúde. A profissional relatou a história do Setembro Amarelo e alertou para os sinais e sintomas aos quais as pessoas devem estar atentas. Além da depressão, mencionou que algumas causas do

suicídio podem estar relacionadas à instabilidade financeira, perda familiar, divórcio e violência. Como destacado na literatura, os fatores sociais têm relevância para o suicídio ou ideação suicida (Pereira et al., 2018; Vêncio et al., 2019). Ela também ressaltou a importância de buscar ajuda profissional para quem necessita e mencionou diversos órgãos que promovem ações e eventos internos com o objetivo de informar e alertar sobre os sinais e sintomas.

Duas matérias abordaram a divulgação de um evento realizado na Universidade Federal do Tocantins, com o intuito de discutir a saúde mental, o adoecimento mental e os preconceitos enfrentados por indivíduos que sofrem de transtornos mentais. Além disso, em 15 de setembro, foi divulgada uma ação promovida pela prefeitura de Araguaína-TO, com foco no autocuidado e na valorização da vida, oferecendo assistência às pessoas em situação de vulnerabilidade social. É notória a importância da ciência caminhar lado a lado com a população, quando a universidade, o poder público e os meios de comunicação se unem, a população agradece pela informação de qualidade veiculada.

Fonte especializada

No mês de setembro de 2023, o Jornal apresentou 7 matérias com a participação de profissionais especialistas na área da saúde mental. Dentre as fontes, predominou a participação de médicos (psiquiatra) e psicólogos clínicos.

O campo jornalístico é influenciado por diversos fatores, como políticos, econômicos e sociais, e está sujeito a pressões e interesses diversos. As fontes de notícias desempenham um papel crucial nesse contexto, entrando em cena para promover seus próprios interesses (Schmitz, 2022). No jornalismo, as fontes de notícias são indivíduos ou grupos que fornecem informações aos jornalistas, podendo incluir representantes de setores da sociedade (Schmitz, 2022).

Durante as reportagens, o quadro integrou a participação de fontes especialistas e telespectadores. Dentro da matriz de classificação das fontes de notícias inclui-se a categoria "Especializada", que engloba pessoas ou organizações reconhecidas por seu conhecimento específico em uma área. Esses especialistas oferecem análises detalhadas sobre temas complexos ou controversos, fornecendo informações complementares que ajudam a entender a complexidade dos assuntos abordados. Os jornalistas frequentemente recorrem a essas fontes para obter insights valiosos em situações de risco, conflito ou ao cobrir temas científicos (Schmitz, 2022).

Essa dinâmica, participação de fonte especialista e telespectadores, reflete a proposta do jornal em promover uma interação entre especialistas e o público, criando uma abordagem mais acessível a temas muitas vezes envoltos em estigmas, como a saúde mental. Essa estratégia visa diminuir os preconceitos, reconhecendo que as dúvidas e desafios também são vivenciados por pessoas comuns.

Durante as entrevistas, os psiquiatras trouxeram uma perspectiva clínica e médica, fornecendo uma compreensão dos transtornos mentais, incluindo suas causas subjacentes, abordagens de diagnóstico e opções de tratamento disponíveis. Suas contribuições foram fundamentais para esclarecer aspectos da saúde mental, desmistificação sobre o assunto, fornecendo ao público conhecimento sobre questões como depressão, ansiedade, transtorno de distímia, entre outros.

Por outro lado, os psicólogos complementam essas informações ao apresentar estratégias práticas e dicas para lidar com os desafios do dia a dia relacionados à saúde mental. Eles abordaram temas como gerenciamento do estresse, ciúmes, desenvolvimento de habilidades de enfrentamento, promoção do bem-estar emocional e melhoria da saúde mental geral.

No total, ao longo do mês de setembro de 2023, participaram das matérias 2 médicos e 5 psicólogos. Na primeira edição, em 1º de setembro, houve a presença de um psiquiatra e um psicólogo. Em outra edição, contou com a participação de uma médica, enquanto nas demais, foram quatro psicólogos clínicos entrevistados. Essas participações tinham como objetivo capacitar os telespectadores com ferramentas práticas aplicáveis no dia a dia, promovendo uma maior conscientização e autocuidado em relação à saúde mental. Essa união de especialistas destaca a importância da abordagem biopsicossocial¹⁴, que considera não apenas os aspectos biológicos, mas também os psicológicos e sociais

na compreensão e no tratamento das questões de saúde mental.

Psicopatologias

A semiologia, de modo geral, é a ciência dos signos (Kristeva, 1996). Ao relacioná-la à psicopatologia, é conceituada como o estudo dos sinais e sintomas produzidos pelos transtornos mentais. Os signos de maior interesse para a psicopatologia são os sinais e os sintomas, respectivamente, refere-se aos comportamentos que são possíveis serem observados, e às vivências subjetivas relatadas pelos indivíduos, suas queixas e exposições verbais (Dalgalarrrondo, 2019).

A psicopatologia pode ser definida como o ramo da ciência que trata da natureza do transtorno mental (Campbell, 1986). Entende-se por transtorno mental qualquer modificação ou perturbação nos processos cognitivos ou comportamentais que resultem em prejuízos funcionais na rotina do indivíduo, disfunção nos processos psicológicos ou biológicos (DSM-5-TR, 2023).

Durante os programas veiculados, diversos sinais, sintomas e transtornos mentais foram destacados, incluindo ansiedade, depressão, estresse, isolamento social, luto patológico, autismo, déficit de atenção, autolesão, além de deficiências físicas. A partir dessas manifestações, alguns especialistas compartilharam sugestões e estratégias para lidar com essas questões.

É importante notar que esse tópico foi abordado em apenas 3 das 10 exposições ao longo do mês de setembro de 2023, um número comparativamente baixo diante das estatísticas preocupantes sobre suicídio e saúde mental. Outras abordagens incluíram orientações para organização da rotina, estímulo ao diálogo entre pais e filhos e conscientização sobre a importância da saúde mental.

Em um dos programas, foi destacada a falta da acessibilidade em uma universidade localizada no Tocantins. Os alunos entrevistados expressaram que a falta de adequações para pessoas com deficiência afeta a integração desses estudantes na vida acadêmica. Além disso, apontaram que essa falta de acessibilidade contribui para o aumento do isolamento social, podendo até mesmo desencadear sentimentos de exclusão e tristeza. O problema vai além da esfera individual, influenciando também na taxa de evasão escolar desses alunos.

A falta de estruturas adaptadas e recursos adequados pode representar uma barreira para estudantes com necessidades especiais, limitando sua participação plena nas atividades acadêmicas. A acessibilidade vai além da infraestrutura física, abrangendo também a disponibilidade de materiais didáticos adaptados, tecnologias e a conscientização geral da comunidade acadêmica, como apontou a jornalista no trecho. Quando a universidade investe em medidas que promovem a acessibilidade, cria-se um ambiente inclusivo que permite que todos os alunos, independentemente de suas condições, participem igualmente das oportunidades educacionais. Isso não apenas contribui para o desenvolvimento individual dos estudantes, mas também enriquece a diversidade e a qualidade do ambiente acadêmico como um todo.

No primeiro capítulo da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, são estabelecidas as diretrizes fundamentais dessa legislação. O Artigo 1º institui a lei com o propósito de assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoas com deficiência. O foco principal é garantir a inclusão social e a cidadania plena desses indivíduos (Brasil, 2015).

O Artigo 2º define o conceito de pessoa com deficiência para efeitos desta legislação. Considera-se pessoa com deficiência aquela que apresenta impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial. Esse impedimento, quando em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir a participação plena e efetiva da pessoa na sociedade, em igualdade de condições com as demais (Brasil, 2015).

A falta de acessibilidade em uma universidade pode ter sérias implicações para o adoecimento mental dos estudantes. Quando os alunos enfrentam barreiras físicas ou estruturais que dificultam sua participação plena na vida acadêmica, isso pode levar ao aumento do estresse, ansiedade e depressão. Sentimentos de exclusão e isolamento social, decorrentes da falta de inclusão, também podem corroborar para o adoecimento mental dos estudantes (Almeida & Soares, 2003; Silveira et al., 2011).

Além disso, a evasão escolar causada pela falta de acessibilidade pode resultar em sentimentos de fracasso e desamparo, contribuindo para problemas de saúde mental mais graves (Mercuri & Polydoro, 2004). Portanto, garantir a acessibilidade nas instituições de ensino é fundamental não apenas para promover a igualdade de oportunidades, mas também para proteger a saúde mental e prevenir o adoecimento mental entre os estudantes.

Orientações

O estado do Tocantins registrou no Sistema de Informação de Mortalidade (SIM/DATASUS) um total de 1025 óbitos por suicídio no período de 2010 a 2019. Observa-se um aumento anual nesses números, o que levanta preocupações sobre a tendência crescente de suicídios no estado. Embora parte desse aumento possa ser atribuída ao crescimento populacional, ainda é motivo de preocupação constante.

Das 7 exposições, 2 focaram na divulgação de serviços que disponibilizam atendimento para a comunidade em geral, desde psicólogos, assistentes sociais à médicos. Essa iniciativa visa preencher uma lacuna no acesso aos serviços de saúde mental, especialmente para aqueles que não têm condições financeiras para pagar por terapias particulares. Entre esses locais, destacam-se os serviços oferecidos por estudantes de psicologia sob supervisão, onde os pacientes têm a oportunidade de receber atendimento de qualidade, ao mesmo tempo em que contribuem para a formação acadêmica desses futuros profissionais.

Além disso, os órgãos públicos desempenham um papel crucial na promoção da saúde mental ao disponibilizar atendimentos com especialistas, médicos, psicólogos e assistentes sociais. Esses profissionais têm a expertise para lidar com uma variedade de questões emocionais e psicológicas, proporcionando suporte e orientação adequados às necessidades individuais de cada paciente.

Além disso, em outras cinco exposições, foram oferecidas dicas e orientações sobre como lidar com o adoecimento mental ou como ajudar aqueles que estão passando por dificuldades nesse sentido. Majoritariamente, os profissionais da área da saúde recomendaram buscar ajuda profissional. Além disso, houve orientações e dicas sobre ansiedade e depressão na infância e adolescência, especialmente direcionadas aos pais. Entre as recomendações, a psicóloga destacou a importância de proporcionar um ambiente familiar acolhedor, com diálogo e interação, e enfatizou a presença da família, além de alertar sobre o uso excessivo de telas.

Em Araguaína-TO a prefeitura realizou uma ação destinada à valorização da vida. Dentre os serviços oferecidos à comunidade de maneira geral, estavam o acesso a testes sanguíneos para avaliar aspectos como níveis de estresse e deficiências nutricionais, orientação psicológica para lidar com desafios emocionais e estresse do dia a dia, orientação nutricional para promover hábitos alimentares saudáveis, e aferição da pressão arterial para monitorar a saúde física. Essas atividades não apenas auxiliam no autocuidado, mas também promovem a conscientização sobre a importância da saúde mental e física, especialmente entre pessoas com baixo nível de escolaridade, que podem ter menos acesso a informações e recursos para cuidar de si mesmas.

Estudos indicam uma correlação entre o suicídio e o baixo nível de educação, pois os índices mais elevados de mortalidade por suicídio são observados em grupos com menor grau de instrução (Stevovi et al., 2011; Vasconcelos-Raposo et al., 2016; Lee et al., 2009). A instabilidade no mercado de trabalho e as condições socioeconômicas desfavoráveis aumentam o risco de suicídio. Além disso, indivíduos com baixa escolaridade e condições econômicas precárias enfrentam obstáculos no acesso aos serviços de saúde, o que reduz as oportunidades de prevenção e controle de outros fatores de risco, como a depressão e o abuso de álcool (Lee et al., 2009).

Considerações finais

Observou-se que o Jornal Bom Dia Tocantins noticiou a temática sobre saúde mental no mês do

Setembro Amarelo em 2023 em praticamente 50% dos 21 programas exibidos, contou com 10 quadros sobre este tema. Considerando a necessidade de não romantizar o adoecimento mental, nem tão pouco menosprezá-lo, entende-se que esta pauta deveria ser mensal, para que a população pudesse receber informações de qualidade e saber onde buscar ajuda ao reconhecer os sintomas em si e na sua rede de convivência.

Os principais temas abordados nas notícias, ao explicar sobre Saúde Mental no Setembro Amarelo, foram: conscientização sobre o assunto, participação de fonte especialista, principais sinais, sintomas e transtornos mentais mencionados, orientações e dicas, dentre elas, indicação de lugares para buscar ajuda ou ações criadas para atendimento ao público.

O Jornal Bom Dia Tocantins apresentou essas pautas convidando profissionais da área da saúde para abordar de forma científica, porém acessível à população, a importância de buscar ajuda profissional, desmistificar os preconceitos que cercam essa temática e auxiliar pessoas leigas a identificar sinais, sintomas e comportamentos de risco em outras pessoas, a fim de oferecer a assistência necessária. Além disso, divulgou eventos que promovem conhecimento sobre o tema e locais públicos que fornecem apoio à comunidade.

As sugestões para estudos futuros são: ampliar as buscas por estados e regiões do Brasil, categorizar os sintomas mais tratados nas matérias, explicar sobre a formação dos especialistas no assunto.

Por fim sugere-se como pauta mensal no Jornal do Tocantins um quadro com especialistas que aprofundem as questões relacionadas a saúde mental, sobretudo: alterações no comportamento, alterações de humor e no modo de pensar, alterações que possam estar associadas à ansiedade, depressão, estresse, angústia e deterioração dos funcionamentos psíquicos e somáticos. Bem como questões que envolvem trabalhar e adoecer, estudar e sofrer, ocultação do adoecimento laboral, flexibilização da legislação trabalhista e seus impactos na saúde dos trabalhadores.

Referências bibliográficas

ALCÂNTARA, VÍRNIA PONTE; VIEIRA, CAMILLA ARAÚJO LOPES E ALVES, SAMARA VASCONCELOS. Perspectivas acerca do conceito de saúde mental: análise das produções científicas brasileiras. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. v. 27, n. 01, pp. 351-361, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232022271.22562019>>. Acessado em: 18 mar. 2024

ALMEIDA, L. S.; SOARES, A. P. Os estudantes universitários: sucesso escolar e desenvolvimento psicossocial. In: MERCURI, E.; POLYDORO, S. A. J. (Orgs.). *Estudante universitário: características e experiências de formação*. Taubaté: Cabral, 2003.

Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP). *Cartilha prevenção ao suicídio: como ajudar?*. Rio de Janeiro, 2023.

AMARANTE, P. *Saúde Mental e Atenção Psicossocial*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.

ARINO, Daniela Ornellas; BARDAGI, Marúcia Patta. Relação entre Fatores Acadêmicos e a Saúde Mental de Estudantes Universitários. *Psicol. pesq.* [online]. 2018, vol.12, n.3, pp. 44-52. ISSN 1982-1247. <http://dx.doi.org/10.24879/2018001200300544>.

ALMEIDA, L.S.; SOARES, A.P. Os estudantes universitários: sucesso escolar e desenvolvimento psicossocial. In: MERCURI, E.; POLYDORO, S.A.J. (Orgs.). *Estudante universitário: Características e experiências de formação*. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2004. p. 15-40.

ALVES, Lara Maria Araújo de Almeida; GHIZONI, Liliam Deisy; SILVA, Janaina Vilarés da. *Prazer-*

sofrimento de estudantes do curso de engenharia elétrica de uma instituição federal de ensino superior. Cuadernos de Educación y Desarrollo, [S.L.], v. 15, n. 9, p. 8940-8965, 20 set. 2023. South Florida Publishing LLC. <http://dx.doi.org/10.55905/cuadv15n9-052>.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.

BARROS, Rebeca Neri de; Adriano de Lemos Alves, Peixoto. Saúde Mental de Universitários: Levantamento de Transtornos Mentais Comuns em Estudantes de uma Universidade Brasileira.

Quaderns de Psicologia. Vol. 25, Nro. 2, e1958. 2023. <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1958>

BATISTA, Mariana Sousa. Plataformas digitais e comunicação da saúde mental: o portal da depressão e a pegada digital dos seus utilizadores. 2021. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Ciências da Comunicação, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2021. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/137644/2/514265.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2023.

BRASIL. Lei Nº 13.146 De 06 De Julho De 2015. Institui a Lei Brasileira De Inclusão Da Pessoa Com Deficiência (Estatuto Da Pessoa Com Deficiência). Brasília, 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico.

Mortalidade por suicídio e notificações de lesões autoprovocadas no Brasil, v. 52, n.33, set. 2021.

Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-deconteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2021/boletim_epidemiologico_svs_33_final.pdf/@download/file. Acesso em: 12 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico.

Suicídio: Saber, agir e prevenir, v. 48, n.30, 2017. Disponível em:

<https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/2017-025-Perfil-epidemiologico-das-tentativas-e-obitos-por-suicidio-no-Brasil-e-a-rede-de-atendimento.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2023.

CAMPBELL, R. J. Dicionário de psiquiatria. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

CONSTITUIÇÃO DA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS/WHO), USP, 1946.

Disponível em: < <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/OMS-Organização-Mundial-da-Saúde/constituicao-da-organizacao-mundial-da-saude-omswho.html>. Acesso em: 06 dez 2023.

Constitution of the World Health Organization. In: World Health Organization: Basic documents. 45th ed. Geneva: World Health Organization; 2005.

CRISTÓVÃO, Assunção. ASPECTOS DO DISCURSO PRIMÁRIO NO GÊNERO NOTÍCIA.

Revista Recorte, Universidade Vale do Rio Verde (Unincor), v. 9, p. 1-15, 2012. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/download/599/pdf>. Acesso em: 08 out. 2023.

FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE ASSUNTOS ESTUDANTIS (FONAPRACE).

Relatório da V Pesquisa do Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das

Instituições Federais de Ensino Superior Brasileiras. Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <http://www.fonaprace.andifes.org.br/site/wp-content/uploads/2019/06/V-Pesquisa-do-Perfil-Socioecon>

[om%CC%82mico-dos-Estudantes-de-Graduac%CC%A7a%CC%83o-das-U.pdf](http://www.fonaprace.andifes.org.br/site/wp-content/uploads/2019/06/V-Pesquisa-do-Perfil-Socioecon)

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Carlos F. M.; PEREIRA JUNIOR, Roberto J.; CARDOSO, Josiane V.; SILVA, Daniel A. da.

Transtornos mentais comuns em estudantes universitários: abordagem epidemiológica sobre vulnerabilidades. SMAD, Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool E Drogas (Edição Em Português), 16(1), 1-8. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606//issn.1806-6976.smad.2020.157317>

GRANER, Karen M.; CERQUEIRA, Ana Teresa A. R.. Revisão integrativa: sofrimento psíquico em estudantes universitários e fatores associados. Ciência & Saúde Coletiva, 24, 1327-1346, 2019. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018244.09692017>

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro de 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

KRISTEVA, J. História da linguagem. Lisboa: Edições 70, 1996.

LAMERS, S. M; WESTERHOF, G.J.; BOHLMMEIJER, E.T.; TEN KLOOSTER, P.M.; KEYES, C.L. Evaluating the psychometric properties of the Mental Health Continuum-Short Form (MHC-SF). J Clin Psychol. 2011 Jan;67(1):99-110. doi: 10.1002/jclp.20741. PMID: 20973032.

LASSWELL, Harold D. A estrutura e a função da comunicação na sociedade. In: COHN, Gabriel (Org.). Comunicação e indústria cultural: leituras de análises dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações da opinião pública, propaganda e “cultura de massa” nessa sociedade. 5.ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987. p.105-117.

LEE, Weon Young et al. Trends in educational differentials in suicidemortality between 1993-2006 in Korea. Yonsei medical journal, v. 50, n. 4, p. 482-492, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.3349/ymj.2009.50.4.482>. Acesso em: 08 mar 2024.

MARQUES DE MELO, J.; ASSIS, F. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun., v. 9, n. 1, p. 39-56, 2016.

MAZETTI, Henrique M.. As narrativas jornalísticas sobre o sofrimento estudantil e a medicalização da universidade.Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde,14(3), 2020. <https://doi.org/10.29397/reciis.v14i3.2083>

MERCURI, E.; POLYDORO, S. A. J. Estudante universitário: características e experiências de formação. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2004.

MORAES, Rosangela Dutra de; GHIZONI, Liliam Deisy; PINHEIRO, Carolina Jean; Silva, Janaina Vilares da. DIMENSÃO SUBJETIVA DO TRABALHO ACADÊMICO DE ESTUDANTES DA PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU NO BRASIL. 331-367. In: Monteiro, Janine Kieling et al. Trabalho, precarização e resistências. São Luís: EDUFMA, 2021. 422 p.

NIXON, Raymond. Análisis sobre periodismo. Quito: Ciespal, 1963.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). Política para melhorar a saúde mental. Washington, D.C., 2023.

PAIS-RIBEIRO, J.L. A importância da qualidade de vida para a psicologia da saúde. Análise Psicológica, 2-3, (7), 179-191. 1994. Disponível em: https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/3090/1/1994_23_179.pdf. Acesso em 27 set 2023.

PEREIRA, A. S.; WILLHELM, A. R.; KOLLER, S. H.; ALMEIDA, R. M. M.. Fatores de risco e proteção para tentativa de suicídio na adultez emergente. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(11), 3767-3777. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320182311.29112016>

PRETO, Vivian A et al. Transtornos Mentais Comuns, Estresse e Autoestima em universitários da área da saúde do último ano. *Research, Society and Development*, 9(8), e844986362-e844986362, 2020. <https://doi.org/10.33448/rsd-v9i8.6362>

PRINCE, M. et al.. No health without mental health. *Lancet*. Sep. 8;370 (9590):859-77. 2007. Disponível em: doi: 10.1016/S0140-6736(07)61238-0. PMID: 17804063.

RODRIGUES, D. S. et al. Prevalência de transtornos mentais comuns e fatores associados em estudantes de uma universidade pública brasileira. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 30, e3305, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoAO252833051>

SETEMBRO AMARELO. ABP – Associação Brasileira de Psiquiatria. Disponível em: <https://www.setembroamarelo.com/>. Acesso em 10 dez 2023.

Sobre o papel social do jornalismo. *Observatório da Imprensa*. Porto Alegre, nº 743. 23 abr. 2013.

SCHMITZ, Aldo Antonio: ações e estratégias das fontes no jornalismo. Florianópolis: Combook, 2022.

SILVA, L. B.; BICUDO, V.. Determinantes sociais e determinação social do processo saúde-doença: discutindo conceitos e perspectivas. Mórula, 2022.

SILVEIRA, Celeste et al. Saúde mental em estudantes universitários, *Acta Med Port*. 2011; 24(S2): 247-256.

STEVOVI, Lidija Injac; et al. Gender differences in relation to suicides committed in the capital of Montenegro (Podgorica) in the period 2000-2006. *Psychiatr Danub*, v. 23, n.1, p. 45-52, mar. 2011. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21448096/>. Acesso em: 08 mar. 2024

STRAUB, Richard O. *Psicologia da Saúde: uma abordagem biopsicossocial*. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELOS-RAPOSO, José; SOARES, Ana Rita; SILVA, Filipa; FERNANDES, Marcos Gimenes.; TEIXEIRA, Carla Maria. Níveis de ideação suicida em jovens adultos. *Estudos de Psicologia*, v. 33, n. 2, abril-junho de 2016. Disponível: <https://www.redalyc.org/pdf/3953/395354131016.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2024.

VÊNCIO, A. P. S. et. al. Início da vida universitária versus desejo suicida. *Brazilian Journal of Development*, 5(11), 25019-25033. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv5n11-176>. Acesso em: jan 2024.

VIEIRA, Fernando de Oliveira et al. Trabalho e formação para o trabalho: o lado oculto de práticas

organizacionais socialmente aceitas como escravidão contemporânea. 45-78p. In: MONTEIRO, Janine Kieling et al (Orgs.). Trabalho que adocece: resistências teóricas e práticas [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019. 284 p.

WRIGHT, Charles R. Comunicação de massa: uma perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Bloch, 1968.

Reflexões semióticas sobre a desinformação: a cobertura telejornalística das primeiras mortes por Covid-19 na região norte do Brasil¹⁵

*Francielly Oliveira Rodrigues da Silva
Ingrid Pereira de Assis*

Introdução

A Agência Lupa, plataforma de combate à desinformação, conceitua o termo como “uma informação falsa reproduzida no espaço público” e esclarece que existe “uma vasta gama de tipos e formatos, e vai desde conteúdos produzidos com intenção explícita de enganar pessoas até informações imprecisas que induzem ao erro”¹⁶. Com as novas configurações de um universo altamente informado e conectado, a desinformação, que não é um fato recente, ganhou mais espaço nos últimos anos.

Durante a pandemia da Covid-19, a gigantesca circulação de informações conflitantes e falsas sobre a doença, principalmente, nas plataformas de redes sociais, foi apontada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como um dos principais desafios no combate à doença. Nesse cenário, a desinformação, em conjunto com a infodemia¹⁷, tornou o trabalho do jornalista e, consequentemente, do telejornalismo brasileiro, ainda mais desafiador na divulgação de informações verídicas. Logo, entende-se que pesquisas e reflexões relacionadas à produção noticiosa, durante o período pandêmico, podem desempenhar um papel importante e de contribuição para a academia e sociedade como um todo. Considerando isso, este artigo tem como tema a cobertura audiovisual sobre as primeiras mortes por Covid-19 na região Norte do Brasil, tendo como objetivo principal realizar uma reflexão semiótica sobre a desinformação, analisando a sua influência na cobertura telejornalística acerca destes primeiros óbitos.

Sabe-se que a pandemia impactou, em escala global, diversos setores da sociedade. Ao repercutir na ordem social, econômica, política, cultural e histórica, o vírus SARS-CoV-2 abriu margem para uma série de estudos e pesquisas ligadas aos seus impactos. Em oposição às recomendações da OMS e às ações de contenção social, como o isolamento e a quarentena, a infodemia e a desinformação atuaram, deliberada e ameaçadoramente, durante a pandemia no Brasil¹⁸. Prestando um grande desserviço no enfrentamento da doença, o governo brasileiro apresentou, durante o período, uma resistência em assumir compromissos no combate às notícias falsas e ao excesso de informação. Uma exemplificação desta afirmação se manifesta no mês maio de 2020, quando Jair Bolsonaro se negou a assinar o compromisso mundial contra a desinformação em meio à pandemia¹⁹. Ademais, o próprio presidente da república contribuiu com a desinformação acerca dos métodos para evitar a transmissão da doença (Galhardi, Freire, Minayo, Fagundes, 2020).

Com diversos setores da sociedade brasileira entrando em crise e a crescente polarização política, com o desenrolar da crise de confiabilidade na “grande imprensa” — em parte, em decorrência da concorrência com as novas tecnologias digitais de comunicação — o telejornalismo brasileiro desempenhou, e ainda desempenha, um dever de conferência da informação antes da propagação. Nesse sentido, o poder de comunicação e o impacto da mídia na opinião pública foram imprescindíveis no combate à desinformação.

Metodologia

Entende-se que o processo de construção discursiva telejornalística precisou ser adaptado em prol da coesão social. Logo, esta pesquisa se concentra na construção de um processo analítico semiótico dos materiais veiculados ao Globoplay em relação aos primeiros casos de morte por coronavírus nos estados do Tocantins, Pará, Amapá, Amazonas, Roraima, Rondônia e Acre. Apesar das diferenças demográficas, esses estados apresentam algumas semelhanças em termos de diversidade geográfica, com todos fazendo parte da Amazônia Legal. Essa escolha permite uma análise abrangente, considerando os diferentes

contextos de desinformação e as variações na produção telejornalística regional.

A decisão de utilizar o Globoplay é justificada pela sua posição como uma das principais plataformas digital no Brasil, desenvolvida e operada pelo Grupo Globo, que se destaca pelo papel desempenhado na cobertura da pandemia e, sobretudo, por ser um facilitador do acesso ao conteúdo, considerando que o material jornalístico televisionado é, posteriormente, disponibilizado via tal plataforma. Esta pesquisa foca, especificamente, nas reportagens acerca dos primeiros óbitos por Covid-19 registrados. Selecionou-se, então, os primeiros vídeos postados pelos programas: “Bom dia Tocantins”, “Jornal Tapajós 2ª edição” (Pará), “Jornal do Amapá 2ª Edição”, “JAM 1ª edição” (Amazonas), “Jornal de Rondônia 1ª edição” e “Jornal de Roraima 1ª edição” e “Bom dia Amazônia” (Acre). Quanto ao Estado do Acre, os vídeos dos telejornais, 1ª e 2ª edição, só estavam disponíveis até o mês de fevereiro de 2021 e o primeiro falecimento ocorreu no dia 6 de abril de 2020, inviabilizando a inserção na análise, portanto, selecionou-se o do Bom dia. A partir daí, sistematizou-se o material listando o caso, o link da matéria na GloboPlay, a data de exibição e o tempo:

Quadro 1: Relação de reportagens sobre as primeiras mortes por Covid-19 na região Norte.

UF	Título	Edição	Vítima	Data	Tempo
TO	Servidora da saúde é a primeira morte por Covid-19 no Tocantins	Bom dia Tocantins (https://globoplay.globo.com/v/8483540/)	Vítima: Francisca Romana Sousa Chaves, 47 anos. Data de falecimento: 14/04/2020.	15/04/2020	2min27'
PA	Prefeitura de Santarém confirma primeira morte no município por Covid-19	Jornal Tapajós 2ª edição (https://globoplay.globo.com/v/8450343/)	Vítima: * (mulher), 87 anos. Data de falecimento: 19/03/2020.	01/04/2020	7min55'
AP	Amapá tem 1ª morte confirmada por coronavírus, diz governo	Jornal do Amapá 2ª edição (https://globoplay.globo.com/v/8458540/)	Vítima: * (homem), 60 anos. Data de falecimento: 04/04/2020.	04/04/2020	3min54'
AM	Amazonas registra primeira morte por Covid-19	JAM 1ª edição (https://globoplay.globo.com/v/8430482/)	Vítima: Geraldo Sávio Silva, 49 anos. Data de falecimento: 24/03/2020.	25/03/2020	5min25'
RR	Roraima tem primeira morte por coronavírus, diz secretaria de Saúde	Jornal de Roraima 1ª edição (https://globoplay.globo.com/v/8461084/)	Vítima: * (homem), 60 anos. Data de falecimento: 03/04/2020.	03/04/2020	1min30'
RO	Semusa divulga novas ações após primeira morte por COVID-19 em Porto Velho	Jornal de Rondônia 1ª edição (https://globoplay.globo.com/v/8446286/)	Vítima: * (mulher), 66 anos. Data de falecimento: 31/03/2020.	31/03/2020	7min45'
AC	Acre registra primeira morte pela Covid-19	Bom dia Amazônia (https://globoplay.globo.com/v/8463271/)	Vítima: Antônia Holanda, 79 anos. Data de falecimento: 06/04/2020.	07/04/2020	46'

Fonte: Dados sistematizados pelas autoras, 2024.

Destaca-se que este artigo é resultado de uma mirada inicial na proposta de acionar a semiótica como um modelo metodológico adequado para se refletir sobre a desinformação no contexto brasileiro, portanto, pode e deve ser aperfeiçoado em publicações futuras.

Para cumprir com o objetivo supracitado, este artigo se estrutura em tópicos que têm as seguintes propostas: a) refletir — por meio de referenciais teóricos — acerca do entrelaçamento da semiótica com a desinformação e a cobertura telejornalística; e b) apresentar o roteiro básico para análise desses materiais audiovisuais e sua aplicação, por meio da sistematização dos elementos semióticos (icônicos, indiciais e simbólicos) perceptíveis, na cobertura das primeiras mortes por Covid-19 na região norte do Brasil. É relevante ressaltar que cada produção apresenta particularidades contextuais, seja pelo horário do falecimento ou, como ocorreu no Pará, onde a primeira morte aconteceu em 19 de março de 2020, mas só foi divulgada pela imprensa e pelo governo do estado no dia 1º de abril.

Visando não tornar este artigo muito extenso, as reflexões sobre as conexões entre os conceitos de desinformação, telejornalismo e semiótica estarão entrelaçadas com o processo de análise. Essa escolha de desenvolver e explicar o processo de análise em conjunto com os conceitos, justifica-se, também, pelo fato de que ajuda a estabelecer, desde o início, uma conexão imediata com a temática. Nesse sentido, a abordagem deste artigo não criará uma transição entre os temas abordados, mas os relacionará concomitantemente.

Semiótica, desinformação e telejornalismo

O processo de reflexão sobre a questão da desinformação, a partir da perspectiva semiótica, inicia-se com a compreensão da visão pragmatista de Charles Sanders Peirce (2003), que aponta que a verdade sobre alguma afirmação está intimamente ligada às suas implicações práticas e à sua capacidade de produzir um resultado significativo, no contexto em que é aplicada. Essa abordagem proporciona a interpretação das implicações e das consequências do fenômeno em questão. Ou seja, pode-se acionar não só os princípios pragmáticos de Peirce para avaliar os contextos práticos da desinformação, mas, também, a semiótica, já que a mesma “tem por objeto a investigação de todas as linguagens possíveis e, nesse sentido, ela lança base para o exame de modos de constituição de todo e qualquer fenômeno, como fenômeno de produção de sentido” (De Souza, 2006, p. 159).

Sabe-se que a desinformação ou a fake news²⁰ pode influenciar, diretamente, nos comportamentos, decisões, atitudes e, principalmente, na percepção pública sobre determinados fenômenos — como foi o caso da pandemia do coronavírus no Brasil²¹. No contexto da desinformação, a abordagem pragmática de Peirce resalta a importância do método científico na busca pela análise crítica, pela verificação de fontes e pelo compromisso com a verdade, em meio à complexidade informativa da sociedade — aspectos estes, essenciais no fazer telejornalístico.

Em consonância com o pragmatismo e o processo de compreensão sobre os modos pelos quais o conhecimento confiável se dá, recorre-se à doutrina do falibilismo de Peirce. Sendo o falibilismo “a doutrina de que nosso conhecimento nunca é absoluto, mas sempre navega, por assim dizer, em um continuum de incerteza e indeterminação” (Peirce, 2003, p. 171). O autor continua, ponderando que “não podemos de nenhum modo atingir certeza nem exatidão perfeitas. Não podemos estar absolutamente certos de nada, nem podemos com alguma probabilidade determinar o valor exato de qualquer medida ou proporção geral” (Peirce, 2003, p. 173). Ou seja, “o falibilismo trata de nossas tentativas de alcançar a verdade, aceitá-la ou acreditar nela” (Perez, 2023, s/p).

Na análise do objeto desta pesquisa, essa concepção pode ser aplicada no reconhecimento da natureza dinâmica e continuamente evolutiva das informações, dando ênfase à importância do trabalho telejornalístico na verificação e apresentação do que estava realmente acontecendo durante a pandemia. Em contraponto às possíveis críticas sobre a aplicação da doutrina, Santaella (2023) explica que o falibilismo não é uma vertente cética ou relativista. Em suas palavras:

Prova maior de que o falibilismo não conduz a uma entrega ao ceticismo ou ao relativismo encontra-se na única regra da razão enunciada por Peirce, segundo a qual para aprender, devemos desejar aprender, ou seja, não estarmos satisfeitos com o que já estamos inclinados a pensar. As consequências de ficarmos satisfeitos com o que já tendemos a pensar manifesta-se de várias maneiras: em afirmações absolutas, em negações de que alguma coisa ou outra possam ser conhecidas, em alegações de que algo é totalmente inexplicável e, ao contrário, em reivindicações de que a formulação final e perfeita de uma verdade foi alcançada (Santaella, 2023, s/p).

Santaella (2021) afirma que as pessoas estão sempre a meio caminho da verdade. Isso não acontece pela falta de tempo ou recursos; mas, sim, porque “é a própria verdade que muda, porque muda a realidade. Mudando ambas, mudam também nossos meios de aferição e nossos métodos de investigação” (Santaella, 2021, p. s/p). Essa ideia pode ser usada como argumento para as desinformações relacionadas aos reais sintomas e sequelas da Covid-19²² — fatos estes postos em dúvida, várias vezes, pelo próprio presidente do país na época²³. Nesse sentido, de mudanças da verdade, conclui-se que “a mente humana está naturalmente adaptada para a compreensão do mundo” (Peirce, 2003, p. 142), ainda assim, isto “(...) não impede que essa adaptação sofra, em certas ocasiões, distorções destrutivas” (Santaella, 2021, s/p).

Como já dito neste artigo, com a evolução e popularização tecnológica das plataformas digitais diversos desafios foram postos no fazer jornalístico. Se antes o telejornalismo se configurava como a principal fonte de informação, agora, cada pessoa com acesso à internet consegue produzir e divulgar informações sem qualquer embasamento ou verificação científica. A informação não é mais exclusiva ao jornalismo. Por isso, antes de aprofundar nas teorias de Peirce, conceitua-se e se contextualiza o problema da desinformação no cenário pandêmico brasileiro.

De acordo com Santaella (2023, p. s/p), “desinformação é o antônimo de informação”, sendo que o prefixo “Des” é de privação, “nesse caso literalmente quer dizer um esvaziamento do significado que a informação possa porventura ter”. Na semiótica, o termo informação — apesar de não ser um conceito central — é trabalhado por Peirce no sentido de avaliar “como os signos veiculam ou não informação do que é geralmente reconhecido pelos seus comentadores” (Nöth; Gurick, 2011, p. 1). Sendo que, “o próprio Peirce se referiu, certa vez, às suas ideias a respeito desse tópico, formuladas entre 1865 e 1867, como sua teoria da informação” (Nöth; Gurick, 2011, p. 1). Uma das últimas versões de Peirce sobre essa questão entende a informação como “algo que pode ser carregado ou veiculado tanto verbalmente como não-verbalmente e não é apenas uma questão de significado, mas também de comunicação” (Nöth; Gurick, 2011, p. 1).

Em reflexão, acredita-se que, nos últimos cinco anos, o avanço tecnológico tenha alcançado um nível inigualável. Diversos pesquisadores imaginavam que, nesse cenário, a população teria desenvolvido uma capacidade correspondente para lidar com essas inovações. No entanto, a realidade contradiz essa expectativa²⁴. Mesmo diante de toda essa potencialidade informacional, a desinformação não apenas atuou, mas continua a agir de maneira massiva em vários países do mundo. Leão (2019) observa que, apesar do excesso de informações e ferramentas técnicas à disposição, a falta de informação é uma questão extremamente pontual nas sociedades contemporâneas. A reflexão do autor reside no fato de que, em alguns países nos quais o governo exerce controle sobre a informação, esta não é utilizada para representar a realidade tal como é. Pelo contrário, é frequentemente manipulada para distorcer, moldar ou alterar a realidade conforme os interesses governamentais (Leão, 2019). Isso sugere, segundo o pesquisador, que a informação não é empregada para revelar a verdade, mas, sim, para moldar as percepções conforme a narrativa desejada pelo governo.

Em paralelo, torna-se necessário compreender que, na Teoria da Informação, toda mensagem, seja verídica ou fictícia, é considerada uma forma de informação (Gleick, 2013). Essa perspectiva, vista de forma mais abrangente e contextualizada, revela que uma informação fictícia, falsa ou modificada possui poder para causar confusão e gerar desordem generalizada, como ocorreu durante a pandemia no

Brasil²⁵. Antes de explorar essa questão mais aprofundadamente, é relevante acrescentar que a semiótica de Peirce pode ser usada como ferramenta para entender a operação da desinformação no nível dos signos. Explica-se: essa perspectiva pode proporcionar constatações valiosas sobre os impactos da desinformação na interpretação coletiva, na confiança social e na estabilidade da comunicação, especialmente, no âmbito telejornalístico, visto que um “signo”, de acordo com Peirce (2003), representa um objeto e conduz a interpretações, gerando outros sinais interligados ao objeto. Sendo o telejornalismo apoiado na imagem dinâmica, há de se considerar a polissemia que tais imagens carregam consigo, ainda que a interpretação possa ser conduzida pelo texto verbal que se entrelaça à elas. Como bem aponta Yorke (2009, p. 114): “(...) a precisão da narrativa da matéria só é alcançada como resultado de boa redação quando as cenas utilizadas estão em harmonia com o texto”. Nessa ótica, desenvolve-se, a seguir, os principais pontos necessários para compreensão e análise do objetivo proposto.

Telejornalismo brasileiro e a semiótica

O foco deste tópico será nos aspectos relevantes para a construção da compreensão sobre a relevância do telejornalismo no contexto pandêmico do Brasil. É inegável que a televisão se configura, assim como apontado por Ferrés (1998), como um fenômeno social e cultural de extrema importância na história da humanidade. Conforme sua interpretação, a televisão “é o maior instrumento de socialização que jamais existiu. Nenhum outro meio de comunicação na história havia ocupado tantas horas da vida cotidiana dos cidadãos, e nenhum havia demonstrado um poder de fascinação e de penetração tão grande” (Ferrés, 1998, p. 13). Em relação aos telejornais, Squirra (1995, p. 11) explica que,

O telejornal tem desempenhado papel fundamental na produção e divulgação de informações hoje em nosso país. Fatias extremamente consideráveis da população tomam conhecimento das notícias de sua cidade, da sua região, do seu país, bem como do resto do mundo, assistindo diariamente a um dos programas de jornalismo veiculados pelas emissoras de televisão existentes.

Outro estudioso importante da temática telejornalística é Bahia (1990), que descreve que o “apego” do público pela TV se deve, principalmente, pelas diferenças entre o jornalismo televisivo e os demais meios de comunicação. Para ele, na televisão, o jornalismo transcende a linguagem escrita para incorporar a imagem. “São duas linguagens, a da notícia gráfica e a da notícia eletrônica. Na imprensa, predomina o espaço, na televisão (como no rádio) predomina o tempo” (Bahia, 1990, p. 146). Sendo o jornalismo uma instituição social que atua em conformidade com o princípio de informar o público de forma clara e objetiva sobre quaisquer assuntos considerados “essenciais”, o telejornalismo se caracteriza como uma importante ferramenta para alcançar este objetivo.

Com a potencialização das plataformas de redes sociais, reitera-se que o produto telejornalístico atua consolidadamente como uma mídia hegemônica e influenciadora dos movimentos e crenças de uma sociedade, configurando-se, assim, como um campo relevante para pesquisas acadêmicas. Ao emergir e se expandir por diversas plataformas, o jornalismo televisivo enfrenta alguns desafios quando se trata das pressões impulsionadas pelas práticas produtivas em relação à produção e circulação de notícias. Nesse sentido, do desenvolvimento de coberturas relacionadas ao período pandêmico e, em específico, às primeiras mortes por Covid-19 no Brasil, o telejornalismo brasileiro precisou se adaptar ao número expressivo e conflitante de informações compartilhadas sobre a doença e a emergência no noticiar dessas mortes. Esses ajustes, em consequência da necessidade de contrapor narrativas desinformativas, enfatizam o comprometimento dos telejornais na verificação de informações e na apresentação de fontes confiáveis.

O que se confronta, neste artigo, é que as narrativas jornalísticas passaram a incorporar elementos que priorizassem a importância da divulgação de informações confiáveis, como medida contra a disseminação de notícias falsas em um ambiente informativo altamente saturado como era o da

pandemia. Em suma, essa adaptação, ao noticiar as primeiras mortes por Covid-19, caracterizou-se, em parte, pela necessidade de combater a desinformação, em um momento tão crítico para a saúde pública do Brasil. Longe de encerrar as discussões sobre como as novas mídias impactam a construção narrativa do telejornalismo, é de comum acordo que o sistema televisivo foi se adaptando, nesses últimos 70 anos, às muitas mudanças tecnológicas e inovacionais do setor midiático.

Partindo dessa perspectiva e entendendo a semiótica como uma “ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis” (Santaella, 2000, p. 3), reafirma-se a teoria como um campo adequado na análise dos aspectos visuais e textuais das notícias. Logo, explica-se, a seguir, o processo teórico-metodológico deste artigo.

Fernandes (2011, p. 162) descreve que “o ponto de partida da teoria dos signos é o axioma de que as cognições, as ideias e até o homem são essencialmente entidades semióticas. Como signo, uma ideia também se refere a outras ideias e objetos do mundo”. Logo, tudo o que é posto em reflexão possui um passado e se caracteriza como informação acumulada. Fernandes (2011, p. 168) também ilustra que a teoria semiótica “nos permite penetrar no próprio movimento interno das mensagens, no modo como elas são engendradas, nos procedimentos e recursos nela utilizados”. Além disso, através dos sinais usados na comunicação humana, a semiótica “permite-nos também captar seus vetores de referencialidade não apenas a um contexto mais imediato, como também a um contexto estendido” (Fernandes, 2011, p. 168), “pois em todo processo de signos ficam marcas deixadas pela história, pelo nível de desenvolvimento das forças produtivas econômicas, pela técnica e pelo sujeito que as produz” (Santaella, 2005, s/p).

Para Finger, Emerim e Cavenaghi (2017, s/p), “textos televisivos são objetos culturais de natureza complexa e híbrida, que se estruturam com a articulação de diferentes linguagens, atravessados pelas condições de produção e circulação dos meios que os originam”. Ou seja, noticiários podem ser encaixados como objetos culturais complexos, que possuem diferentes elementos de estruturação. Isso significa que, ao assistir algo, o espectador absorve não só as informações faladas pelos repórteres, mas, também, os elementos visuais presentes. Ao falar sobre o problema semiótico da desinformação, Henn (2022, p. 4) argumenta que:

A desinformação não é, necessariamente, oriunda de conteúdos produzidos com esta finalidade, mas decorrente, desde sempre, das complexas relações semióticas entre acontecimentos, alçados à condição de fatos, e as respectivas narrativas que geram nos sistemas de representação, com o protagonismo midiático, desde, pelo menos, o século XIX, do Jornalismo.

Os estudos de Peirce possuem um aspecto muito amplo, por isso, foca-se no signo — conceito base da semiótica — como uma forma de compreensão das narrativas jornalísticas apresentadas nos vídeos analisados, tendo como foco o ícone, o índice e o símbolo. Peirce (2003) desenvolve a ideia de signo como um elemento que, sob determinado aspecto, representa algo para alguém. Iasbeck (2010, p. 194) explica que o signo “é tudo aquilo que nos chega da realidade, que nos é dado perceber e que, portanto, não é a realidade inteira, mas uma parcela dela, uma parte ou uma dimensão que representa o todo, na impossibilidade de que ele apareça em sua plenitude”. Fernandes (2011, p. 162) exemplifica, de forma muito didática, como o signo funciona:

Um signo tem uma materialidade que percebemos com um ou vários de nossos sentidos. É possível vê-lo (um objeto, uma cor, um gesto), ouvi-lo (linguagem articulada, grito, música, ruído), senti-lo (vários odores: perfume, fumaça), tocá-lo ou ainda saboreá-lo. É essa coisa que se percebe que está no lugar de outra. Esta é a particularidade essencial do signo: estar ali, presente, para designar ou significar outra coisa ausente, concreta ou abstrata.

Para Fernandes (2011, p. 168), “o mérito dessa definição é mostrar que um signo mantém uma relação solidária entre pelo menos três polos: 1) a face perceptível do signo, ‘representâmen’, ou significante; 2) o que ele representa, ‘objeto’ ou referente; 3) e o que significa, ‘interpretante’ ou significado”. Antes de explicar de forma prática como essas ideias se encaixam na análise, é necessário conceituar uma das tricotomias principais de Peirce: ícone, índice e símbolo. Santaella e Nöth (2021) explicam que o ícone se refere aos signos de qualidade ou, se preferível, de semelhança com o seu objeto.

Desse modo, um ícone é um signo que compartilha semelhanças físicas com seu objeto. Enquanto o índice está ligado às ideias de dualidade, de ação e reação, “ele mantém uma conexão de contiguidade física com o objeto que indica” (Brosso; Valente, 1999, p. 21). No caso do símbolo, sua significação é derivada da convenção social ou cultural, que se conecta ao objeto por meio da ideia do interpretante. Feita estas constatações, desenvolve-se a seguir as principais ideias acerca do processo de análise.

Ao relacionar as ideias de Peirce sobre o funcionamento do signo, entende-se, por exemplo, que a fotografia exibida pelo “Bom dia Tocantins” da primeira pessoa falecida²⁶ por Covid-19 no estado se encaixa como a face perceptível do signo (ícone). Ela atribui um valor de verdade ao fato, mais do que isso, ela concede uma face, identidade, uma humanidade, indo além do mero marcador numérico.



Fonte: Bom dia Tocantins, Globoplay. [15/04/2020]. Servidora da saúde é a primeira morte por Covid-19 no Tocantins (<https://globoplay.globo.com/v/8483540/>).

Sobre o que o signo representa (índice), as cenas da coletiva de imprensa realizada pela Prefeitura de Santarém no Pará, apresentadas pelo Jornal Tapajós 2ª edição, ao noticiar a primeira morte, podem ser consideradas índices. Neste ponto, ressalta-se que a necessidade da coletiva para esclarecimentos sobre a doença e a presença do prefeito — como fonte oficial, pois, assim como afirma Schmitz (2011, p. 9), “as fontes oficiais são as preferidas da mídia, pois emitem informações aos cidadãos e tratam essencialmente do interesse público, embora possam falsear a realidade” — caracterizam-se como evidências diretas aos eventos alarmantes da pandemia e do caos desinformativo, estabelecendo uma relação causal. A configuração das fontes, sentadas com uma mesa cheia de microfones de várias emissoras, indicia tal recorte como oficial, sério, importante o suficiente para ser coberto por vários veículos ao mesmo tempo.

Imagem 2: Captura de tela da matéria do Jornal Tapajós.



Fonte: Jornal Tapajós 2ª edição, Globoplay. [01/04/2020]. Prefeitura de Santarém confirma primeira morte no município por Covid-19 (<https://globoplay.globo.com/v/8450343/>).

Vale destacar que o caso do Pará foi o mais complexo, em termos de apuração, sobretudo, devido a um contexto desinformativo perpetuado sobre este caso. A Secretaria de Estado de Saúde do Pará (SEMSA) só confirmou a morte em 1º de abril de 2020, 12 dias após o falecimento em 19 de março de 2020. Sendo que, o resultado do exame após o óbito estava disponível desde o dia 25 de março. Até a notificação da SEMSA, o município não tinha informações sobre a coleta de material da vítima para o exame. Este caso, em específico, é cercado por questões controversas, desde a negação da família sobre o óbito até o atraso na divulgação do resultado do exame. No vídeo, que consiste em uma entrada ao vivo, intercalada com gravações da coletiva, o repórter traça todo um percurso de apresentação dos fatos, reafirmando a importância do combate à desinformação sobre o caso. Ao todo, o material tem duração de 7 minutos e 55 segundos, ocupando uma parte significativa telejornal segunda edição, que é o menos das afiliadas Globo. Isso denota o trabalho de detalhamento feito pelo jornalismo, que nasce da necessidade de esclarecimento acerca das desinformações propagadas até então acerca do caso.

Já para exemplificar o símbolo, podemos selecionar as imagens veiculadas pelo “Bom dia Amazônia” sobre a primeira morte no Acre. Nelas, não aparece a pessoa, apenas os profissionais de saúde usando equipamentos de proteção, ao carregar um caixão vazio para dentro da Unidade de Pronto Atendimento (UPA). O todo imagético remete ao falecimento, ao luto e menos à pessoa, diferentemente do caso do Bom dia Tocantins, já mencionado. As imagens nessa cobertura fazem uma conexão simbólica com a pandemia de Covid-19 e suas consequências.

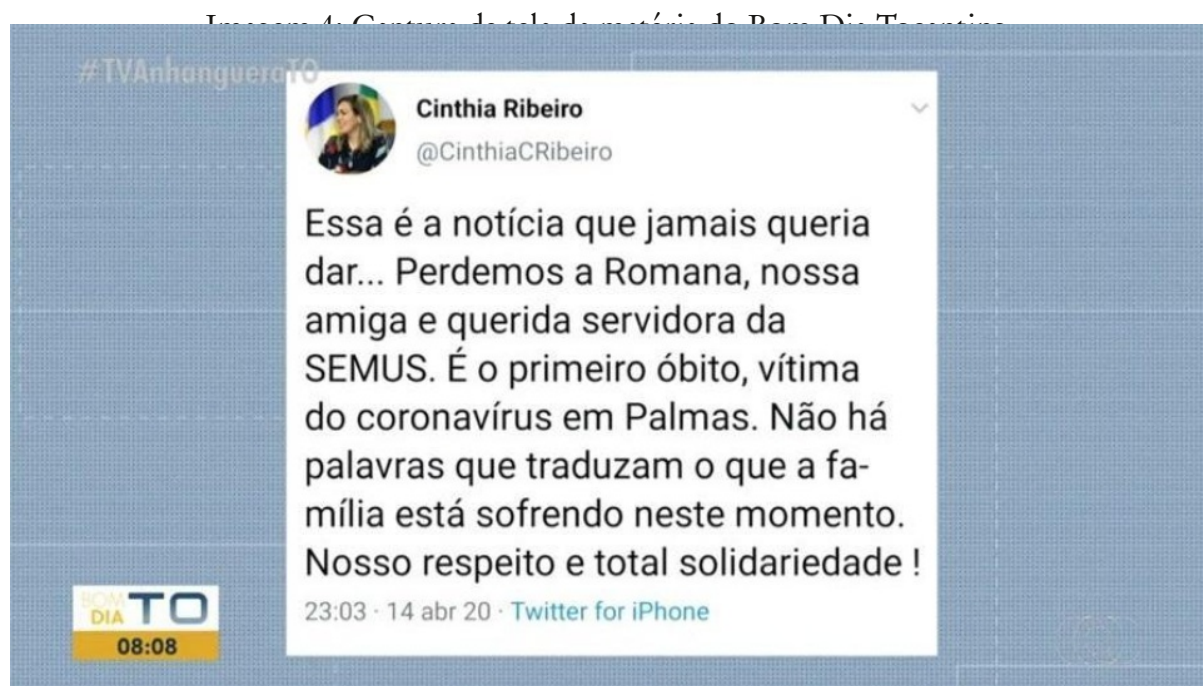
Imagem 3: Captura de tela da matéria do Bom Dia Amazônia.



Fonte: Bom dia Amazônia, Globoplay. [07/04/2020]. Acre registra primeira morte pela Covid-19 (<https://globoplay.globo.com/v/8463271/>).

Nesse sentido, o processo de análise semiótica dos vídeos é caracterizado por esses três aspectos analíticos. Primeiramente, observam-se as características icônicas das reportagens, analisando quais imagens foram escolhidas para reforçar a veracidade dos fatos e combater possíveis informações falsas. Em um segundo momento, foca-se nos aspectos indiciais, analisando os depoimentos e entrevistas, com o propósito de verificar se esses relatos foram usados como índices para apoiar a veracidade das informações, além de observar quais fontes foram escolhidas, tendo em vista a possível influência destes na construção narrativa. Por fim, em um terceiro e último momento, observa-se, para além de possíveis aspectos simbólicos, a linguagem verbal e as palavras escolhidas pelos repórteres, questionando-se se o discurso acionado enfatiza o combate à desinformação.

Ao analisar o contexto dos vídeos, torna-se evidente o impacto da desinformação na cobertura jornalística de cada estado. No Tocantins, o último estado a confirmar uma morte por Covid-19, observa-se que, além da narração da repórter, a exibição do print de um tweet da prefeita de Palmas, Cinthia Ribeiro, confirmando a fatalidade, funciona como elemento verbal e não-verbal (foto do perfil) reforçador da oficialidade da confirmação e, portanto, veracidade.



Fonte: Bom dia Tocantins, Globoplay. [15.04.2020]. Servidora da saúde é a primeira morte por Covid-19 no Tocantins (<https://globoplay.globo.com/v/8483540/>).

Por fim, no Amazonas, ao telespectador são apresentadas imagens da vítima em momentos de lazer. Tais imagens surgem como um reforçador da informação de que ela não pertencia ao grupo de risco e a cidade recebeu a notícia “com muito susto”. O repórter destaca e justifica que o corpo será cremado, sem velório, devido aos riscos de contágio.

Considerações finais

A partir destas breves reflexões construídas neste artigo, observou-se que a desinformação foi um dos aspectos influenciadores na cobertura telejornalística, especialmente, sobre as primeiras mortes por

Covid-19, na região Norte do Brasil. O desenvolvimento do processo analítico semiótico dos materiais telejornalísticos veiculados ao Globoplay se mostrou pertinente e adequado para análise, embora se tenha feito a opção de trazer apenas um elemento norteador (signo, símbolo e ícone) na análise dos materiais, sabe-se que tal tríades está presente em cada uma das produções. O recorte visou apenas otimizar a análise para o número de páginas que este artigo comporta.

Em foco ao objetivo deste artigo, ressalta-se que o período pandêmico no Brasil foi marcado por grandes desafios em relação à comprovação da verdade. Assim como afirma Santaella (2021, p. s/p) “é preciso levantar a voz para resgatar o valor da verdade, pois não é verdade que a verdade não existe”. Para o telejornalismo, esse desafio foi ainda maior, considerando que as rotinas de produção foram completamente alteradas pelo distanciamento social, incorporando trabalho remoto, gravações de entrevistas com o celular e uso de máscaras por repórteres (Mota, 2022). A finalidade deste artigo:

(...) não é resolver o problema escorregadio da verdade, mas colocar ênfase no fato de que a atual avalanche da pós-verdade e suas ondas de fake news não têm e não terão o poder de apagar o instinto (Peirce), o gosto (Klein, 2020), a vontade (Foucault, 2014) e a coragem (Foucault, 2011) da verdade. A verdade existe porque ela insiste e persiste como busca humana incondicional (Santaella, 2023, s/p).

Reitera-se que, ao aplicar a semiótica de Charles Sanders Peirce à análise dos materiais veiculados pelo Globoplay, é possível compreender como a desinformação influenciou na produção telejornalística. Esta percepção é importante para futuras pesquisas que se voltem a analisar o papel do telejornalismo brasileiro na formação da opinião pública e sua contribuição na construção de uma sociedade mais informada, neste período histórico.

Referências bibliográficas

BAHIA, Juárez. *Jornal, história e técnica*. São Paulo: Ática, 1990.

BROSSO, R. e VALENTE, N. *Elementos da semiótica: comunicação verbal e alfabeto visual*. São Paulo: Panorama, 1999.

DE SOUZA, Lícia Soares. *Contribuições da Semiótica de Peirce para os estudos da narrativa*. Caligrama (São Paulo. Online), v. 1, 2006.

FERNANDES, José David Campos. *Introdução à semiótica*. *Linguagens: usos e reflexões*, v. 159-185, 2011.

FERRÉS, Joana. *Televisão subliminar*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FINGER, Cristiane; EMERIM, Cárlica; CAVENAGHI, Beatriz. *Metodologias de pesquisa em telejornalismo*. *Sessões do imaginário*, v. 22, n. 37, pág. 02-09, 2017.

GALHARDI, Cláudia Pereira et al. *Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil*. *Ciência & Saúde Coletiva* [on-line]. v. 25, pp. 4201-4210. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320202510.2.28922020>. Acesso em: 23 abr. 2024.

GLEICK, James. *A informação: uma história, uma teoria, uma enxurrada*. Editora Companhia das Letras, 2013.

HENN, Ronaldo. *O problema semiótico da desinformação*. 2022.

IASBECK, Luiz Carlos et al. Semiótica: método-lógico para o estudo da Comunicação. Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, n. 1, 2010.

LEÃO, S. Jornalismo e desinformação. Editora Senac São Paulo, 2019.

MOTA, Kaliton M. O trabalho do telejornalista diante da pandemia de Covid-19: A adaptação a uma nova forma de produzir o Bom Dia Tocantins. Monografia apresentada no curso de Jornalismo, Universidade Federal do Tocantins, Palmas-TO, 2022.

NEMER, David. Desinformação no contexto da pandemia do Coronavírus (COVID-19). AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento, v. 2, pág. 113-116, 2020.

NÖTH, W.; GURICK, A. A teoria da informação de Charles S. Peirce. TECCOGS: Revista Digital de Tecnologias Cognitivas, n. 05, 2011.

PEIRCE, Charles S. Semiótica. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

PEREZ, Clotilde. Charles Sanders Peirce-A Fixação da Crença. Paulus Editora, 2023.

SANTAELLA, L. O que é Semiótica. São Paulo: Brasiliense, 2000.

SANTAELLA, L. e NÖTH, W. Imagem: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 2021.

SANTAELLA, L. A semiótica das fake news. VERBO. CADERNOS DE PÓS-GRADUAÇÃO. ISSN 2316-3267, v. 2, pág. 25/09/2020.

SANTAELLA, L. A verdade à luz da vagueza e do falibilismo. Estudos Semióticos, v. 2, pág. 46-55, 2022.

SANTAELLA, L.; NÖTH, Winfried. Introdução à semiótica. Paulus Editora, 2021.

SANTAELLA, L. De onde vem o poder da mentira?. Digitaliza Conteúdo, 2021.

SANTAELLA, L. Semiótica aplicada. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

SCHMITZ, Aldo Antonio. Classificação das fontes de notícias. Florianópolis, Sc: Ufsc, 2011.

SQUIRRA, Sebastião Carlos de M. Aprender Telejornalismo – produção e técnica. São Paulo: Brasiliense, 1995.

YORKE, Ivor. Telejornalismo. São Paulo: Roca, 2006.

(Tele)jornalismo de dados: uma análise de elementos de visualização de dados utilizados em telejornais nortistas

*José Uendel Souza da Costa
Liana Vidigal Rocha*

Introdução

Durante momentos da pandemia da Covid-19, o jornalismo tornou comum em seus noticiários a utilização de termos como: número de casos suspeitos; número de casos confirmados; número de óbitos; número de casos recuperados; média móvel; índice de transmissão; índice de internação; taxa de letalidade; taxa de ocupação hospitalar; taxa de vacinação; taxa de aplicação da 1º dose; taxa de aplicação de dose única etc. Todos acompanhados de números que transmitiam um panorama do cenário epidemiológico da doença no Brasil. Diante dessa grande quantidade de dados, o jornalismo teve a complexa tarefa de transmitir à população informações sobre a pandemia de forma compreensível, entretanto perante a um cenário de desinformação.

Em meio a cobertura jornalística e ao desafio da transmissão de informações sobre a doença, de forma macro, o jornalismo brasileiro enfrentou a dificuldade em obter dados do cenário da doença no país por meio do Ministério da Saúde: os dados eram divulgados em horários não compatíveis com os do trabalho da imprensa e algumas informações não eram divulgadas em sua totalidade, como a inclusão do registro total de infectados e de óbitos.

O presidente do Brasil na época, Jair Bolsonaro, foi questionado por jornalistas no dia 05 de junho de 2020 sobre os problemas relacionados à divulgação dos dados sobre a pandemia, momento em que declarou: “Acabou matéria do Jornal Nacional”²⁷, em referência à cobertura e divulgação de dados da doença em um dos telejornais de maior audiência do país.

Esse cenário levou à criação de um consórcio de imprensa para dividir tarefas e chegar ao objetivo conjunto de buscar informações necessárias para a cobertura noticiosa, nos 26 estados e no Distrito Federal. Criado em 08 de junho de 2020 e encerrado em 28 de janeiro de 2023, o consórcio de veículos de comunicação envolveu alguns dos maiores veículos de mídia do Brasil: G1, O Globo, Extra, O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e UOL²⁸.

Gomes e Santos (2021, p. 12) avaliaram que houve um embate de narrativas a partir da criação do consórcio: “Enquanto o Governo Federal divulga os dados de casos, óbitos e vacinados em sua íntegra e sem maiores informações, o Consórcio oferecia, além das três opções citadas, a análise da média móvel de números de casos e mortos”. O consórcio de imprensa realizou, diariamente, a coleta dos dados epidemiológicos da Covid-19 diretamente nas secretarias estaduais de Saúde dos 26 estados e do Distrito Federal. Dessa forma, a iniciativa do levantamento de dados foi desempenhada por esses veículos da grande mídia para produzir a cobertura da pandemia da Covid-19.

As técnicas empregadas pelo consórcio de imprensa são reconhecidas nas que envolvem a prática jornalística do jornalismo de dados. Pesquisadores apontaram que a cobertura da pandemia da Covid-19 potencializou a assimilação desta prática no telejornalismo. Considerando isso, este artigo sintetiza os resultados obtidos em uma pesquisa norteada pela seguinte problemática: quais recursos são utilizados em telejornais da região norte na representação de dados, caracterizados ou não como jornalismo de dados?

Assim, o objetivo principal desta pesquisa é identificar quais recursos de infografia ou visualização de dados, ou seja, aplicações caracterizadas ou não como jornalismo de dados, que foram aplicadas em narrativas de telejornais nortistas durante a pandemia da Covid-19. Diante da problemática de pesquisa, como objeto de estudo foram coletados materiais de telejornais de emissoras de estados da região norte do país: Jornal Anhanguera 1ª Edição, da TV Anhanguera (Tocantins); Jornal Liberal 1ª Edição, da TV Liberal (Pará) e Jornal do Amazonas 1ª Edição, da Rede Amazônica (Amazonas); Jornal do Acre 1ª Edição, da Rede Amazônica Acre (Acre); Jornal de Roraima 1ª Edição, da Rede Amazônica

Roraima (Roraima); Jornal de Rondônia 1ª Edição, da Rede Amazônica Rondônia (Rondônia) e Jornal do Amapá 1ª Edição, da Rede Amazônica Amapá (Amapá). O corpus foi composto por frames de trechos dos telejornais dos estados do Amazonas, Roraima e Tocantins, que abordaram em linguagem verbal-escrita e ou linguagem icônico-não verbal a divulgação de dados da Covid-19 ou da vacinação contra a doença, em dois dias de exibição dos telejornais.

Para chegar ao objetivo principal desta investigação, foram traçados procedimentos metodológicos capazes de identificar: se os telejornais recorreram às práticas do jornalismo de dados; de descrever os recursos de infografia aplicados pelos telejornais e de analisar a função dos recursos utilizados. Dessa forma, recorreu-se às técnicas da metodologia de análise de conteúdo, para realizar uma verificação dos recursos operados para retratar grandes volumes de dados em materiais veiculados nos telejornais selecionados.

Este capítulo inicialmente situa o leitor sobre o que é o jornalismo de dados na perspectiva de inovação jornalística, em seguida aborda uma das etapas do processo de criação do jornalismo de dados, a visualização. É por meio deste estágio da prática que ocorre a assimilação do jornalismo de dados no telejornalismo, conforme é detalhado no tópico “(Tele)jornalismo de dados?”. Por fim, o capítulo se encerra apresentando a metodologia utilizada nesta pesquisa, os resultados e uma breve análise deles.

Jornalismo de dados

O jornalismo possui uma relação direta com as tecnologias, em que o surgimento de novas tecnologias desencadeia mudanças na produção jornalística. A partir do modelo de evolução do webjornalismo em fases, criado por Mielniczuk (2003), Barbosa (2007) propõe uma atualização apontando uma fase de transição entre a fase três, indicada por Mielniczuk (2003), e uma nova fase do webjornalismo, que estava se desenvolvendo.

Essa fase de transição é marcada pela expansão do uso de tecnologias como a utilização de bases de dados, algoritmos, linguagem de programação, dentre outras tecnologias. A autora denominou essa fase de transição como Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD)²⁹, definido como um “modelo que tem as bases de dados como definidoras da estrutura e da organização, bem como da apresentação dos produtos de natureza jornalística” (Barbosa, 2007, p. 218). Apesar disto, Santi (2009) e Reges (2010) propõem que já é a quarta fase da evolução do webjornalismo que é marcada pelo uso do banco de dados.

Por outro lado, Träsel (2014) salienta o surgimento de uma prática jornalística dentro do JDBD, o chamado Jornalismo Guiado por Dados (JGD), que é uma prática que possui bases de dados como a essência para produção jornalística, além de compreender atividades multidisciplinares na sua composição.

O jornalismo de dados é uma narrativa jornalística baseada em um grande volume de informações digitais. A prática existe a partir dos dados e ganha formato compreensível ao público a partir do momento em que os profissionais realizam as etapas de coleta, seleção, interpretação e criação da visualização (Araújo, 2016). Esta prática se diferencia do jornalismo tradicional na apuração de informações e na compreensão dessas informações para construção da reportagem (Queirós, 2017), além da diferenciação no volume de informações apuradas e na aplicação de técnicas computacionais (Träsel, 2017).

A diferenciação da prática do jornalismo tradicional também é defendida por Mancini e Vasconcellos (2016), que propõem a classificação de Jornalismo de Dados e o Jornalismo com Dados. Nela, o jornalismo com dados utiliza os dados como um reforço em seu produto, uma maneira de desenhar uma informação na reportagem, e, no jornalismo de dados, os dados são a matéria prima da reportagem, o ponto de partida para existência da reportagem (Träsel 2014). Para Ventura (2018) e Träsel (2014), o JGD é uma prática proveniente do Jornalismo de Precisão (JP)³⁰ e da Reportagem Assistida por Computador (RAC)³¹, que foi evoluindo a partir do desenvolvimento de novas tecnologias.

Apesar dessa origem, Grandin (2014), Mancini e Vasconcellos (2016) não descartam que o movimento de dados abertos contribuiu para a criação do jornalismo de dados. Levando em conta que em escala mundial entre os anos 1990 e 2000, os movimentos em prol de dados abertos e da transparência governamental se consolidaram (Grandin, 2014). No Brasil, por exemplo, a Lei de Acesso à Informação 12.527/2011 (LAI), que possui quase treze anos, criou uma nova perspectiva para o jornalismo.

Assim, o jornalismo de dados é uma prática julgada como recente no jornalismo, como observado nas discussões anteriores. Um mapeamento realizado por Santos (2019) apontou que no Brasil havia 52 veículos de comunicação que trabalhavam com jornalismo de dados, sendo que o estudo também apontou que essas organizações mapeadas estavam presentes massivamente nas cidades do Rio de Janeiro (RJ) e de São Paulo (SP). Desta forma, é significativo destacar que esse trabalho foi elaborado visando a relevância da investigação sobre o desenvolvimento do jornalismo de dados no Brasil, onde os estudos ainda não são tão amplos, além da pesquisa de objetos de estudo criados na região norte, onde os estudos do desenvolvimento da prática são ainda mais escassos.

Para tornar os dados acessíveis à população, o jornalismo de dados possui o desafio de traduzir os grandes volumes em formatos mais visuais, dinâmicos, interativos e compreensíveis. Para Estevanim (2016), a visualização de dados atua como um tradutor da complexidade que envolve as competências exigidas pelo jornalista no segmento.

Visualização de dados

Ao tratar sobre as possibilidades presentes na visualização de dados, Sousa (2020) aponta novos formatos de produtos de jornalismo de dados, como: “gráficos ou infográficos estáticos, jogos eletrônicos, animações, produtos audiovisuais, aplicações de realidade virtual ou realidade aumentada, entre outros” (Sousa, 2020, p. 10).

Diante do grande volume de dados que a sociedade está exposta, a visualização de dados apresenta um papel importante na compreensão das informações presentes nos bancos de dados ilegíveis para população que não possui as competências profissionais necessárias. Considerando que “os dados em si, no sistema que contém seus recipientes, não guardam qualquer valor estético” (Barbosa, 2007, p.69), a visualização de dados assume a função de interpretar para a população o que os dados representam (Crucianelli, 2013).

Assim, “a visualização de dados jornalísticos, portanto, diz respeito aos modos diferenciados de se representar informações jornalísticas a partir da sua estruturação em base de dados” (Estevanim, 2018 p.03). Ela é compreendida como uma parte derivada do jornalismo de dados que “se comporta como o espaço para pensar e escolher entre os formatos possíveis, qual o melhor para apresentar determinado conteúdo e/ou dados” (Sousa, 2020, p. 9).

Para Sousa (2020), gráficos, ou infográficos estáticos, classificam-se como produto de jornalismo de dados. Alguns outros autores discordam da proposta. Para Estevanim (2016), a visualização de dados ocupa um lugar de maior interatividade e exibição integral dos dados, enquanto a infografia exerce um espaço de simplificação da compreensão e refinamento dos bancos de dados. Já Cairo (2016) propõe que a visualização de dados difunde os grandes volumes de dados de uma maneira que o público analise e explore as informações a ponto de construir sua própria interpretação. Diferente da infografia, em que o autor identifica a função de comunicar um ou mais dados específicos, de forma direcionada.

Rodrigues (2010) apresenta uma perspectiva semelhante a Sousa (2020), na qual a visualização de dados é considerada uma evolução da infografia no jornalismo digital, que a autora nomeia como “infográficos a base de dados”. Essa evolução possui as seguintes particularidades: a) cruzamento de dados, b) atualização contínua, c) participação e customização do conteúdo, d) novos formatos de apresentação do conteúdo e e) apresenta diferentes graus de interatividade.

Essa concepção de infográficos a base de dados se alinha ao que Cairo (2008) entende sobre “visualização de dados”, que consiste em um material que vai além da função de representar visualmente

uma ou mais informações específicas e que permite a exploração dos dados pelo público, por meio de ferramentas de interatividade. Ou seja, a visualização de dados atua como “uma exposição de dados que permite análises, exploração e descoberta” (Cairo, 2016, p. 31)³².

Já na televisão, a infografia possui o objetivo de “tornar o acesso à informação mais fácil e ampliar o conhecimento do telespectador” (Souza, 2009, p. 5). Para o autor, os infográficos criados para a televisão fazem parte do motion graphics³³ e permitem ao telespectador a possibilidade de compreender os dados de forma rápida e objetiva, a fim de que a audiência tire suas conclusões. Apesar do postulado de Rodrigues (2010) sobre como a inserção de bases de dados na infografia, que reconfigura os padrões da prática por meio do cruzamento de dados e da interatividade, estar se referindo ao webjornalismo, este processo de reconfiguração como visualização de dados pode modificar a maneira que a infografia é exercida na televisão.

Diante disto e considerando a cultura de convergência de Jenkins (2009), que trata sobre como conteúdos seguem um fluxo por meio de múltiplas plataformas de mídia, da migração de públicos em diferentes meios de comunicação, dentre outros, é observado como o jornalismo de dados (prática que se desenvolve no webjornalismo) é incorporado no telejornalismo. Já que de acordo com Jenkins (2009), a mídia que é considerada tradicional, apropria-se da web, diante da cultura de convergência.

(Tele)jornalismo de dados

Apesar desse direcionamento, é importante ressaltar que o objetivo do presente trabalho não é tratar de imposições do webjornalismo sobre o telejornalismo. Este artigo interpela como a prática do jornalismo de dados é assimilada pelo telejornalismo. Uma das finalidades do jornalismo de dados é traduzir o grande volume de dados em uma visualização compreensível para o público (Träsel, 2017).

A partir desta característica, Freitas (2018) aponta uma ligação do jornalismo de dados com estudos sobre a TV, pois o conceito de visualização de dados se relaciona com o conceito de realidade expandida, proposto por Cabral (2012). A realidade expandida representa uma adição de sentido à realidade construída no telejornalismo, por meio de processos de edição digital, na construção de reportagens veiculadas em telejornais (Cabral, 2012).

O termo é criado com inspiração na realidade aumentada da área das ciências da computação. A autora esclarece que a realidade expandida nasce no processo de edição da era digital, considerando que a “a edição de notícias na TV e a construção de efeitos de realidade na era analógica já criavam certa realidade midiática” (Cabral, 2012, p. 174). Baseando-se em padrões de edição percebidos no telejornalismo, a autora propõe três categorias do processo de edição em que se é construída a realidade expandida: 1) Processo de Manipulação; 2) Processo de Simulação e 3) Processo de Infoimagem.

O processo de infoimagem se refere a uma edição criada por computador que resulta na infoimagem em formato de letterings³⁴ ou infográficos, para representar uma informação. Cabral (2012) ainda aponta que esse processo utiliza elementos gráficos com o cruzamento com mapas, diagramas, texto, fotos e números. Ao tratar sobre as aplicabilidades da infoimagem no telejornalismo, a autora propõe algumas funções que se relacionam com o jornalismo de dados:

- 1) possibilitar o cruzamento de dados complexos e possíveis de serem simplificados quando apresentados visualmente
 - 2) facilitar o entendimento do telespectador sobre informações complexas nas matérias; (...)
 - 5) enfatizar dados numéricos ou textuais
- (Cabral, 2012, p. 219).

Essas funções podem ser relacionadas com a função do jornalismo de dados, principalmente, na etapa de visualização de dados. Caleffi e Pereira (2021, p. 28) apontam que “apresentar os dados não é suficiente para que as pessoas (no caso do telejornalismo, os telespectadores) consigam compreender os fenômenos, muito menos estabelecer relações de causalidade entre os dados e a sua própria vida”. Ou seja, a compreensão de informações, como grandes volumes de dados, exige possibilidades de

visualização para quem consome o material jornalístico.

Convergindo com esse pensamento, Vallim e Reis (2023, p. 14) avaliam que a televisão possui potencial para utilizar as técnicas do jornalismo de dados, “principalmente aquelas referentes à visualização, já que no que diz respeito ao conteúdo audiovisual, essas empresas já lidam diariamente com gráficos, artes e mapas”.

Um exemplo dessa prática foi produzido no telejornal SPTV 1ª Edição da Rede Globo, que já apresentou, em 2016, um projeto voltado à utilização do jornalismo de dados na televisão. Foi criado o selo “Resultado”, uma iniciativa de jornalismo da emissora que empregava a análise e cruzamento de informações públicas, ou seja, procedimentos do jornalismo de dados. O selo foi criado para identificar séries de reportagens que aplicaram as técnicas da prática.

Para Vallim e Reis (2023), a pandemia da Covid-19 acelerou o processo da assimilação do jornalismo de dados no telejornalismo, já que neste período foi possível identificar o emprego de técnicas dessa prática jornalística na TV. Na Figura 1, observa-se um exemplo disso por meio de capturas de tela da visualização de dados referentes à Covid-19 exibidas no Jornal Nacional da TV Globo.

Figura 1: Visualização de dados no telejornal Jornal Nacional na edição do dia 06 de abril de 2021.



Fonte: Captura de tela do trecho do telejornal disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9415367/>.

No meio acadêmico, foi observado nesta pesquisa, que ainda não há um aprofundamento na investigação da temática do jornalismo de dados inserido na televisão, mas alguns termos para denominar esta assimilação na TV foram encontrados: visualização guiada por dados na TV (Freitas, 2018) e telejornalismo de dados (Vallim; Reis, 2023).

Percurso metodológico

Em razão do objetivo proposto neste trabalho, como primeiro passo da pesquisa foi realizada a coleta de dados. O objeto da pesquisa foram telejornais de estados da região norte, de emissoras afiliadas à rede Globo, que seguem a mesma linha editorial. Foram selecionados para compor a amostra da análise os trechos dos telejornais dos dias 06 de abril de 2021 e 07 de abril de 2021³⁵. Esse recorte temporal se justifica pelo registro de 4.211 mortes por Covid-19 em 24 horas no Brasil no dia 06 de abril de 2021. Esse número de óbitos foi o dia mais letal da doença.

Pela instabilidade em relação à divulgação dos dados, durante a pandemia da doença, optou-se por também selecionar a exibição posterior ao dia em que foi divulgado o recorde em número de mortes por Covid-19, em um só dia. Os trechos selecionados para a análise foram apenas os que se tratavam da divulgação de dados da Covid-19 ou da vacinação contra a doença, independente do formato: reportagem, nota ou nota coberta.

Todos os telejornais são de emissoras afiliadas ao conglomerado de mídia, Rede Globo. Tal escolha se deu pela padronização da publicação dos recortes dos telejornais na plataforma de streaming Globoplay³⁶. Além disso, para representar cada estado da região norte foi escolhido o mesmo telejornal

transmitido na mesma grade de horário das programações das emissoras de televisão, a fim de evitar que as diferentes linhas editoriais de cada telejornal influenciassem de alguma forma os resultados obtidos na pesquisa. No processo de coleta dos materiais foi descartado o telejornal Jornal do Acre 1ª Edição, da Rede Amazônica, em razão da plataforma Globoplay não apresentar o material referente ao recorte temporal delimitado. Após a coleta dos trechos nos quais a edição dos telejornais abordou a divulgação de dados da Covid-19 ou da vacinação contra a doença, utilizando recursos de infografia ou visualização de dados, foram destacados e isolados em um quadro os frames que se adequaram a esses critérios.

Para melhor compreensão de cada unidade do material de análise foi disposto um padrão de referência descrito no quadro a seguir, onde a variação dos códigos ocorre apenas no “DD” de cada um, que se refere à data de exibição do material, podendo variar em 06 e 07 (os dias que correspondem à exibição da edição do telejornal).

Quadro 1: Referência dos materiais

Código de referência	Telejornal
JA1FddTO	Jornal Anhanguera 1ª Edição da TV Anhanguera
JL1FddPA	Jornal Liberal 1ª Edição da TV Liberal
JAM1FddAM	Jornal do Amazonas 1ª Edição da Rede Amazônica
JRR1FddRR	Jornal de Roraima 1ª Edição da Rede Amazônica
JRO1FddRO	Jornal de Rondônia 1ª Edição da Rede Amazônica
JAP1FddAP	Jornal do Amapá 1ª Edição da Rede Amazônica

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Foi analisada a linguagem verbal-escrita e a linguagem icônico-não verbal do material, aplicando técnicas indicadas por Bardin (2011), para fazer inferências quantitativas e qualitativas em relação ao conteúdo. Foram agrupadas as seguintes categorias de análise: origem dos dados, função da infografia, utilização do jornalismo de dados, extensão narrativa, configuração de mídia, formato durante a infografia e representação gráfica. Os significados de cada categoria de análise e variações estão descritos no quadro a seguir.

Quadro 2: Lista de parâmetros das categorias de análise.

Categoria	Variação	Explicação
Origem dos dados	não se aplica	Não é revelada a informação sobre a origem dos dados apresentados.
	apresenta	É revelada se a origem dos dados é do uso da Lei de Acesso à Informação, de bancos de dados públicos e privados, dentre outros.
Função da infografia	analítica	Refere-se às infografias que apresentam conexões nas informações, com possíveis padrões não evidentes, que poderiam ficar de fora da percepção do público se não houvesse a infografia (Cairo, 2008).
	estetizante	Considera-se as infografias que apresentam informações de forma visual e gráfica apenas para facilitar a análise de informações para o público ou para quem interagem com a infografia em um contexto informativo (Cairo, 2008).

Utilização do jornalismo de dados	Apresenta	Caracterizado pela busca ou elaboração própria das bases de dados utilizadas; pela estrutura da base de dados por meio da comparação com outros dados a fim de interpretar os dados; pela visualização dos dados por meio da apresentação de gráficos ou infográficos, além da interpretação dos dados por meio de uma análise (Mancini; Vasconcellos, 2016).
	Não se aplica	Caracterizado por não apresentar as características elaboradas por Mancini e Vasconcellos (2016), descritas na linha anterior.
Extensão narrativa	Não se aplica	A infografia apresentada na televisão não ganha uma narrativa complementar e própria na web (Freitas, 2018).
	Apresenta	Compreende o “conteúdo que ‘transborda’ dos infográficos criados para a televisão a partir de bases de dados. Esses novos produtos ganham, portanto, uma narrativa própria na web, complementando e/ou desdobrando os temas tratados pela reportagem exibida na tevê” (Freitas, 2018, p. 58).
Configuração de mídia	Estático	O conteúdo é estático caso não apresente movimento (Paul, 2007).
	Dinâmico	O conteúdo é dinâmico caso apresente movimento (Paul, 2007).
	Ambos	O conteúdo apresenta partes dinâmicas e estáticas (Paul, 2007).
Formato durante a infografia	Off	Compreende-se por off a voz do repórter ou apresentador de telejornalismo falando sem aparecer no vídeo, é a narração corrente do texto jornalístico (Nodari, 2014).
	Nota coberta	Uma informação coberta com imagens, recursos de infografia que pode ser gravada ou ao vivo (Cajazeiras, 2015).
	Link	Participações ao vivo de outros lugares que não seja o estúdio de televisão (Cajazeiras, 2015).
Representação gráfica	Tabela	Infográficos quantitativos por meio de representações tabulares (Souza, 2009).
	Texto	Apresentação de informações utilizando recursos em formato de letterings (Cabral, 2012).
	Gráfico Pizza	Infográficos quantitativos por meio de representações gráficas em formas abstratas como gráficos de barras, linhas e pizzas (Souza, 2009). Considerando como pizza a partir da representação em formas circulares divididos em referência aos dados
	Gráfico coluna	Infográficos quantitativos por meio de representações gráficas em formas abstratas como gráficos de barras, linhas e pizzas (Souza, 2009). Considerando como coluna, a partir da presença de um plano cartesiano e linhas verticais.
	Gráfico barra	Infográficos quantitativos por meio de representações gráficas em formas abstratas como gráficos de barras, linhas e pizzas (Souza, 2009). Considerando aqui como barra, a partir da presença de um plano cartesiano e linhas horizontais.
	Mapa	Infográficos quantitativos por meio de representações geográficas, como mapas (Souza, 2009)

Fonte: Elaborado pelos autores.

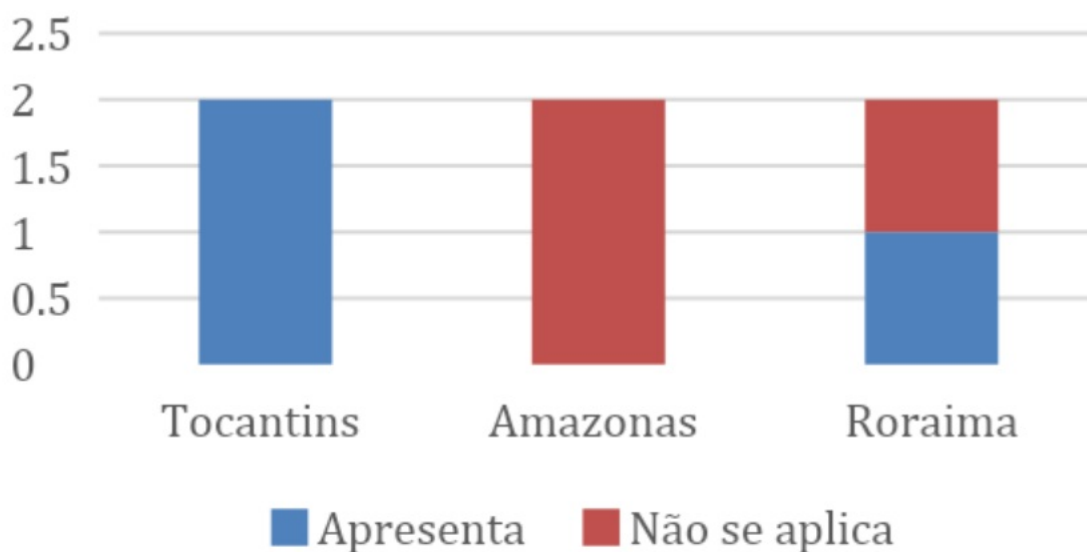
Após o processo de categorização de todo o material, a pesquisa partiu para etapa de realização das inferências quantitativas e qualitativas a partir dos resultados obtidos, que estão descritos no tópico seguinte.

Resultados e análise

Na aplicação das categorias no material analisado, ocorreram casos em que alguns telejornais não divulgaram - durante os dois dias de edições - dados referentes ao cenário epidemiológico da pandemia da Covid-19 ou da vacinação contra a doença; ou que divulgaram esses dados apenas em linguagem verbal. Foi o caso do Jornal Liberal 1ª Edição, da TV Liberal (Pará); Jornal de Roraima 1ª Edição; da Rede Amazônica (Roraima) e Jornal do Amapá 1ª Edição, da Rede Amazônica (Amapá). Por se tratar de uma análise da linguagem verbal-escrita e a linguagem icônico-não verbal do material, esses telejornais não exibiram nenhum dado quantitativo.

Dessa forma, somente houve dados dos seguintes telejornais: Jornal Anhanguera 1ª Edição, da TV Anhanguera (TO); Jornal do Amazonas 1ª Edição, da Rede Amazônica e Jornal de Roraima 1ª Edição, da Rede Amazônica. A categoria de origem de dados identificou diferentes perfis em cada telejornal, mas com uma maior expressividade na ação de não apresentar a origem dos dados visualmente exibidos.

Gráfico 1: Categoria - Origem dos dados.

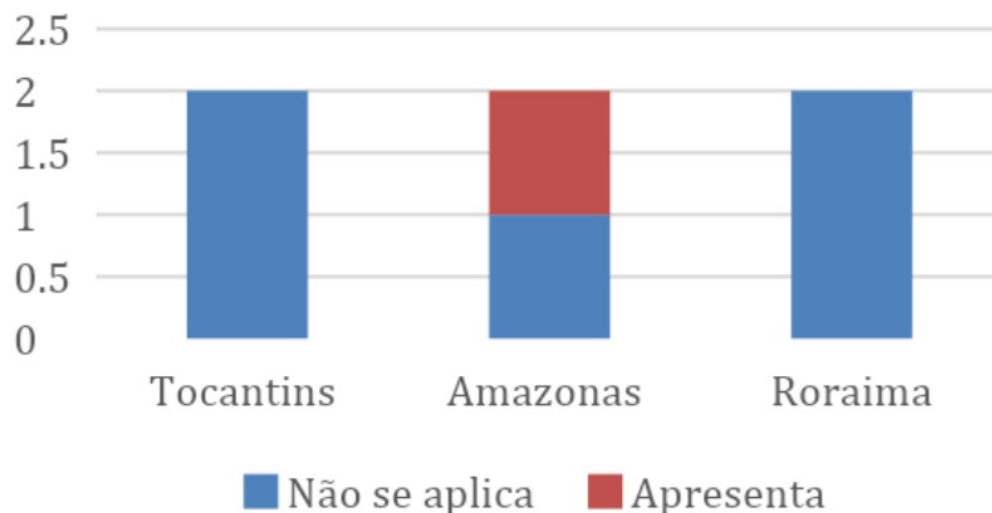


Fonte: Elaborado pelos autores.

Já nas categorias de função da infografia e utilização do jornalismo de dados, todos os telejornais de forma unânime apresentaram as variações apenas em estetizante (função da infografia) e não se aplica (emprego do jornalismo de dados). Dessa forma podemos inferir que os telejornais não assimilaram técnicas do jornalismo de dados e que os recursos de infografia exibidos se limitaram à função de trazer facilidade na exposição de informações ao público, o que se observa que alguns recursos da infografia foram inexplorados.

Na categoria de extensão narrativa, observou-se que apenas o Jornal do Amazonas 1ª Edição retratou em uma das edições a conexão narrativa para web, conforme é possível visualizar no gráfico a seguir.

Gráfico 2: Categoria - Extensão narrativa.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Observa-se que essa exibição de extensão narrativa é direcionada para um portal da web de domínio do governo estadual do Amazonas, que é utilizado para divulgar dados referentes à imunização.

Figura 4: Telejornal do Amazonas apresenta extensão narrativa.



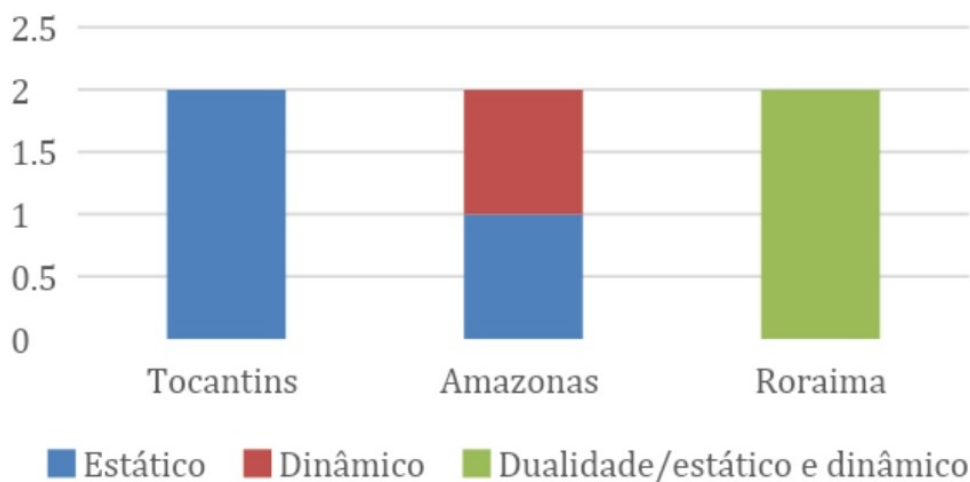
Fonte: Captura de tela do trecho do telejornal disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9417866/>.

No Jornal Anhanguera 1ª Edição, apesar de não apresentar extensão narrativa, o telejornal utiliza a projeção em tempo real de um site do governo estadual do Tocantins (<http://integra.saude.to.gov.br/covid19>) que é utilizado para divulgar informações sobre o cenário epidemiológico da Covid-19 no estado. Freitas (2018, p. 112) avalia que, com a extensão narrativa na televisão, a infografia “configura, aos poucos, não apenas uma ferramenta para dar forma aos dados sobre a realidade, mas também um potencial elo de ligação entre diferentes meios, preservando a

centralidade da televisão”.

A categoria de configuração de mídia apresentou diversidade no movimento da infografia utilizada, conforme é possível observar na figura 5. No caso da categoria de formato durante a infografia, a abordagem dos dados da Covid-19 e da vacinação contra a doença com a aplicação da infografia foi empregada em grande parte pelos telejornais em notas cobertas, apenas no caso do telejornal de Roraima, que a operação ocorreu, exclusivamente, em links ao vivo de repórteres da emissora.

Gráfico 3: Categoria - Configuração de mídia.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Já na categoria de representação gráfica foi observado um maior registro das variações de texto e tabela, evidenciando como os recursos de infografia foram inexplorados pelos telejornais nesse contexto da covid-19. Apesar do Jornal Anhanguera 1ª Edição ter retratado uma diversidade de variações de representação gráfica, reforçamos que o telejornal utiliza a projeção de uma página da web, que contém apresentações infográficas de dados da Covid-19 no estado.

Considerações finais

Este capítulo nasceu a partir da proposta de identificar a utilização de recursos de infografia ou da visualização de dados no telejornalismo da região norte do país fundamentado pela delimitação de um corpus e pela aplicação de técnicas de análise de conteúdo. A pesquisa então cumpriu-se em delimitar um corpus diante de critérios definidos, identificar os recursos empregados e categorizá-los como jornalismo de dados ou não. Diante dos resultados obtidos, observou-se que apesar da pandemia da Covid-19 ter acelerado esse desenvolvimento no telejornalismo nacional, os telejornais da região norte – estudados aqui – ainda não haviam entrado em processo de assimilação do jornalismo de dados em suas redações.

Diante da aceleração na assimilação do jornalismo de dados na televisão por meio da visualização de dados, havia a hipótese de que a ação de incorporação estaria ocorrendo na região. Mas, considerando que o jornalismo de dados ainda é uma prática jornalística relativamente recente no mercado brasileiro, entende-se que a consolidação da prática nos estados brasileiros é um fator importante para a assimilação do jornalismo de dados no telejornalismo.

Além disso, as considerações dos recursos inexplorados da infografia utilizados na época apontam uma dificuldade dos veículos, que poderá ser investigada em outros trabalhos. Dessa forma, cumpriu-se a identificação dos recursos infográficos exibidos pelos telejornais nortistas em um período

marcado pela pandemia da Covid-19 e sua caracterização fora do emprego de técnicas do jornalismo de dados. Visto que as práticas identificadas não manifestaram características consideradas basilares no jornalismo de dados, como a produção própria da base de dados, o cruzamento de bases de dados ou a interpretação de dados por meio de uma análise.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Lucas Vieira. A web e o jornalismo de dados: mapeamento de conceitos chave. Dispositiva, Minas Gerais, n.º5, v.2, p.144-163, ago. 2016.

BARBOSA, Suzana. Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD): Um paradigma para produtos jornalísticos digitais dinâmicos. 2007. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2007.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. 1 ed. São Paulo: Edições 70, 2011.

CABRAL, Águeda. Realidade Expandida: narrativas do digital, edição e produção de sentidos no telejornalismo. [Tese de Doutorado]. Recife: UFPE, 2012.

CAIRO, Alberto. Infografia 2.0: visualización interactiva de información em prensa. Madrid: Alamut, 2008.

CAIRO, Alberto. The truthful art: data, charts and maps for communication. United States of America: New Riders, 2016.

CAJAZEIRAS, Paulo Eduardo, et all. Manual os doze passos em telejornalismo. Cariri, 2015.
CALEFFI, Renata; PEREIRA, Ariane. Quantos números têm aqui? A utilização de dados pelo Fantástico na cobertura da Covid-19 no Brasil. Revista Lumina, Juiz de Fora, PPGCOM – UFJF, v. 15, n. 3, p. 23-39, set./dez. 2021.

CRUCIANELLI, Sandra. ¿Qué es el periodismo de datos?. Cuadernos de Periodistas. Madrid, n. 26, p.106-124, 2013.

ESTEVANIM, Mayanna. Processos no jornalismo digital do Big Data à Visualização de Dados. 2016. Dissertação (Mestre em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), São Paulo, 2016.

ESTEVANIM, Mayanna. Visualização de dados jornalísticos: a produção na perspectiva da narrativa como sistema. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO. 2018. São Paulo, ed. 16. Anais eletrônicos. 2018.

FREITAS, Fabiana Rossi da Rocha. A Visualização Guiada Por Dados Na Tv: O Infográfico Como Efeito De Realidade E Elemento De Articulação Da Narrativa Telejornalística. Dissertação (mestrado) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, p. 155. 2018.

GOMES, Mylla Claudia Marcolino dos Santos; SANTOS, Fabiana Crispino. A atuação do Consórcio de Veículos de Imprensa na pandemia de COVID-19 no Brasil. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio

de Janeiro, 2021.

GRANDIN, Felipe Rodrigues. A contribuição do jornalismo guiado por dados para a criação de valor nas organizações jornalísticas. Dissertação (Mestrado em Comunicação) Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Educação e Humanidades, Faculdade de Comunicação Social. Rio de Janeiro, 2014.

JENKINS, H. Cultura da convergência. 2. ed. São Paulo: ALEPH, 2009.

MANCINI, Leonardo; VASCONCELLOS, Fabio. Jornalismo de Dados: conceito e categorias. Fronteiras – estudos midiáticos, Rio Grande do Sul, n. 18, p 69-82, abr, 2016.

MIELNICZUK, Luciana. Jornalismo na web: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual. 2003. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

NODARI, Sandra. Off - o mal (des)necessário: a produção de reportagens sem locução. Revista Dito feito.v. 5, n. 7, Curitiba, jul./dez. 2014.

PAUL, Nora. Elementos das Narrativas Digitais. In: FERRARI, Pollyana. Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital. São Paulo: Editora Contexto, 2007, p.161-185.

QUEIRÓS, Francisco Aquinei Timóteo. “Em terra de índio, a mineração bate à porta”: um estudo sobre o jornalismo de dados em A Pública. Revista Comunicação Cultura e Sociedade. Tangará da Serra - MT, n.06, vol. 6, p. 59-69, set. 2017.

REGES, Thiara Luiza da Rocha. Características e gerações do Webjornalismo: análise dos aspectos tecnológicos, editoriais e funcionais. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) – Faculdade São Francisco de Barreiras. Barreiras, 2010.

RODRIGUES, Adriana Alves. Visualização de dados na construção infográfica: abordagem sobre um objeto em mutação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 2010.Caxias do Sul, ed. XXXIII, Anais eletrônicos. 2010.

SANTI, Vilso Junior Chierentin. O processo de apuração no webjornalismo de quarta geração. ECO-Pós, v.12, n.3, dez. 2009, p. 181-194.

SANTOS, Mathias Felipe de Lima. TEM #DDJBR AQUI? Mapeando a presença do jornalismo de dados no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 42º, 2019, Belém- PA: InterCom. Anais, p.1-16.

SOUSA, Maryanne Marques Gonçalves Paulino. Visualização de dados em narrativas jornalísticas sobre gênero: Análise da revista digital Gênero e Número. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO. Anais eletrônicos. 2020.

SOUZA, Raphael. A visualização da informação quantitativa em jornalismo televisivo: classificação de infográficos em vídeo. 2009. Dissertação (Mestrado em Design). Programa de Pós-Graduação em Design, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

TRÄSEL, Marcelo Ruschel. Entrevistando planilhas: estudo das crenças e do ethos de um grupo de

profissionais de jornalismo guiado por dados no Brasil. Tese (Doutorado em Comunicação Social) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de comunicação. Porto Alegre, 311 p. 2014.

TRÄSEL, Marcelo. Jornalismo Guiado por Dados: características definidoras e uma proposta de formulação do conceito. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 15º, 2017, São Paulo - SP: SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 1-16.

VALLIM, Ester Rocha; REIS, Marco Aurélio. Bases epistemológicas sobre Telejornalismo de Dados no Brasil. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Juiz de Fora, 2023.

VENTURA, Mariane Pires. Jornalismo de Dados como diferencial: o caso do Nexô. Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo, Ponta Grossa v.5, n.2, p. 240-254, dez. 2018.

Notas de fim

- 1 O conteúdo completo pode ser acessado no link: <https://shre.ink/r60O>.
- 2 Série composta por seis mini documentários, disponibilizada no canal do Youtube da agência Amazônia Real no endereço eletrônico <https://www.youtube.com/playlist?list=PLqMtaGr8FwvRO15Ps3J9QjMlc1SXZx8yX>
- 3 A informação sobre a finalidade das produções foi retirada da sinopse do primeiro episódio da série Vozes que resistem, intitulado Erasmo Alves Teófilo: “Gado não pode valer mais do que gente”, disponível no canal do YouTube Amazônia Real.
- 4 Aqui, o termo é citado como dito pelo indígena no documentário, no caso, referindo-se aos homens não indígenas responsáveis pela instalação e manutenção dos empreendimentos econômicos em suas terras.
- 5 Off é o texto narrado pelo repórter sem que sua imagem apareça na tela. Já no boletim o repórter aparece na tela ao mesmo tempo em que narra a notícia. “O boletim apresenta uma informação relevante que é dada pelo repórter que aparece na tela” (Emerim, 2010, p. 09), conforme a autora, esse estilo é muito utilizado quando não se tem imagens.
- 6 A sonora é o trecho selecionado da entrevista realizada pelo repórter com os entrevistados que é usado para complementar a reportagem” (Emerim, 2010, p. 09).
- 7 A cabeça é a parte que vai ser lida pelo apresentador do telejornal. Para Paternostro (1999), a cabeça deve conquistar, seduzir e convidar o telespectador a assistir a reportagem.
- 8 CABEÇA – Alexandre Garcia: “Hoje, Dia de Finados, os cemitérios de Norte a Sul do país estavam lotados para as homenagens”.
- 9 OFF–Ricardo Soares/Repórter: Uma comunidade quilombola de Tocantins deixa a tristeza de lado para celebrar o dia de finados com música e dança. Manifestação centenária no Morro de São João. SONORA – Severino Guimarães/Quilombola: Não adianta a gente pensar que não vai passar por isso, porque todos têm que passar, então a gente tem que conformar e ter a alegria de ter essa oportunidade de tá sendo comemorado por nós que ainda estamos vivos.
- 10 Ver mais em: <https://brasil.un.org/pt-br/240543-coletiva-de-imprensa-do-secret%C3%A1rio-geral-da-onu-sobre-o-clima#:~:text=Hoje%2C%20a%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Meteorol%C3%B3gica%20Mundial,do%20m%C3%AAs%20para%20saber%20disso>.
- 11 Disponível em: <https://www.setembroamarelo.com/>. Acesso em 04 mar 2024.
- 12 Disponível em: <https://www.setembroamarelo.com/>. Acesso em 04 mar 2024.
- 13 Disponível em: <https://www.setembroamarelo.com/>. Acesso em 16 fev 2024.
- 14 Antigamente, a saúde e a doença eram atribuídas a uma única causa. Com o avanço da ciência ao longo dos anos, diversas perspectivas surgiram para explicar as doenças, desde crenças em forças

malignas e espirituais até práticas de cura sem embasamento científico, como a trepanação. Atualmente, reconhece-se a importância de uma abordagem biopsicossocial ao discutir saúde e doença. Esse ponto de vista considera que a saúde e outros comportamentos são influenciados pela interação entre mecanismos biológicos, psicológicos e fatores sociais (Straub, 2014).

15 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES) — Código de Financiamento 001.

16 Agência Lupa. Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/>>. Acesso em: 8/5/2024.

17 Conforme o relatório da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) e a OMS, o termo infodemia se refere a “um grande aumento no volume de informações associadas a um assunto específico, que podem se multiplicar exponencialmente em pouco tempo devido a um evento específico, como a pandemia atual. Nessa situação, surgem rumores e desinformação, além da manipulação de informações com intenção duvidosa. Na era da informação, esse fenômeno é amplificado pelas redes sociais e se alastra mais rapidamente, como um vírus”. (OPAS [online, 2020, p. 1-5]. Disponível em: <<https://iris.paho.org/handle/10665.2/52054>>. Acesso em: 8/5/2024).

18 Senado Federal. [online, 5/7/2021]. Desinformação e fake news são entrave no combate à pandemia, aponta debate. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias>>. Acesso em: 3/10/2023.

19 Partido dos Trabalhadores. [online, 18/6/2020]. Governo Bolsonaro não assina compromisso global contra fake news. Disponível em: <<https://pt.org.br/>>. Acesso em: 30/11/2023.

20 Entende-se o termo “Fake News” a partir do que Nemer (2020, p. 113) aponta: “A desinformação é muitas vezes confundida com Fake News, porém Fakes News é um termo guarda-chuva que cobre uma gama de conceitos pertencentes à categoria de falsidades ou mentiras, incluindo a própria desinformação. A Fake News nem sempre tem a intenção de enganar, por exemplo, pode ser uma informação falsa ou imprecisa que foi criada ou disseminada por engano, ou inadvertidamente. A Fake News pode ser também uma informação verdadeira que quando usada fora do contexto pode desinformar”.

21 G1. Fantástico. [on-line, 03/05/2020]. Mais de 70% dos brasileiros com internet já acreditaram em uma fake news sobre coronavírus. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fantastico/>>. Acesso em: 26/11/2023.

22 G1. [online, 19/10/2021]. Ele deixou de ir ao hospital por acreditar em tratamento precoce e não levar a Covid a sério: ‘Meu pai foi vítima das fake news’. Disponível em: <<https://g1.globo.com>>. Acesso em: 26/11/2023.

23 G1. [online, 10/03/2020]. Bolsonaro diz que ‘pequena crise’ do coronavírus é ‘mais fantasia’ e não ‘isso tudo’ que a mídia propaga. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia>>. Acesso em: 26/11/2023.

24 G1. [online, 05/10/2020]. Cientistas da Unicamp mapeiam desinformação sobre Covid-19 e afirmam que pseudociência se propaga como epidemia. Disponível em: <https://g1.globo.com/>. Acesso em: 26/11/2023.

25 G1. [online, 14/03/2022]. Fato ou Fake: Por que as pessoas criam fake news?. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia>. Acesso em: 26/11/2023.

26 Primeira vítima do coronavírus no Tocantins: Francisca Romana Sousa Chaves, de 47 anos.

Falecimento: 14/04/2020.

27 Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/05/dados-do-coronavirus-bolsonaro-defende-excluir-de-balanco-numero-de-mortos-de-dias-anteriores.ghtml> .

28 Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2023/01/28/criado-para-divulgar-dados-sobre-covid-consorcio-de-veiculos-de-imprensa-chega-ao-fim.ghtml> e em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/08/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.ghtml> .

29 Pesquisadores da prática utilizam os termos “jornalismo guiado por dados” e “jornalismo de dados” para nomear a prática. Apesar da diferente nomenclatura, os termos se referem a uma mesma prática jornalística.

30 O jornalismo de precisão é uma prática de apuração jornalística criada pelo repórter Philip Meyer. A prática é caracterizada pela aplicação dos métodos de pesquisa social e comportamental do jornalismo e isso pode incluir o computador ou não (Träsel, 2014).

31 De acordo com Träsel (2014, p.33) “A RAC se apresentava como uma alternativa para realizar investigações com poucos recursos e, ao mesmo tempo, garantir algum grau de autonomia dos repórteres frente às fontes oficiais. Porém, o uso destas técnicas dependia da iniciativa individual dos jornalistas, na maioria dos casos”.

32 Tradução nossa.

33 Essa prática teve sua origem no cinema e na animação e foi incorporada na tv a partir da década de 1960, com a criação dos logotipos animados. Essa prática foi inicialmente assimilada na tv norte americana e posteriormente difundida na TV de todo mundo.

34 Refere-se a representação do texto como uma ilustração, formato que une escrita e desenho.

35 Disponível em <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/04/06/brasil-bate-marca-de-4-mil-mortes-por-covid-registrados-em-um-dia-e-soma-3376-mil-na-pandemia.ghtml> .

36 A coleta ocorreu apenas na sessão “Trechos” de cada um dos telejornais. Apesar de alguns telejornais apresentarem a íntegra da edição, a maioria disponibiliza apenas recortes da íntegra do telejornal. Assim, nesta pesquisa optou-se por utilizar apenas os recortes presentes na sessão “Trechos”.

Sobre os autores:



Alan Milhomem da Silva - Docente do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá; doutor em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mestre em Comunicação e Sociedade pela Universidade Federal do Tocantins (UFT) e bacharel em Comunicação Social - Hab. em Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão. E-mail: alan.milhomem@unifap.br.



Ana Luiza da Silva Dias - Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação pela Universidade Federal do Tocantins (PPGCOM-UFT); graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Tocantins (2017); graduanda em Direito pela Universidade Estadual do Tocantins (Unitins). É pesquisadora do Grupo de Pesquisa Jornalismo e Multimídia (CNPq/UFT) e gerente de jornalismo na Secretaria de Estado da Educação do Tocantins (Seduc). E-mail: analuiza_sd@mail.uft.edu.br.



Angélica Lima Mendonça - Mestranda em Comunicação e Sociedade (PPGCom) pela Universidade Federal do Tocantins (UFT); Especialista em Estudos Latino-Americanos e Territorialidades e Jornalista (DRT/TO 0341) pela mesma instituição; Pós-graduanda em Políticas Públicas para Cidades Inteligentes - Universidade de São Paulo (USP); Repórter fotográfica no Governo do Tocantins; Membro do Grupo de pesquisa Comunicação, Direito e Igualdade (CODIG) (CNPq). E-mail: angelpmw@gmail.com.



Anna Karolyne Souza Miranda - Pesquisadora de Treinamento Técnico em Inovação e Políticas Públicas no Instituto de Geociências e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista (IGCE/UNESP), mestra em Comunicação e Sociedade pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), especialista em Métodos e Técnicas de Investigação Social pelo Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO) e bacharela em Comunicação Social - Hab. Jornalismo (UFT). Email: annaksmiranda@gmail.com.



Anne Karianny de Sousa Moreira - Mestre em Comunicação e Sociedade (PPGCOM) pela Universidade Federal do Tocantins (UFT); Bacharel em Jornalismo pela mesma instituição. Membro da Câmara Setorial de Comunidades Afrobrasileiras e Quilombolas - Conselho Estadual de Política Cultural/SECULT. Quilombola do território Morro de São João município de Santa Rosa- Tocantins. Jornalista e superintendente da Comunicação na prefeitura de Porto Nacional -TO E-mail: karianny@mail.uft.edu.br.



Andréia Fernandes da Silva - Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), mestranda em Comunicação e Sociedade (POGCom/UFT), membro do grupo de pesquisa Comunicação e Saúde (COESA), Diretora de Comunicação da Universidade Estadual do Tocantins (Unitins). E-mail: andreeiafernandes@gmail.com.



Francielly Oliveira Rodrigues da Silva - Mestre em Comunicação e Sociedade (PPGCOM) pela Universidade Federal do Tocantins (UFT); Bacharel em Jornalismo pela mesma instituição. Pós-graduanda em Inovações Educacionais para a Prática Docente na Escola Superior da Magistratura Tocantinense (Esmat). Editora de Imagem no mesmo órgão. E-mail: francielly.oliveira@mail.uft.edu.br.



Geovanna Gomes de Moraes - Docente do curso de Psicologia da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA/PALMAS). Mestre em Comunicação e Sociedade (PPGCom) pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Psicóloga (CRP 23/1723) pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA). Especialista em Neuropsicologia pelo Núcleo de Ensino e Pesquisa em Neurociências (NepNeuro). Membro do Grupo de Pesquisa Comunicação em Saúde (COESA) - CNPq. E-mail: psigeovannagomes@gmail.com.



Ingrid Pereira de Assis - Docente do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCOM), da Universidade Federal do Tocantins (UFT); doutora em Jornalismo, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mestra em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e bacharela em Comunicação Social – Hab. Jornalismo pela mesma instituição. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Aplicada em Jornalismo (PAJor) (CNPq). E-mail: ingrid.assis@mail.uft.edu.br.



José Uendel Souza da Costa - Mestre em Comunicação e Sociedade (PPGCom) pela Universidade Federal do Tocantins (UFT) e Bacharel em Jornalismo pela mesma instituição. Pós-graduando em Jornalismo de Dados, Inteligência Artificial e Pesquisa Netnográfica na Universidade do Pará (UFPA). É membro do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Multimídia (CNPq). E-mail: uendel.souza@mail.uft.edu.br.



Liana Vidigal Rocha - Docente do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCOM), da Universidade Federal do Tocantins (UFT); doutora e mestra em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Líder do Grupo de Pesquisa em “Jornalismo e Multimídia” (CNPq/UFT), membro do Grupo “Geografias da Comunicação”, da Intercom. E-mail: lianavidigal@uft.edu.br.



Liliam Deisy Ghizoni - Professora do Departamento de Psicologia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); doutora em Psicologia Social do Trabalho e das Organizações pela Universidade de Brasília (UNB), Mestra em Educação pela UFSC, Psicóloga pela Universidade do Vale de Itajaí (UNIVALI), com pós-doutorado em Administração pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e pós-doutorado em Psicologia pela UFSC. E-mail: liliam.ghizoni@ufsc.br.



Marco Túlio Pena Câmara - Docente do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCOM) da Universidade Federal do Tocantins (UFT); doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), mestre em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). E-mail: marco.camara@mail.uft.edu.br.

Esse livro nasce de um esforço coletivo dos discentes, hoje, muitos deles egressos, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade (PPGCom), da Universidade Federal do Tocantins (UFT), no âmbito da disciplina de Audiovisualidades na Mídia, em refletir sobre as diversas produções audiovisuais, situando seus estudos e investigações no Norte do país. É um pensar sobre nós, a partir do nosso ponto de vista. É o Norte pelo Norte.

Para além disso, este livro, que é organizado pela coordenadora do Grupo de Pesquisa Aplicada em Jornalismo (PAJor) (CNPq), Ingrid Pereira de Assis, e sua orientanda, Anna Karolyne Souza Miranda, também integrante do grupo, concentra pesquisadores dos mais diferentes grupos de pesquisa do Norte do país, dentre eles: Grupo de Pesquisa em “Jornalismo e Multimídia” (CNPq/UFT), Grupo de pesquisa Comunicação, Direito e Igualdade (CODIG) (CNPq) e Grupo de Pesquisa Comunicação em Saúde (COESA). Todos, nos seus mais diferentes domínios, pensando o audiovisual, suas especificidades e mudanças. É, portanto, mais que um livro, é diálogo.

Uma realização:

